



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO - PROPESPI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE DOUTORADO

ÂNGELA ALVES DE ARAÚJO BARBOSA

**GESTOS DE AUTORIA EM DISSERTAÇÕES:
UMA ANÁLISE DIALÓGICO-DISCURSIVA**

RECIFE

2023

ÂNGELA ALVES DE ARAÚJO BARBOSA

**GESTOS DE AUTORIA EM DISSERTAÇÕES:
UMA ANÁLISE DIALÓGICO-DISCURSIVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora na área de Teoria e Análise da Organização Linguística.

Linha de pesquisa: Processos de Organização Linguística e identidade social

ORIENTADORA: Profa. Dra. Rossana Ramos Henz

COORIENTADORA: Profa. Dra. Elaine Pereira Daróz

RECIFE

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

B238g Barbosa, Ângela Alves de Araújo
Gestos de autoria em dissertações : uma análise dialógico-
discursiva / Ângela Alves de Araújo Barbosa, 2023.
127 f. : il.

Orientadora: Rossana Ramos Henz
Coorientadora: Elaine Pereira Daróz
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
Doutorado em Ciências da Linguagem, 2023.

1. Análise do discurso. 2. Ponto de vista (Literatura).
3. Estudantes universitários. 4. Redação acadêmica.
5. Trabalhos científicos. I. Título.

CDU 801

Luciana Vidal CRB4/1338

ÂNGELA ALVES DE ARAÚJO BARBOSA

**GESTOS DE AUTORIA EM DISSERTAÇÕES: UMA ANÁLISE DIALÓGICO-
DISCURSIVA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Doutora em Ciências da Linguagem. A presente tese foi defendida e aprovada em 22/09/2023 pela banca examinadora e constituída pelos (as) professores (as):

Profa. Dra. Rossana Regina Guimarães Ramos Henz (Orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Profa. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado (Examinadora Interna)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Prof. Dr. Dario Brito Rocha Junior (Examinador Interno)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Prof. Dr. Fábio Marques de Souza (Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Profa. Dra. Lilian Barbosa (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco (UPE)

RECIFE
2023

Muitos outros habitam o texto e é no interior dessa multiplicidade que se produzem, ao mesmo tempo, um conhecimento do objeto e uma singularidade de autor.

(Amorim, 2004)

Dedico a Deus e à minha família, que tanto amo! Especialmente, à minha filha Joyce, ao meu filho caçula Toshi, ao meu irmão caçula e filho de coração Daniel, à minha mãe Ivete, ao meu pai Daniel Monteiro de Araújo (*in memoriam*) e às minhas avós, Iracema Alves e Maria Monteiro (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter permitido a realização deste trabalho em tempos tão difíceis.

À minha família por toda ajuda e paciência em amor para a concretização deste trabalho. Agradecimento especial a Elizabete Cristina (Cris) e a Janine Barbosa (Nine).

Aos irmãos em Cristo de Caruaru pelas orações de intercessão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes/Prosuc pela concessão da bolsa de doutorado.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, gratidão que se estende às professoras e aos professores, às funcionárias e aos funcionários, às colegas e aos colegas dos cursos de mestrado e doutorado e do estágio pós-doutoral. Agradecimento especial a Gesilda Marques e a Denise Lima pela ajuda e amizade nesta trajetória.

À coordenadora Isabela Barbosa do Rêgo Barros pela atenção disponibilizada.

À professora Dóris Arruda Caneiro da Cunha pelas orientações iniciais e ao Grupo de Pesquisa-Núcleo de Estudos Dialógicos e Textuais.

Às professoras orientadoras Rossana Ramos Henz e Elaine Pereira Daróz pelo afetuoso acolhimento para a continuidade das orientações, para a concretização deste trabalho.

Ao professor Benedito Gomes Bezerra e à professora Roberta Varginha Ramos Caiado, líderes do Grupo de Pesquisa Gênero, Texto e Ensino – GETE.

À professora Maria Otilia Ninin pelos diálogos.

Ao professor Fanuel Melo Paes Barreto, integrante do corpo docente do departamento de Letras da Unicap.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem, Leitura e Letramento – GEPELLL (UEPB/UFPE), especialmente, às professoras Sandra Patrícia Ataíde e Fabiola Mônica da Silva Gonçalves pelo apoio e incentivo contínuo.

Aos membros da banca examinadora pela aceitação do convite para a participação da defesa de tese.

Agradecimento especial a Laura pela revisão final da versão do resumo em língua francesa.

A todos/as que apoiaram a realização deste trabalho.

RESUMO

Nosso trabalho de doutoramento está fundamentado na Teoria Dialógica, que concebe à linguagem a sua natureza dialógica e aos gêneros do discurso mais do que modos particulares de comunicação discursiva, mas também como modos de relação e de compreensão de mundo indissociáveis do elemento da autoria. A voz do jovem pesquisador, em textos acadêmico-científicos de Ciências Humanas, tem sido apontada por estudos discursivos e textuais como objeto tendente ao apagamento, constatação que agrega elementos ao nosso problema de pesquisa sobre a constituição da voz do pesquisador mestrando em escritos de textos da seção de fundamentação teórica do gênero do discurso dissertação de mestrado. A nossa tese é de que os autores da pesquisa inscrevem suas vozes nas fundamentações teóricas em variabilidade de modos, em diferentes gestos de autoria. Com o objetivo geral de investigar como se dão os gestos de autoria na fundamentação teórica de dissertações de mestrado, os objetivos específicos estão delineados no sentido de: (i) identificar as vozes introduzidas e os pontos de vista na fundamentação teórica de dissertação de mestrado; (ii) analisar os movimentos dialógico-discursivos na fundamentação teórica, que são movimentos de sentido. A metodologia é qualitativa, sendo manejada mediante o procedimento da Análise Dialógica do Discurso, que não propõe um método predeterminado, fixo e replicável, mas, sim, uma análise ativa e flexível, de modo a delinear um estilo único de cada analista dialógico. O *corpus* de nossa pesquisa está composto por textos de fundamentações teóricas de duas dissertações de mestrado de domínio público, disponíveis no repositório digital de teses e de dissertações da Capes (Catálogo de Teses e Dissertações). Ambas as dissertações são do campo do conhecimento dos estudos da linguagem e fundamentadas na teoria dialógica, sendo uma dissertação na linha de pesquisa “Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais” e uma dissertação na linha de pesquisa “Multiletramentos, Discursos, Processos de Produção de Sentido”, codificadas na análise como DM1 e DM2. Desse modo, buscamos resguardar a identificação dos autores das dissertações como um ato ético na atividade de nossa pesquisa. Com base nos conceitos bakhtinianos, a nossa análise mobiliza as seguintes categorias: vozes, ponto de vista, valoração e relação dialógica. Os dados apontam para uma triangulação da visão autoral (sujeito, sociedade e cultura) nos quadros teóricos de ambas as dissertações, e para a constituição de diferentes gestos de autoria.

Palavras-chave: Vozes. Ponto de vista. Estilo individual. Análise dialógica do discurso.

ABSTRACT

Our doctoral dissertation is based on the Dialogic Theory, which conceives language as its dialogical nature and the genres of discourse more than particular modes of discursive communication, but also as modes of relation and world understanding indissociable from the element of authorship. The voice of the young researcher, in academic scientific texts of the Humanities, has been pointed out by discursive and textual studies to tend towards erasure, which adds to our research problem of the constitution of the voice of the master's researcher in written texts of the section of theoretical foundation of the genre of the dissertation. Our thesis is that the authors of the research inscribe their voices in the theoretical foundations in variability of modes, in different gestures of authorship. With the general objective of investigating how the gestures of authorship are given in the theoretical foundation of master's dissertations, the specific objectives are outlined in the sense of: (i) identifying the voices introduced and the points of view in the theoretical foundation of master's dissertation; (ii) analyzing the dialogical discursive movements in the theoretical foundation, which are movements of senses. The methodology is qualitative through the procedure of Dialogic Discourse Analysis, which does not propose a predetermined, fixed and replicable method, but rather an active and flexible analysis, which outlines a unique style of each dialogic analyst. The corpus of our research is composed of texts from theoretical foundations of two master's dissertations in the public domain, available in the digital repository of theses and dissertations of Capes (Catalogue of Theses and Dissertations). Both dissertations are from the field of knowledge of language studies and based on the dialogic theory, being one dissertation in the research line "Structure, Organization and discursive and textual functioning" and one dissertation in the research line "Multiliteracy, Discourses, Processes of Production of Meaning", coded in the analysis as DM1 and DM2. In this way, we seek to safeguard the identification of the authors of the dissertations as an ethical act in the activity of our research. Based on Bakhtinian concepts, our analysis mobilizes the following categories: voices, point of view, valuation and dialogical relationship. The data point to a triangulation of the author's vision (subject, society and culture) in the theoretical frameworks of both dissertations, and to the constitution of different gestures of authorship.

Keywords: Voices. Point of view. Individual style. Young researchers. Dialogical discourse analysis.

RESUMEN

Nuestro trabajo de doctorado se basa en la Teoría Dialógica, que concibe la naturaleza dialógica del lenguaje y los géneros del discurso como más que simples modos de comunicación discursiva, sino también como formas de relación y comprensión del mundo inseparables del elemento de la autoría. La voz del joven investigador en textos académico-científicos de Ciencias Humanas ha sido señalada por estudios discursivos y textuales como tendiente a la desaparición, lo que contribuye a nuestro problema de investigación sobre la formación de la voz del investigador de maestría en textos de la sección de fundamentación teórica del género del discurso de la tesis de maestría. Nuestra tesis es que los autores de la investigación incorporan sus voces en las fundamentaciones teóricas de diversas maneras, a través de diferentes gestos de autoría. Con el objetivo general de investigar cómo se producen los gestos de autoría en la fundamentación teórica de tesis de maestría, los objetivos específicos están delineados de la siguiente manera: (i) identificar las voces introducidas y los puntos de vista en la fundamentación teórica de tesis de maestría; (ii) analizar los movimientos dialógico-discursivos en la fundamentación teórica, que son movimientos de significado. La metodología es cualitativa a través del procedimiento del Análisis Dialógico del Discurso, el cual no propone un método predeterminado, fijo y replicable, sino más bien un análisis activo y flexible que define un estilo único para cada analista dialógico. Nuestro corpus de investigación está compuesto por textos de fundamentaciones teóricas de dos tesis de maestría de dominio público, disponibles en el repositorio digital de tesis y disertaciones de la Capes (Catálogo de Tesis y Disertaciones). Ambas tesis pertenecen al campo de los estudios del lenguaje y están fundamentadas en la teoría dialógica, siendo una tesis en la línea de investigación “Estructura, Organización y Funcionamiento Discursivo y Textual” y otra tesis en la línea de investigación “Multiletramientos, Discursos, Procesos de Producción de Sentido”, codificadas en el análisis como DM1 y DM2. De esta manera, buscamos preservar la identificación de los autores de las tesis como un acto ético en la actividad de nuestra investigación. Basándonos en los conceptos de Bakhtin, nuestro análisis utiliza las siguientes categorías: voces, punto de vista, valoración y relación dialógica. Los datos apuntan a una triangulación de la visión autoral (sujeto, sociedad y cultura) en los marcos teóricos de ambas tesis y a la formación de diferentes gestos de autoría.

Palabras clave: Voces. Punto de vista. Estilo individual. Jóvenes investigadores. Análisis dialógico del discurso.

RÉSUMÉ

Ce travail de doctorat est basé sur la Théorie Dialogique, qui conçoit la nature dialogique du langage et les genres du discours comme plus que des modes particuliers de communication discursive, mais aussi comme des modes de relation et de compréhension du monde indissociables de l'élément de l'auctorialité. La voix du jeune chercheur, dans les écrits académi-co-scientifiques en Sciences Humaines, a été identifiée par des études discursives et textuelles comme ayant tendance à s'effacer, ce qui s'ajoute à notre problème de recherche sur la constitution de la voix du chercheur en master dans les écrits de la section de la justification théorique du genre du mémoire de master. Notre thèse c'est que les auteurs de la recherche intègrent leurs voix dans les justifications théoriques de diverses manières, à travers différents gestes auctoriaux. Dans le but général d'étudier comment se manifestent les gestes auctoriaux dans la justification théorique des mémoires de master, les objectifs spécifiques sont définis comme suit : (i) identifier les voix introduites et les points de vue dans la justification théorique du mémoire de master ; (ii) analyser les mouvements dialogiques-discursifs dans la justification théorique, qui sont des mouvements de sens. Nous utilisons la méthodologie qualitative par le biais de la Procédure d'Analyse Dialogique du Discours, qui ne propose pas une méthode prédéfinie, fixe et reproductible, mais plutôt une analyse active et flexible qui définit un style propre à chaque analyste dialogique. Notre corpus de recherche est composé par textes de justifications théoriques de deux mémoires de master de domaine public, disponibles dans le répertoire numérique des thèses et mémoires de la Capes (Catalogue des Thèses et Mémoires). Les deux mémoires appartiennent au domaine des études linguistiques et sont fondés sur la théorie dialogique, l'un relevant de la ligne de recherche "Structure, Organisation et Fonctionnement Discursif et Textuel" et l'autre de la ligne de recherche "Multimodalités, Discours, Processus de Production de Sens", codés dans l'analyse comme DM1 et DM2. De cette manière, nous cherchons à préserver l'identification des auteurs des mémoires comme un acte éthique dans notre recherche. En nous appuyant sur les concepts de Bakhtine, notre analyse mobilise les catégories suivantes: voix, point de vue, valorisation et relation dialogique. Les données indiquent une triangulation de la vision auctoriale (sujet, société et culture) dans les cadres théoriques des deux mémoires et la formation de différents gestes auctoriaux.

Mots-clés: Voix. Point de vue. Style individuel. Jeunes chercheurs. Analyse dialogique du discours.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Arquitetônica relacional dos valores	31
Figura 2- Arquitetônica tridimensional da visão do pesquisador/cientista.....	41
Figura 3 - Esquematização de domínios.....	43
Figura 4 - Autor	46
Figura 5- Composição do contexto emoldurador	55
Figura 6- Processos de produção discursiva: do contexto emoldurador ao processamento da palavra de outrem em formas de molduragens	57
Figura 7- Capítulo com os subcapítulos teóricos da DM1	67
Figura 8- Capítulo com subcapítulos teóricos da DM2.....	93
Figura 9 - Tripé arquitetônico.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Interrelações de vozes em PPD	61
Quadro 2- Vozes principais na fundamentação da DM1	67
Quadro 3- Vozes de comentadores na fundamentação da DM1	69
Quadro 4 – Vozes que influenciaram o Círculo e ressonâncias na fundamentação da DM1 ...	70
Quadro 5 - Vozes principais na fundamentação da DM2.....	94
Quadro 6 - Vozes de comentadores na fundamentação da DM2	95
Quadro 7 - Vozes de épocas na fundamentação da DM2.....	96
Quadro 8 - Vozes refratadas por uma outra voz da DM2.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS

ADD	Análise Dialógica do Discurso
PFA	Para a filosofia do ato responsável
MFL	Marxismo e filosofia da linguagem
PPD	Problemas da poética de Dostoiévski
DM1	Dissertação de mestrado 1
DM2	Dissertação de mestrado 2

LISTA DE SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

Capes Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1 A TEORIA DIALÓGICA E (N)AS CIÊNCIAS: SUJEITO-AUTOR, DISCURSO E SOCIEDADE	20
1.1 QUESTÕES CONCEITUAIS DA LINGUAGEM AO DISCURSO.....	25
1.1.1 A natureza dialógica da linguagem	27
2 A ARQUITETÔNICA RELACIONAL DOS VALORES EU-OUTRO	31
2.1 AUTOR(IA).....	43
3 O GÊNERO DO DISCURSO NA DINÂMICA DAS INTERRELAÇÕES	50
3.1 A TRANSMISSÃO DO DISCURSO DE OUTREM E O CONTEXTO EMOLDURADOR	52
3.2 A ATIVIDADE ACADÊMICO-CIENTÍFICA E(M) SUAS INTERRELAÇÕES DE VOZES	58
4 METODOLOGIA	65
4.1 DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO 1 (DM1)	66
4.1.1 Identificação das vozes e pontos de vista da fundamentação teórica da DM1	67
4.1.2 Movimentos dialógico-discursivos na fundamentação teórica da DM1	71
4.2 DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO 2 (DM2)	93
4.2.1 Identificação das vozes e pontos de vista da fundamentação teórica – DM2	94
4.2.2 Movimentos dialógico-discursivos na fundamentação teórica da DM2	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	125

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nosso trabalho de tese está fundamentado na Teoria Dialógica e teve por objetivo geral investigar como os gestos de autoria se dão na fundamentação teórica de dissertações de mestrado. Por sua vez, os objetivos específicos se delinearam no sentido de: (i) identificar as vozes introduzidas e os pontos de vista na fundamentação teórica de dissertações de mestrado; (ii) analisar os movimentos dialógico-discursivos na fundamentação teórica que são movimentos de sentido.

A nossa tese é de que os autores das pesquisas inscrevem suas vozes em variabilidade de modos nas fundamentações teóricas de dissertação, que lhes conferem estilos individuais de interação e movimentos interpretativos. Os dados apontam diferenças na constituição dos gestos de autoria nos quadros teóricos das duas dissertações que se constituem como objetos desta pesquisa. Ambas apresentam uma triangulação da visão autoral (sujeito, sociedade e cultura) nos seus quadros teóricos.

Como estamos situadas nas Ciências da Linguagem, orientadas pelos estudos dialógicos do discurso e do texto, em especial, o discurso acadêmico na relação constitutiva com o discurso científico nos mobilizou para a abordagem do gênero dissertação de mestrado, um gênero complexo (Bakhtin, 2016 [1952-1953]) de conclusão de curso *stricto sensu*. Sendo um gênero do discurso institucionalizado de modalidade escrita, conforme o manual “Como produzir textos acadêmicos e científicos” (Brasileiro, 2021), a dissertação é um “documento que descreve um trabalho de pesquisa, demonstrando sólidos conhecimentos sobre a área de estudo [...]. Geralmente, é defendida perante uma comissão avaliadora, a fim de se obter o título de mestre” (Brasileiro, 2021, p. 136). Neste caso, a dissertação é obrigatoriamente solicitada como documento, de acordo com o Parecer Federal 977 (1965), constituindo, assim, os desfechos dos estudos de pós-graduação *stricto sensu*. A estrutura formal da dissertação apresenta elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais; e sua organização textual é composta, basicamente, pela introdução, pelo desenvolvimento e pela conclusão, com divisões em seções que seguem normas institucionais. Especificamente, a fundamentação teórica é uma das seções localizadas no desenvolvimento da composição da dissertação, que é um espaço de diálogo teórico, de muitas vozes, de posicionamentos conceituais, de ideias.

No contexto de pesquisa, a recorrência aos discursos autorizados segue um princípio de seleções verbais discursivas dentro do quadro genérico (o gênero, situação discursiva, a esfera científica, modos, relações/interações) que norteia a compreensão ou o conhecimento de mundo. Uma vez que, no gênero dissertação de mestrado, o discurso de outrem é uma

palavra autorizada da esfera acadêmico-científica e, por princípio, ele fundamenta o discurso do autor-pesquisador da dissertação, a operação da voz do discurso alheio se dá em função da intenção e do ponto de vista (Bakhtin, 2013[1929-1963]; 2017a [1920-1924]) do autor-pesquisador. Nisto consiste que vozes, pontos de vista e argumentos são mobilizados, majoritariamente, nas fundamentações teóricas, pelas formas de transmissão do discurso de outrem, que são fundamentais para a atualização do discurso do pesquisador, porque delas decorrem transformações discursivas e interpretativas do ponto de vista sobre o objeto. Sendo as diversas formas de transmissão do discurso de outrem fundamentais para a sustentação e atualização do discurso do pesquisador, a questão do “diálogo” com o discurso de outrem nos levou ao seguinte questionamento de pesquisa: Como os gestos de autoria se dão na fundamentação teórica de dissertação de mestrado?

Agrega elementos ao nosso problema de pesquisa a questão da tendência ao apagamento da voz autoral de jovens pesquisadores em escritos da fundamentação teórica de textos acadêmico-científicos, identificada por estudos discursivos e textuais que apontam a necessidade de investigações voltadas para o estabelecimento do diálogo para ampliar o conhecimento e aprofundar a compreensão dessa implicatura nos gêneros discursivos acadêmicos e científicos. Diante dessa necessidade, justificamos a relevância deste trabalho com vista à compreensão dos gestos de autoria no gênero dissertação de mestrado, buscando contribuir para os estudos discursivos e para o ensino de escrita em uma concepção dialógica.

A metodologia de pesquisa foi qualitativa, operada mediante o procedimento da Análise Dialógica do Discurso (ADD), em que o enunciado concreto é a unidade de análise. O *corpus* discursivo foi composto por textos de fundamentações teóricas de duas dissertações de mestrado do campo do conhecimento dos estudos da linguagem, orientados pela teoria dialógica, que são produções de sujeitos singulares e discursivos e, como enunciados concretos, são fontes primárias de pensamentos e sentidos. As duas dissertações de mestrado (DM) são de domínio público e foram coletadas no repositório digital de teses e de dissertações da Capes (Catálogo de Teses e Dissertações). Pelos critérios de inclusão, selecionamos uma dissertação na linha de pesquisa “Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais, que codificamos como DM1; e uma dissertação na linha de pesquisa “Multiletramentos, Discursos, Processos de Produção de Sentido”, codificada na sequência de nossa análise como DM2. As fundamentações teóricas destas duas dissertações totalizaram 87 excertos analisados. Buscamos resguardar a identificação dos autores das dissertações mediante as codificações como ato ético na atividade de nossa pesquisa. Sob o procedimento da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e as suas orientações, a nossa análise não seguiu um

método predeterminado porque é estabelecida uma relação dialógica com o próprio *corpus* que revela as categorias de análise mobilizadas em nossa análise com base nos conceitos de Bakhtin. Ressaltamos que, mediante esse procedimento, a replicação não é proposta, diferindo da metodologia cartesiana. Nesses termos, a análise é ativa e flexível, com o estilo único de cada analista dialógico.

No entanto, a produção de nossa tese está marcada por limitações decorrentes do contexto pandêmico da covid-19, que ocasionou problemas de saúde e dificuldades no andamento da produção, como também sofreu a mudança de orientação ocasionada pela saída da professora orientadora do programa de pós-graduação, o que se refletiu em dificuldades no andamento da pesquisa, exigindo reavaliações, releituras, reajustes e reescrita.

Organizamos a tese em três capítulos na seção teórica e, na seção de procedimentos metodológicos, um capítulo desenvolvido em dois subcapítulos voltados para a descrição, a contextualização e análises das dissertações, que implicam nossas interpretações como analistas. As considerações finais e as referências bibliográficas compuseram o seguimento da estrutura composicional da tese.

No primeiro capítulo da seção teórica, abordamos a importância da teoria dialógica na ciência e o nascimento da Análise Dialógica do Discurso no Brasil, que re/apresenta a abordagem teórico-metodológica proposta pelo Círculo (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev) e agrega renovação. No desenvolvimento desse capítulo, foram elucidadas algumas questões de traduções conceituais pertinentes ao citado Círculo, especificamente, dos conceitos de linguagem, língua e discurso, para, então, abordarmos a concepção de linguagem da teoria dialógica assumida neste trabalho de tese. No seguimento, apresentamos a definição de ideologia do Círculo, também assumida neste trabalho, e de enunciado; no segundo capítulo, abordamos a arquitetura relacional dos valores, considerando o contexto de pesquisa e o sujeito autor-pesquisador, âmbito em que buscamos abordar o gesto de autoria e a concepção de estilo individual; o terceiro capítulo foi voltado para a concepção de gênero do discurso, com a abordagem do gênero dissertação de mestrado como complexo, e as fundamentações teóricas como um enquadre do con/texto emoldurador. No seguimento, foram abordados as formas de transmissão e de molduragens, considerando os textos da atividade de pesquisa numa concepção de constituição de conhecimentos, de circulação de discursos; numa concepção de vozes que se interrelacionam de diversos modos e graus de reciprocidade.

A seção de metodologia foi organizada, no primeiro momento, com a descrição metodológica e do procedimento da análise dialógica do discurso. Demarcamos a ética no tratamento do *corpus* e apresentamos a contextualização da produção das dissertações dentro

dos limites que alcançamos como analistas. Em seguida, o momento da análise do *corpus* em conjunto com a discussão dos dados compôs essa seção.

Nas considerações finais, questões mais gerais dos achados serão apresentadas com pontos de semelhanças e diferenças do *corpus* das duas dissertações analisadas. Por fim, apresentaremos nossas considerações em termos de limitação desta pesquisa e recomendação para estudos futuros.

1 A TEORIA DIALÓGICA E (N)AS CIÊNCIAS: SUJEITO-AUTOR, DISCURSO E SOCIEDADE

Bakhtin critica fortemente o *teoricismo fatal*¹ pela total desvinculação do mundo da vida, que gera a cisão dos mundos da cultura (mundo da teoria) com o da vida (o mundo concreto). Indiferente à singularidade, teoricismo fatal tende à generalização, ao repetível, ao universal, à contextualização atemporal. O autor critica o pensamento teórico nas Ciências Naturais, na História, na Filosofia e na Arte de sua época, que tinham como característica comum para a representação-descrição histórica e para a percepção estética o estabelecimento de uma “separação de princípio entre o conteúdo-sentido de um determinado ato/atividade e a realidade histórica da vivência desse ato/atividade” (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 42), a existência, vivência real irrepetível do ato/atividade. Consequentemente, ocasionava a perda do valor do ato, da unidade de vivo (vir a ser) e da autodeterminação. Nesses termos, somente pela unidade do conteúdo-sentido com o histórico, o ato da atividade é verdadeiramente real, vivo, pleno e irreduzível; ele existe, vem a ser e se realiza. Portanto, é pelo princípio do Dialogismo que a cisão entre o mundo da cultura e o mundo da vida é superada na configuração relacional da arquitetura do ato.

O discurso científico, como um discurso especializado da esfera ideológica, possui modos próprios de linguagem e estruturação de compreensão de mundo para a constituição de uma visão que seja compartilhada por todos os cientistas atuantes em uma determinada área, tornando possível a comunicação e a construção de conhecimento dentro da comunidade científica. No entanto, entendendo o discurso científico com suas especificidades de discurso que busca descrever, explicar e interpretar o mundo, seja natural ou social, ele será mais que uma caracterização do cientificismo da busca “da verdade”, de uma rigidez metodológica e compromisso com a objetividade (procedimentos técnicos), moldado numa neutralidade científica, pois o contexto social e histórico é intrínseco à construção do conhecimento científico.

O ato ético do pesquisador, responsivo e responsável, correlaciona o mundo a ser conhecido cientificamente como indissociável de valores, posicionamentos, vozes, que é dialogicamente constituído. Toda interpretação é correlação valorativa, em um lugar histórico, social e ideológico, o que inclui a interpretação do pesquisador. Nesse movimento há um diálogo constante entre diferentes perspectivas e visões de mundo, que influenciam e são

¹ Como cientificismo, ou forma de dogmatismo que suprime a alteridade, isto é, indiferente. Ele impõe “a verdade”, “o discurso.” Cf. Amorim (2004).

influenciadas pelo processo de criação e circulação do conhecimento científico. Diante disso, podemos entender o conhecimento científico como um processo social e discursivo, em que diferentes vozes e perspectivas se entrelaçam. Portanto, a heterogeneidade de todo discurso condiz com o discurso científico e se manifesta, por exemplo, na utilização de citações de outros autores, na descrição de resultados obtidos por outros pesquisadores, procedimento próprio da linguagem em sua natureza dialógica, na relação da alteridade no plano do discurso acadêmico e científico.

O gesto de autoria na elaboração do discurso acadêmico implica considerarmos a ideologia nesse campo de atividade humana, isto é, a esfera do conhecimento científico, pois o discurso acadêmico é elaborado na relação com o discurso científico. Nessa elaboração, um contexto dialógico de interação com os discursos de outrem dessas esferas é criado na atividade de pesquisa em desenvolvimento ou em curso. Entre as atividades de pesquisa, circunscrevemos o gênero monográfico acadêmico-científico, especificamente, a dissertação, em que, geralmente, as fundamentações teóricas gerenciam vozes de outrem constituindo posições autorais em gestos de autoria dos/as mestrandos/as, interesse investigativo de nossa tese. Diante disso, a posição autoral é singular e social, ética (responsável e responsiva) e sociocultural. Ela é dialógica.

A concepção do dialogismo, como diálogo, é, inicialmente, um pré-requisito ético e ontológico da humanidade. Nesse sentido, o Dialogismo é reconhecido como *ontologia* e *epistemologia* (Marková, 2011), justamente pelas questões fundamentais sobre os recursos humanos e comunicativos do *self* e dos outros: “o diálogo é uma forma de ser, é existencial” (Marková, 2011, p. 66).² Essa interdependência ontológica (existencial) da relação eu-outro põe em evidência o Dialogismo como epistemologia, levando a pressupor que o conhecimento é gerado na relação eu-outro/s ao longo da história, bem como através de encontros dialógicos simbólicos e locais (Marková, 2003 *apud* Marková, 2011).

A ciência concebida como *diálogo entre ideias* (Marková, 2011), fundamentalmente, como choque de ideias, com tensão e transformação pela confrontação, implica a abertura às diferentes interpretações. Porque, como postulado pelo pensamento bakhtiniano, as palavras/discursos estão duplamente orientados, sempre em direção ao “eu” e em direção ao outro, e assim estão sempre abertos. Os pressupostos teóricos são a base da construção de uma ciência, como ocorrido na linguística chomskiana, construída sobre pressupostos cartesianos da cognição individual, ou na ciência einsteiniana, construída sobre relações entre forças. Esse

² No original: “[...] dialogue is a form of being; it is existential” (Marková, 2011, p. 66).

ponto de partida para uma ciência dialógica está nos pressupostos teóricos de base da interdependência ontológica eu-outros e suas vicissitudes sociais (culturais, históricas) (Marková, 2011) desenvolvidos pelos integrantes do Círculo. Desse modo, a linguagem, o pensamento e o conhecimento são de natureza dialógica, considerando a dupla orientação das palavras/discursos sempre abertos.

O *self* e o outro de Bakhtin dependem um do outro: eles geram conjuntamente a linguagem, o pensamento e o conhecimento. No entanto, eles permanecem indivíduos e falantes, pensadores e conhecedores responsáveis (Marková, 2011, p. 70, tradução nossa).³

A teoria dialógica tem contribuído em diversas áreas do conhecimento com alcance de um grande espectro de estudos estrangeiros (europeus, asiáticos, americanos etc.). No Brasil, diversos campos de estudo têm reconhecido as potencialidades e a aplicabilidade da referida teoria, inclusive na construção de métodos. Além das contribuições para a grande área de conhecimentos Linguística, Letras e Artes (estudos de línguas, textuais, discursivos e literários), entre as áreas de conhecimento⁴ beneficiadas pela teoria dialógica, podemos citar: Ciências Humanas (Psicologia, Educação, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Teologia, Ciência Política e Relações Internacionais), e Ciências Sociais Aplicadas (Comunicação).

No que concerne ao campo dos estudos discursivos, onde situamos nosso trabalho, a Análise Dialógica do Discurso (ADD) inscreve seu lugar de pertencimento teórico-metodológico como um campo nas ciências dialógicas no Brasil. Essa inscrição se deve à recepção da tradução do conjunto das obras do Círculo dialógico russo⁵, formado por Mikhail Mikháilovitch Bakhtin, Valentín Nikoláievitch Volóchinov e Pável Nikoláievitch Medviédev, que instigou uma produção científica frutífera por estudiosos brasileiros.⁶ As publicações de Brait (2006a, 2006b) apresentaram o conjunto das obras desses autores russos como uma proposta de teoria e análise, designando, pela primeira vez, a doravante Análise Dialógica do Discurso (ADD):

³ No Idioma original: “Bakhtin’s self and other are dependent on one another: they jointly generate language, thinking and knowledge. Nevertheless, they remain individual and responsible speakers, thinkers and knowers.”.

⁴ As áreas de conhecimento estão apresentadas conforme sistematizado na tabela de áreas do conhecimento da Capes.

⁵ Ao longo da escrita, fizemos em alguns momentos referência aos autores fundadores do conjunto das obras da teoria dialógica do discurso (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev) pelo termo o Círculo dialógico russo, como uma unidade de pensamentos complementares.

⁶ Delimitamo-nos à recepção da tradução dos escritos ao Brasil por nos situarmos nos estudos brasileiros de linguagem/discurso, mas é importante frisar que a recepção dos escritos de Bakhtin e do Círculo abrange muitos países do Oriente e do Ocidente, desenvolvendo muitas produções acadêmico-científicas, desde a descoberta dos escritos até os dias atuais, com prospecção de um contínuo desenvolvimento.

O conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral (Brait, 2006a, p. 9-10, grifo da autora).

As contribuições das obras do *Círculo* para a teoria/análise dialógica do discurso compuseram “um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador” (Brait, 2006a, p. 29, itálicos do original), levando a uma proposta teórico-metodológica aberta e com uma organização não linear, no sentido do próprio Dialogismo. Como é de fundamental importância para a perspectiva dialógica, a postura ética do pesquisador diante do seu compromisso com o objeto discursivo – um sujeito histórico (Brait, 2006a; 2006b), agregou legitimidade para o nascimento da ADD no Brasil. Como reforça Cunha (2013), as obras do *Círculo* impactaram os estudos da linguagem:

A noção de dialogismo deu origem a um campo de pesquisa apenas vislumbrado no final dos anos 1970, quando os estudos enunciativos, discursivos e textuais começam a fazer um deslocamento do estudo das formas da língua para as do discurso ou do enunciado produzido no já-dito, orientado para o outro e para os discursos por vir. Partindo do caráter heterogêneo do enunciado, do enunciativo e do enunciatário, tais estudos não constituem apenas uma mudança de etiqueta. **Trata-se de uma revolução teórica**, como mostra toda uma literatura consagrada ao discurso reportado, à intertextualidade, à heterogeneidade (mostrada e constitutiva), ao dialogismo (interdiscursivo e interlocutivo), à representação do discurso outro (RDO), à polifonia (Cunha, 2013, p. 353, grifos nossos).

Conforme Sobral e Giacomelli (2016), há outros modos de se referir à Análise Dialógica do Discurso, tais como: Teoria Dialógica, ou Dialogismo de Bakhtin, ou Teoria do *Círculo* de Bakhtin. Dialogismo também é mais um modo de referência à teoria, embora, muitas vezes, apareça na circulação de trabalhos acadêmico-científicos relacionado à noção de diálogo e/ou a relações dialógicas especificamente.

A ADD, como análise dialógica do discurso, é chamada de dialogismo, embora essa palavra não exista com esse nome da teoria nas obras da ADD. Esse foi um nome dado por estudiosos dessa obra. Na verdade, a ADD afirma que os enunciados e os locutores entram em relações dialógicas uns com os outros. Logo, a expressão usada é *relações dialógicas*. (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1088, grifo dos autores).

O dialogismo deriva da definição filosófica como princípio do agir geral (Fiorin, 2011; Sobral, 2009) e seus aspectos discursivos são derivados dessa definição. O dialogismo, como princípio da produção de enunciados/discursos, advém de “diálogos retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos” (Sobral, 2009, p. 123). Esse segundo princípio discursivo condiz com o real modo de funcionamento da linguagem e pode ser denominado de dialogismo constitutivo, não mostrado no fio discursivo, e de dialogismo composicional, em que a incorporação da voz do enunciador, ou das vozes de outros, no enunciado é de tal modo mostrado ou se encontra visível (Fiorin, 2011).

A dupla articulação do dialogismo na produção discursiva tem correspondido, geralmente, a dois modos recorrentes de abordagens, nomeados pelos franceses como dialogismo interdiscursivo e dialogismo interlocutivo. Esses modos ou dimensões do duplo dialogismo são: “a) o dialogismo *interdiscursivo*, das figuras do discurso outro no discurso atual, do já-dito; b) o dialogismo *interlocutivo*, do direcionamento ao outro, àquele a quem o enunciador se dirige” (Cunha, 2011, p. 122, grifos da autora). Nessa direção, as formulações das dimensões da dialogicidade do dizer são descritas por Paveau (2010)⁷ como: interdiscursiva, interlocutiva e autodialogismo. Analogamente, Privat e Scarpa (2019, p. 183)⁸ definem a noção de dialogismo do Círculo através de duas significações essenciais: um dialogismo externo, que é o diálogo, e um dialogismo interno do discurso, no sentido de que todo discurso⁹ é sempre palavra de outrem, já que toda palavra já está habitada pelo outro (o já dito). Essas formulações possibilitam pensar a metáfora do diálogo em Bakhtin como a dinamicidade de todo dizer heterogeneamente constitutivo e orientado axiologicamente.

Na concepção dialógica do pensamento de Bakhtin, tudo é dialógico e todo discurso é parte do já dito; todo discurso é constituído em função do outro, orientado para o discurso do outro. O objeto de discussão está tomado e inscrito nos discursos já proferidos e/ou estabilizados de cada esfera ideológica, e nele estão as fronteiras de outros contextos, nas quais interpenetramos com outros agentes discursivos. Nesse sentido, compreendemos a dupla

⁷ No original: “L’ensemble des travaux produits ces vingt dernières années autour du dialogisme ne fait qu’une part restreinte à l’histoire, aux contextes sociaux et à l’ensemble des contraintes concrètes de la *vie* (je reprends ce terme aussi simple que chargé, fréquent sous la plume de Volochinov et de Bakhtine). Le raffinement toujours plus grand des sous-catégorisations (dialogisme interdiscursif, interlocutif, autodialogisme) concentre les efforts des analystes sur l’analyse du fil du discours plus que sur les déterminations externes” (Paveau, 2010, p. 6).

⁸ Em francês: “La notion de dialogisme est d’abord associée aux travaux de Bakhtine (et de son groupe – Volochinov, Medvedev), pour lequel elle se décline en deux acceptions essentielles: un dialogisme externe (le dialogue) et un dialogisme interne au sens où tout mot (*slovo* en russe est traduit par « mot », mais est glosé aussi par « discours » ou par « parole ») est toujours le mot d’autrui. Tout mot est déjà dit, déjà habité [...]” (Privat; Scarpa, 2019, p. 183).

⁹ Cf. Notas de tradução de Grillo e Américo (2017). Em russo *slovo*, significa tanto palavra, quanto enunciado ou discurso.

orientação da palavra (Bakhtin, 2013, p. 212-213) como o discurso duplamente orientado, bivocal, cujo sentido está voltado para o objeto do discurso como palavra comum e para um outro discurso, ou discurso de um outro, isto é, um duplo sentido. No discurso duplamente orientado, é indispensável a relação com a enunciação de um outro, ou seja, há um segundo contexto que o locutor leva em consideração.

Nas relações dialógicas, não há síntese, pois não são relações dialéticas. As relações dialógicas são relações de sentido, isto é, relações de posições semânticas de duas vozes, de dois enunciados de autoria de dois sujeitos diferentes, que não são necessariamente de conflito, mas vão desde a aceitação ou do acolhimento absoluto até a negação.

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto (Fiorin, 2011, p. 17-18).

Dois enunciados, quaisquer que sejam, se estiverem aproximados no plano do sentido, terminam em relações dialógicas: “mesmo distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no contraponto dos sentidos revelam relações dialógicas se há ao menos uma convergência de sentido” (Bakhtin, 2010, p. 331). Até mesmo qualquer parte significativa do enunciado, inclusive numa palavra isolada, que não seja interpretada como impessoal, ou seja, desde que forme um enunciado concreto numa determinada situação, tem significado semântico-axiológico; é sempre uma constituição em relação com o já dito. Nesse caso, “toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas” (Bakhtin, 2013 [1929], p. 209) que estão situadas no campo do discurso.

1.1 QUESTÕES CONCEITUAIS DA LINGUAGEM AO DISCURSO

Antes de discorrermos sobre a concepção dialógica de linguagem e seu desdobramento na língua e no discurso, esclarecemos que a materialidade linguística não é descartada pelo Círculo, mas tida como insuficiente para dar conta da natureza dialógica da linguagem.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), buscando interligar as três esferas da realidade da linguagem (física, fisiológica e psicológica), Volóchinov (2017 [1929]) afirma que, para observar os fenômenos da língua, é sumamente necessário colocar os sujeitos (falante ou locutor e ouvinte) e o som na unidade do meio social e do acontecimento da

comunicação social mais próxima para que, realmente, haja uma relação com a língua e com o discurso, para se tornar um fato de linguagem (língua-discurso).

Considerando relevante situar essa particularidade conceitual condizente com a língua e a linguagem, retomamos algumas elucidções de Grillo e Américo (2017). Em russo, há uma única palavra para os termos língua e linguagem (*iazik*): “o idioma russo não faz diferença entre os dois conceitos: a distinção só pode ser estabelecida no contexto” (Grillo; Américo, 2017, p. 362). Volóchinov (2017 [1929]) cria uma palavra composta, como um recurso de distinção conceitual para referir-se a linguagem (língua-discurso):

Uma vez que em russo os termos “linguagem” e “língua” são expressos pela mesma palavra, *iazik*, e que é necessário marcar a diferença entre os dois conceitos, o autor vê-se obrigado a criar uma palavra composta em russo, língua-discurso (*iazik-rietch*), para o conceito de “linguagem”, restringindo o termo *iazik* para o de “língua”. É importante destacar que a palavra *rietch* em russo recobre uma vasta gama de sentidos, inclusive fala, discurso e linguagem, podendo englobar todo o universo da expressão verbal. (Grillo; Américo, 2017, p. 145-146, grifos das tradutoras).¹⁰

Mais uma particularidade conceitual relevante para elucidção são os termos palavra-enunciado e discurso, também com a problemática de um único vocábulo em russo para designá-los, *slovo*. Novamente, Volóchinov se encontra obrigado a criar mais um termo composto em russo, *slovo-viskázivanie*:

[slovo] tem um significado amplo, que compreende desde a unidade lexical até a “linguagem verbal em uso” ou o enunciado e o discurso. A palavra como sinônimo de enunciado é desenvolvida [...] onde o autor [Volóchinov] utiliza o termo composto “palavra-enunciado” (*slovo-viskázivanie*). A palavra é uma ponte entre o falante e o interlocutor, pertencente a ambos. [...] o conceito de palavra engloba a linguagem verbal, presente em todas as esferas da criação ideológica e na ideologia do cotidiano. A palavra acompanha todo ato de compreensão e interpretação. (Grillo; Américo, 2017, p. 364-365, grifos das tradutoras).

Diferentemente de Volóchinov, Bakhtin não cria termos: “Bakhtin nunca faz nenhuma distinção entre o produto do discurso e o ato de sua produção” (Bezerra, 2015, p. 246). Na explicação desse estudioso e tradutor, Bakhtin utiliza um único termo para enunciado, disponível em russo (*viskázivanie*), que pode ser interpretado como ato de fala ou produção

¹⁰ Essa explicação das tradutoras encontra-se em MFL, em nota de rodapé das referidas páginas.

do discurso. Os termos Palavra¹¹, enunciado concreto ou produção verbal significam Discurso (língua viva) na teoria dialógica, em oposição às abstrações linguísticas.

Em Problemas da Poética de Dostoiévski (PPD), Bakhtin (2013, p. 207) define discurso (*slovo*) como “a língua em sua integridade concreta e viva.” Com base nas observações das tradutoras Grillo e Américo (2022), a polissemia desse termo poderá significar: “emissão verbal”, “material empírico” de construção de uma obra ou uma palavra plenivalente (autônoma, de expressão e posicionamento próprio).

1.1.1 A natureza dialógica da linguagem

A vida da linguagem (enunciado ou discurso) está nas interações dos falantes; nas esferas ideológicas das atividades humanas; nos usos reais. A linguagem, pois, está preenchida, ou encarnada, de ideologia, ou visões de mundo. É nela e por meio dela que os sujeitos discursivos¹² se constituem.

A dimensão de alteridade e a dimensão socioideológica constituem a linguagem em seu caráter dialógico, em seus aspectos plurivocal e pluridiscursivo. A linguagem é sempre marcada pela presença do outro, levando a considerar as vozes e as perspectivas, as experiências e os pontos de vista do outro. Todas as “línguas” se fundem em um elo comum, possibilitando as relações dialógicas: “[...] o elo comum a todas as línguas funda-se na ideia de que “são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas”, podendo, assim, estabelecer relações dialógicas entre si” (GEGe, 2019). Assim, o caráter dialógico da linguagem qualifica os processos languageiros, que são as relações entre os centros de valores (eu-outro).

A língua em ação é discurso e desempenha o papel de materializar a linguagem verbalizada. Como meio de comunicação, a língua é de natureza social e histórica, indissociável do conteúdo ideológico e das situações cotidianas em que é utilizada. As leis da língua são essencialmente sociológicas, definidas como: “um processo ininterrupto de formação realizado por meio da interação sociodiscursiva dos indivíduos falantes” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 224) e desse modo ela adquire forma e está em constante evolução.

¹¹ Na tradução brasileira, optou-se pelo uso de maiúscula em Palavra para indicar sinônimo de Discurso, diferenciado de palavra em minúsculo para sinônimo de léxico.

¹² Na concepção materialista e monista de Volóchinov (2013; 2017), o ser humano passa por um segundo nascimento e se torna um sujeito discursivo: o nascimento social.

A condição da língua é remetida ao heterodiscurso.¹³ Ela é radicalmente estratificada, saturada ideologicamente, pois está “impregnada de pontos de vista, opiniões e horizontes conceituais daqueles que constituem os vários agrupamentos sociais, profissionais e geracionais” (Renfrew, 2017, p. 127). O heterodiscurso (Bakhtin, 2015 [1934-1935]) designa a heterogeneidade da linguagem de um universo de muitas vozes. O discurso monologizante se esforça continuamente para se impor como um centro, e para isso busca reduzir e submeter a heteroglossia (Faraco, 2009). Na dialogização¹⁴ do heterodiscurso, há a luta social entre as diferentes “verdades sociais”, e esse processo dialógico é concebido como infindo, inesgotável. As vozes do heterodiscurso se encontram e coexistem na dinâmica da dialogização, movendo as consciências heterogêneas.

Na dinâmica da vida real, as forças centrípetas da vida social, linguística e ideológica tendem a unificar e centralizar as ideologias verbais, e junto a elas existem as forças centrífugas de descentralização, que operam sobre as ideologias e as línguas (Bakhtin, 2015[1934-1935]; Volóchinov, 2017 [1929]). Estas últimas são configuradas pela tensão e abertura. Por meio destas, as efetivas relações sociais da vida são reveladas ideologicamente. Para um alcance da compreensão dialógica de um fenômeno em uma análise sobre a linguagem, deve-se considerar o dialogismo constitutivo das relações humanas.

A noção de ideologia é trabalhada nos ensaios de Volóchinov (2013), “A construção da enunciação” e “Que é linguagem”, no sentido de consciências acerca do mundo, ou visões de mundo, ou opiniões de grupos sociais, isto é, os modos de compreensão do mundo e de orientação no mundo. Essa noção abrange o sentido de compreensão e de relacionamento com o mundo circundante pelas organizações sociais humanas. Ou seja, existem diversas ideologias e elas se encontram no signo, ou na palavra (discurso). João Wanderley Geraldi (2013), tradutor dos ensaios, notifica que “Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sógnicas” (Geraldi, 2013, p. 138). Esse conceitual de ideologia, quando estendido às demais obras do Círculo, geralmente designa o universo dos produtos do “espírito humano”, a chamada cultura imaterial ou produção espiritual ou, numa terminologia materialista, formas da consciência

¹³ O vocábulo heterodiscurso é usado a partir da tradução de Paulo Bezerra. Em traduções anteriores, encontramos plurilinguismo e/ou heteroglossia. Heterodiscurso não é polifonia, que é designada para um universo em que todas as vozes são equipolentes.

¹⁴ O heterodiscurso dialogizado está corporificado nas forças centrífugas, na vida da linguagem. Cada enunciado participa da linguagem unitária (em suas forças e tendências centrípetas) e ao mesmo tempo participa do heterodiscurso social e histórico (as forças centrífugas e estratificantes).

social, abrangendo todas as manifestações superestruturais, englobando a arte, a filosofia, a ciência, o direito, a religião, a ética e a política (Faraco, 2009).

O enunciado está situado em um terreno interindividual, na fronteira de duas consciências. Como *um ato bilateral*, ele é: “a ponte que liga o eu e o outro” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 205). Considerando a concepção de palavra (signo ideológico) como enunciado (ou discurso), o enunciado como um signo ideológico comporta duas faces indissociáveis da realidade, pelas quais reflete e refrata uma outra realidade. Nesse direcionamento, o enunciado é um campo de batalha, uma arena onde valores sociais divergentes entram em confronto, em uma cadeia dialógica, em movimento constante; como um palco de luta, há o cruzamento de interesses sociais com ênfases multidirecionadas (a multiacentuação do signo ideológico), o cruzamento de acentos que dá vida, movimenta e desenvolve o signo. Portanto, aquelas forças contrárias “centrípetas e centrífugas” promovem os movimentos para a manutenção e para a mudança dos discursos (Volóchinov, 2017 [1929]).

Todos os nossos enunciados são o “discurso” e sem enunciado concreto não há discurso. O discurso e o enunciado estão fundidos, de tal modo que, um não existe sem o outro. O discurso toma forma em enunciados concretos de sujeitos do discurso

[...] porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 28).

A natureza do discurso é dialógica. Nele estão as relações extralinguísticas que ultrapassam as relações lógicas ou concreto-semânticas.¹⁵ Portanto, o discurso está no campo da vida da linguagem.

O enunciado é produto da atividade humana, da vida social. A interação de dois enunciados ou mais é a unidade real da linguagem, e os propulsores das relações tipicamente humanas são o diálogo e a ideologia (Volóchinov, 2017[1929]), sendo imperativa a existência do signo, porque não há ideologia sem signo, nem signo sem ideologia. Portanto, o enunciado concreto é a unidade mínima de análise na teoria dialógica.

Nessa direção, o enunciado é um ato social inseparável do acontecimento da comunicação. Ele é um conjunto material que é parte da realidade e organiza a comunicação

¹⁵ O conteúdo concreto-semântico é sinônimo de significação imediata.

para uma reação de resposta. E ele mesmo reage a algo (Medviédev, 2012 [1928]). Como um elo na cadeia da comunicação, o enunciado é sempre endereçado a outros enunciados: “Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último, é apenas um elo na cadeia [...]” (Bakhtin, 2017b [1970-1974], p. 26-27). Ao passo que responde aos enunciados precedentes de um determinado campo ideológico, ele possui seu próprio modo de orientação na realidade e a refrata a seu modo.

Os limites exteriores de cada enunciado são definidos pela alternância do sujeito do discurso e, internamente, cada enunciado possui conclusibilidade. A alternância do sujeito do discurso se dá quando “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão responsiva” (Bakhtin, 2010, p. 275), como uma réplica, o “dixi.” Já a conclusibilidade, aspecto interno das alternâncias dos sujeitos, emerge de uma expressiva posição do falante a provocar resposta, e segue o critério de possibilitar resposta ao enunciado, ou de ocupar uma posição responsiva em relação ao enunciado. Esse critério também corresponde ao discurso científico com o qual podemos concordar ou não (inteiramente ou em parte). Portanto, em todo enunciado concretamente situado, emerge a expressão de posição valorativa, que é uma atitude de valor em relação a determinado estado das coisas, e inscreve personalidade, unicidade, singularidade – um acontecimento irrepetível.

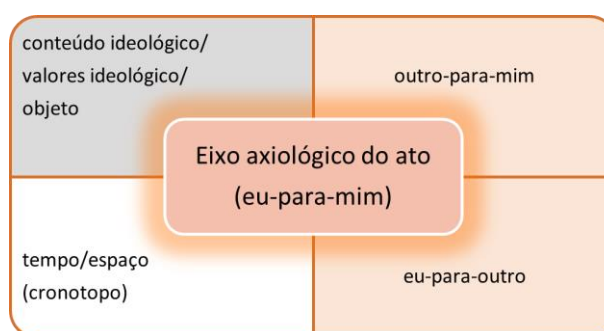
A conclusibilidade do enunciado é determinado pela exauribilidade semântico-objetiva, pela intenção discursiva do falante (a ideia definida do autor), determinante das escolhas do objeto, dos limites e da exauribilidade semântico-objetiva, e da forma composicional do gênero: “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*” (Bakhtin, 2010, p. 282, grifo do autor). A comunicação discursiva só é possível mediante os gêneros do discurso. Nesse sentido, os gêneros do discurso são os organizadores dos nossos discursos, e a diversidade desses gêneros se dá em função do contexto – situação, relações hierárquicas e recíprocas dos interagentes da comunicação discursiva.

2 A ARQUITETÔNICA RELACIONAL DOS VALORES EU-OUTRO

Questões levantadas por Bakhtin e o Círculo (Volóchinov e Medviédev) com relação ao funcionamento da linguagem desenvolveram a discussão sobre a consciência do sujeito, o seu objetivo quando enuncia e a sua consideração ao ouvinte, como também as relações entre pontos de vista. Em concordância, os teóricos russos afirmam que a compreensão não está reduzida ao reconhecimento da forma linguística, “mas à sua compreensão em um contexto concreto” (Volóchinov, 2017 [1929] p. 177), devendo ser considerado o ponto de vista do interlocutor.

Procurando discorrer sobre essas questões pertinentes à investigação deste trabalho de tese, retomamos a obra **Para a Filosofia do Ato** (PFA), pois, nela, está o fundamento dialógico-valorativo do mundo concreto do ato, no qual está desenvolvida a ideia da arquitetura¹⁶ dos valores. Mediante a proposta desse fundamento, apreendemos o ato de enunciado pelo princípio dialógico, que é intencional, responsável e responsivo. A ação da consciência participativa, quando afetada pela “dúvida”, busca a significação, produzindo respostas, e está sempre em relação com os valores do outro, com os valores da cultura das diversas esferas ideológicas. Assim, ilustramos a arquitetura dos valores com base em PFA:

Figura 1- Arquitetônica relacional dos valores



Fonte: elaboração nossa com base em Bakhtin (2017a [1920-1924]).

Todo ato é ético e visa à significação de acordo-desacordo, além da avaliação da realidade. Cada um dos pensamentos ou cada um dos enunciados de uma pessoa é um ato

¹⁶ A arquitetura é um princípio filosófico desenvolvida por Bakhtin e retomado em seus escritos posteriores com um conceitual mais estrutural.

singular e responsável dela, ou seja, um ato intencional [*postupok*¹⁷], não indiferente. Qualquer ato intencional “é um dos atos de que se compõe a vida singular inteira” (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 44) de cada pessoa como um agir ininterrupto, de realização única e contínua, de atos ou ações individualmente responsáveis. Nesse caso, a totalidade de toda uma vida (singular responsável) pode ser entendida como “uma espécie de ato complexo”: “eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir” (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 44). Todo ato responsável é uma tomada de decisão, que implica assumir a obrigação da singularidade responsável de cada autor(ia): o ato da assinatura (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 94).

No contexto da atividade de pesquisa, o objeto de estudo é inseparável do pensamento participativo do pesquisador, de sua compreensão ativa, de sentidos valorativos (axiológicos). Ele não é dado ao pesquisador acabado, pronto, mas é algo a ser alcançado, algo a se tornar, a ser criado, interpretado e conhecido, pois essa é a função do objeto na vivência da pesquisa pelo pesquisador: “seu valor real, afirmado, o seu tom emotivo-volitivo” (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 86). Significa, portanto, que, quando o pesquisador pensa em seu objeto de estudo, estabelece uma relação com esse objeto, que tem caráter de um evento em processo, correlação esta, inseparável da função de todo objeto (de pesquisa, do discurso) no evento. O tom emotivo-volitivo¹⁸ materializa a atitude avaliativa¹⁹, na entonação do enunciado do pesquisador, que emerge do universo de valores em que cada pessoa se situa. Portanto, discutir sobre um objeto é assumir uma atitude não indiferente frente a ele, tomar uma posição axiológica, isto é, posicionar-se em relação a valores.

O objeto do mundo da cultura é integrado ao mundo da vida através do ato responsável, do ato da palavra responsabilmente significativa. Seja qual for o ato do pesquisador (de pensar, de falar, de sentir ou de agir) sobre um objeto teórico, ele é repleto de valores culturais, e estabelece uma relação de interesse, firmando uma relação ativa responsável (não fortuita ou ao acaso) com o objeto. E isso nos faz pensar sobre os gestos de autoria do/da pesquisador(a)/mestrando(a) ao firmar uma relação interessada acerca do seu objeto de pesquisa (já saturado de valores científicos/teóricos), em que a palavra viva entra em relação com a palavra teorizada da esfera científica. O ato de discurso deverá projetar o

¹⁷ Cf. nota de Vadim Liapunov: é o termo fundamental do pensamento de Bakhtin em PFA, que se refere à ação da singularidade responsável ou responsável; o ato intencional de alguém, escolhido por esse alguém, isto é, seu próprio ato individualmente responsável. Vale ressaltar, que o foco é o ato ou a ação em processo, enquanto está sendo desempenhado, oposto do ato já realizado [*post factum*].

¹⁸ Equivale a entonação.

¹⁹ Equivale a apreciação valorativa; juízo de valor.

pensamento participativo na busca de respostas aos questionamentos de pesquisa, em uma constitutiva relação com a palavra de outrem do mundo do conhecimento.

O julgamento de valor (atitude avaliativa) e o material (palavra) são articulados pelo conteúdo (sentido). A atitude do locutor/enunciador, que determina o tom, é influenciada pelo interlocutor (posição social, importância, etc.), ou seja, nem o material do conteúdo do enunciado ou a vivência do locutor/enunciador determinam o tom, mas o outro da relação (outro centro de valor). Qualquer enunciado do pesquisador emerge em um contexto cultural saturado de significados e valores, assim o enunciado desse pesquisador é um ato responsivo, uma tomada de posição nesse contexto. Enquanto pesquisadoras, nossa atividade como analistas do discurso é realizada em atos particulares, que são o ato ético (responsável e responsivo) da atividade ou atos da nossa atividade (Bakhtin, 2017a [1920-1924]) dos quais somos autoras, conferindo nossa assinatura autoral. Nesse sentido, situadas nos parâmetros da cultura acadêmico-científica, em conformidade com Brait (2022), as vertentes são lugares axiológicos dos diversos estudos da língua/linguagem, e esses lugares são pontos de vista diversos, nos quais confluem valores, em que a relação entre linguagem e vida está situada em lugar-tempo axiológico. Por sua vez, as posições axiológicas são centros de valores das diversas vozes. Todas as vertentes contribuem, são válidas e possuidoras de valor, portanto, nenhuma é superior a outra.

Todos os valores da vida e da cultura estão dispostos em torno de pontos arquitetônicos fundamentais do mundo concreto do ato de enunciado, que são os momentos fundamentais correspondentes com o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-outro.

Todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também éticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 114-115).

O eu e o outro são polos de valores distintos e interrelacionados no mesmo evento, pontos arquitetônicos de dois centros axiológicos existentes dialogicamente. Como portadores do componente essencial do acontecimento da relação de uma consciência com outra consciência, eles são compreendidos como um fundamento da identidade. O eu e o outro são, pois, as categorias basilares no pensamento de Bakhtin. Assim sendo, evocamos aqui a “Eia” por Clark e Holquist (2008, p. 91) acerca da arquitetura bakhtiniana, tomando de empréstimo como nossa: “o dialogismo [...] celebra a alteridade [!].”

O princípio do dialogismo da arquitetônica dos valores interliga o ato intencional de enunciado com o ato de ver ou perceber o mundo dos centros de valor (eu-outro), de modo que, ao se relacionarem com um mesmo objeto do conhecimento, ele é sempre correlacionado com um lugar particular, do ponto de vista arquitetônico. Portanto, a visão dos centros valorativos é arquitetonicamente constituída na relação, conseqüentemente, o ponto de vista é contingente.

[...] **há tantos mundos diferentes** do evento **quantos são os centros** individuais de responsabilidade, os sujeitos participantes singulares – uma infinita multidão; e, se a face do evento é determinada do lugar singular do sujeito participante, então existem tantas faces diferentes, quantos são os lugares singulares. [...] Visto que a minha atitude é essencial para o mundo, se é real o seu sentido emotivo-volitivo reconhecido **sobre o plano dos valores**, então este valor reconhecido, **o quadro emotivo-volitivo do mundo, é uma coisa para mim, enquanto é outra coisa para um outro.** (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 103, grifos nossos).

Uma vez que, no momento do ato, o mundo se reestrutura se estabelecendo arquitetonicamente, novos sentidos são constituídos e o conhecimento é criado como produto do ato. Em correlação com o mundo da cultura, o sujeito se posiciona, compreende e valida o conhecimento da cultura. A validação é a verdade concreta (*pravda*), ou responsabilmente válida (com existência de valor), afirmada e materializada na palavra plena da linguagem: a verdade única tanto do fato como do sentido em sua unidade concreta (Liapunov, s/d). O processo de reconhecimento, da afirmação dos valores culturais, ou das verdades do mundo da cultura/das ideologias é um dos momentos do pensamento participativo²⁰ do sujeito, ou melhor, um dos momentos dos diferentes planos dos sentidos, que comportam a sua ação na relação com o objeto a ser conhecido, com o outro discursivo. “O valor do ato [*pravda*] é o valor que este tem para o agente, não o valor absoluto [universal] que viria impor-se a este último: o sentido nasce da diferença, [...] o valor é sempre valor para sujeitos, entre sujeitos, numa dada situação” (Sobral, 2016, p. 22).

Conforme Sobral (2016), as bases da concepção bakhtiniana de ato estão dialogadas com quatro principais pensadores: Aristóteles, Platão, Husserl e Kant. A partir de Aristóteles, Bakhtin acentua a ideia de ato e reformula a concepção de o ser concretamente realizado:

De Aristóteles, Bakhtin acentua essencialmente a ideia do ato como o elemento que realiza a potência, que a faz vir a existir, dado que só pelo ato se identifica a potência que o originou, destacando o processo como

²⁰ Esse pensamento é um pensar-experimentar emotivo-volitivo.

transformação constitutiva da potência do ato, e, reformulando Aristóteles, o ser concretamente realizado, em vez de substancial (Sobral, 2016, p. 18).

No diálogo com Platão, Bakhtin não adere os aspectos metafísicos e reformula a concepção de sujeito como autor de atos:

De Platão, ele se serve, descartando os aspectos mais metafísicos da teoria das formas, da ideia de que o sujeito tem o dever irredutível de ir além da aparência, do ilusório, para alcançar a realidade concreta das coisas, ou seja, o agente é um mediador entre as ações possíveis e as ações que são de fato realizadas no evento de sua vida [...] (Sobral, 2016, p. 18).

No diálogo com Husserl, Bakhtin descarta a neutralidade transcendental e assimila com ressalva a visão desse filósofo:

Relaciona-se com a de Husserl a definição fenomenológica que Bakhtin dá ao *Lebenswelt*, mundo vivido, como lugar de ocorrência de “atos intencionais”, distintos de atividade e de ações *per se*, despida coerentemente por Bakhtin da neutralidade transcendental que Husserl veio a admitir por razões metodológicas. O que Bakhtin incorpora criticamente da visão fenomenológica de Husserl é precisamente a ênfase no caráter situado, corporificado, peculiar, historicamente material de cada do homem (Sobral, 2016, p. 18, itálicos e aspas do original).

O pensamento de Bakhtin está em oposição às bases do idealismo de Kant²¹ e de seus sucessores, mas assimila as categorias de tempo, espaço e causalidade com restrições e com base na reformulação da ênfase de Husserl, que reforça a concepção de ato como processo permanente e inacabado, levando-o a propor o ato-visão como exotópico. Nessa proposta amplia a noção de ponto de vista, não reduzida a uma capacidade do sujeito de ver seu próprio ponto de vista de uma perspectiva neutra: “Bakhtin propõe um agente que vê seu ponto de vista, exotopicamente, a partir desse mesmo ponto de vista, composto com base em suas relações com outros sujeitos que lhe conferem o necessário, e sempre fluido, acabamento” (Sobral, 2016, p. 18).

²¹ Os diálogos do Círculo estão travados mais intensivamente com Kant. Outros diálogos menores, indiretos e maiores estão presentes nas obras do Círculo que formam a complexidade do pensamento desse grupo de pensadores da linguagem e de identificação das múltiplas vozes com as quais dialogaram. Para efeito de relevância quanto às categorias de ato, responsabilidade, responsividade, sujeito, autor/ia e ponto de vista na arquitetura relacional de valores, quatro pensadores estão em proeminência na elaboração da ideia de Bakhtin sobre arquitetura, que expomos, principalmente, por meio de Sobral (2016), um dos estudiosos brasileiros da obra filosófica de Bakhtin. Para adentrar nos diálogos (menores, indiretos e maiores), Cf. “Filosofia (e filosofia) em Bakhtin” (Sobral, 2016), na obra *Bakhtin: conceitos-chave*, organizada por Beth Brait e publicada pela editora Contexto.

Segundo Bakhtin (2017a [1920-1924], p. 80), “o ato não vê somente um contexto único, mas também o único contexto concreto”, aquele contexto último com o qual relaciona tanto o seu sentido quanto o seu fato, como um Jano bifronte. No processo do ato, esses dois contextos são integrados, complementados, unidos: conteúdo-sentido e valor axiológico, verdade (*instina*)²² e verdade (*pravda*), mundo inteligível e mundo sensível, mundo da cultura e mundo da vida. O conteúdo do ato (produto) e a forma (processo), ou seja, o modo de organização do conteúdo, ambos são unidos no processo do ato e dotados de sentido com base na avaliação do ato pelos seus agentes – os autores e interlocutores (Sobral, 2009, p. 122). O participante do diálogo realiza um ato de compreensão, que é ativamente responsivo, sempre avaliando o conteúdo do enunciado a partir de seu ponto de vista.

Os pontos de vista são posições racionais e valorativas (Bakhtin, 2013 [1929-1963]) e estão relacionados à percepção de mundo e ao enunciado concreto. Segundo François (2015 [2012]), quanto à “[...] motivação espacial do termo ‘ponto de vista’”, “é o lugar onde estou que explica minha maneira de perceber [...]” (François, 2015 [2012], p. 258, destaque do original, tradução nossa).²³ Para que exista o ponto de vista, é necessário que haja uma realidade em comum e uma diferença (o elemento avaliativo):

[...] poderíamos dizer que falar sobre ponto de vista refere-se [...], por um lado, ao fato de que há uma realidade comum, por outro lado, precisamente, uma diferença de "ponto de vista". Sem comum e sem diferença não há ponto de vista. [...] não há palavras que sejam apenas «referência a um estado de coisas». Todo significado é de alguma forma avaliado (François, 2015 [2012], p. 257-263, destaque do original, tradução nossa).²⁴

Em consonância com a teoria do Círculo dialógico, não há palavra sem ênfase valorativa ou enunciado sem avaliação, porque todo ele é, antes de tudo, uma orientação avaliativa. Disso decorre que, em “um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 236). Se o centro valorativo (eu-para-mim) for abstraído, tudo em volta se desintegra, pois tudo se correlaciona com esse centro de valor em relação com outros centros (eu-outro). Logo, a participação real do ato é um efetivo

²² Cf. Ponzio (2017, p. 17) “a verdade, ‘*instina*’, como valor abstrato, ideal universalmente incontestável, mas não sem reconhecimento efetivo no ato; a verdade ‘*pravda*’, como entonação do ato, a sua afirmação, para qual o ato tende e pelo qual é aferida e o afere”.

²³ « [...] motivation spatiale du terme « point de vue » : c’est l’endroit où je suis qui rend compte de ma façon de percevoir » (François, 2012, p. 2).

²⁴ “[...] on pourrait dire que parler de point de vue renvoie (je ne sais pas sur quel mode d’implication) d’une part au fait qu’il y a une réalité commune, d’autre part, justement, une différence de ‘point de vue’. Sans commun et sans différence il n’y a pas de point de vue. [...] il n’y a pas de mots qui ne soient que ‘référence’ à un état de choses. Tout sens est en quelque façon évaluation” (François, 2012, p. 2-7).

experimental operativo e participativo da singularidade concreta do mundo, de consciências participantes, cuja força-motriz é o emotivo-volitivo, que é uma reação ativa, responsiva:

O tom emotivo-volitivo, [...] não é uma reação psíquica passiva, mas uma espécie de orientação imperativa da consciência, orientação moralmente válida e responsabilmente ativa. Trata-se de um movimento da consciência responsabilmente consciente, que transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado [...] (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 91).

A participação operativa é o pensamento participativo.²⁵ O pensamento participativo, ao entrar em relação volitiva e valorativa com o objeto a ser conhecido, com efeito, entra em uma relação não indiferente: passa a reconhecê-lo, interpretá-lo, e com intencionalidade, responsabilidade e responsividade, de modo valorativo, experimentado, vivido. No contexto científico, um teórico, cientista ou pesquisador pensa ativamente sobre o seu objeto que será conhecido e passa a conhecê-lo. Esse pensar ativamente é participativo, pois há o imperativo de responder à pergunta, que o obriga a ser responsável e responsivo do seu lugar único na existência, sem possibilidade de alibi. Dessa forma, a produção do conhecimento resulta do ato desse teórico, cientista ou pesquisador dentro do plano da arquitetônica relacional valorativa, com os momentos fundamentais eu-outro.

O meu produzir abstração do meu lugar único, esta minha *suposta* desencarnação é por si mesma um ato responsável, realizado do meu lugar único, e todo o conhecimento conteudístico assim obtido – a sua possibilidade de dar-se como qualquer coisa que é igual a si mesma – deve ser encarnado por mim, traduzido na língua do pensamento participativo, deve responder à pergunta: a que me obriga, ao meu *eu* como único, desde meu lugar único, o conhecimento dado. Isto é, ele deve ser colocado em correlação a minha unicidade, fundado no meu não-álibi no existir, em um tom emotivo-volitivo, já que o conhecimento (*znanie*) do conteúdo do objeto em si torna-se um conhecimento dele para mim, torna-se reconhecimento (*uznanie*) que me obriga responsabilmente (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 108-109, grifos do autor).

Conforme Bakhtin (2010), a compreensão e o conhecimento são dialógicos e a “força da palavra” está na compreensão dela e nela é achada conhecimento. A compreensão ativa dialógica do enunciado, enfaticamente valorado do outro, implica a ênfase emotiva designada de *páthos* (Volóchinov, 2017 [1929], p. 238), assim como: “o páthos do meu não-álibi [...], e

²⁵ Tal como nas notas recuperadas por Vadim Liapunov, que se encontram na versão de PFA traduzida por Faraco e Tezza (s/d), para fins de uso didático e acadêmico, pensamento *participativo* é sinônimo de pensamento engajado, comprometido, envolvido, relacionado ou interessado; pensamento *não-indiferente*.

o alargamento responsável do contexto dos valores” (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 109), do conflito com o mundo, com o objeto, com o outro centro de valor (Bakhtin, 2022 [1929]), porque ampliar o horizonte valorativo implica conflito, oposição, embate constante de ênfases em cada elemento semântico da existência; pois o sentido novo se revela em e com a ajuda de um sentido antigo, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir. É um processo de total instabilidade, em que o elemento abstrato e idêntico em si mesmo é absorvido, dilacerado pelo vivo conflito para, então, com o novo sentido, voltar à estabilidade e à identidade transitória, efêmera (Volóchinov, 2017 [1929]). Assim sendo, para o conhecimento dialógico, é indispensável o momento da avaliação.

De acordo com Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 48-49, grifos nossos):

[o enunciado vivo] **está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos.** [...] O enunciado vivo que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioidiológica no entorno de dado objeto da enunciação, **não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social.** É disto que ele surge desse diálogo, como uma réplica [...].

Focando o ato de enunciado do pesquisador ou cientista da linguagem, considerando também a vivência na atividade de pesquisa, que é um acontecimento integrado com o mundo da vida desse pesquisador/cientista, tal ação constitui um todo integral de seu conteúdo-sentido e de toda a historicidade concreta de sua realização. São, pois, dois momentos unitários e inseparáveis na valoração desse pensamento e/ou discurso como ato responsável com autoria. Sendo a atividade de linguagem a intensa ação desse sujeito-pesquisador sobre o objeto, o ato mobiliza esse objeto sempre “[...] em direção do que ainda está por ser determinado nele, e torna-se momento de um evento vivo” (Bakhtin, 2017a [1920-1924], p. 86). Nesse processo, é estabelecida uma relação de interesse, uma relação ativa e responsável com o objeto. Assim, entendemos que, no âmbito da pesquisa acadêmica e/ou científica, o objeto é inacabado e aberto, porque ele não é exaurido, não há um acabamento fechado dele, mas, sim, um contínuo movimento e diversas verdades na relação com ele, diversas visões, diversas interpretações, diversas vertentes teóricas.

Na abordagem de Bakhtin sobre as Ciências Humanas²⁶, o pesquisador e o *corpus* discursivo de autoria de um outro ser pensante estão em relação de profundidade e penetração,

²⁶ Cf. As ciências do espírito (Bakhtin, 2017b [1970-1971]). O objeto dessas ciências (do espírito ou humanas ou linguística, da linguagem humana) são dois “espíritos” em interação, não apenas um; é a inter-relação e interação

ou seja, há o ativismo de ambos. O conhecimento está centrado no outro nestas ciências, que têm como objeto uma alteridade discursiva a ser conhecida. Nesses termos, o pesquisador lida com um objeto expressivo (falante/pensante). Conseqüentemente, há um ato bilateral de conhecimento (compreensão) e penetração, tanto do pesquisador quanto do objeto pesquisado (o outro participante).

Nesse caso, os critérios de tais ciências são a profundidade e a penetração²⁷, isto é, a fusão com a expressão do outro, pois ocorre a interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível – uma interpenetração arquitetônica valorativa. O relacionamento entre o ativismo do cognoscente e o ativismo daquele que se abre (o cognoscível) é uma configuração dialógica, em uma relação na qual um tem a capacidade de conhecer e o outro tem a capacidade de exprimir a si mesmo. Nos elementos da expressão, duas consciências²⁸ se cruzam e se combinam, eu-outro. No entanto, esse cruzamento e essa fusão mútua não violam o lugar do outro, porque há a manutenção da distância (meu lugar) que assegura o excedente de visão do conhecimento. A modificação do aspecto do sentido, do aspecto expressivo do “objeto” discursivo é possível porque ele é inacabado e não coincide em si mesmo (ou é livre). O conhecimento é compreensão e sua índole é inacabável. Portanto, nas ciências humanas, a caracterização do conhecimento do objeto discursivo (cognoscível), um ser singular, está no “campo das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações” (Bakhtin, 2010, p. 394). Ou seja, essas ciências que lidam com a pessoa humana não têm por critério o erro e a exatidão, como nas ciências exatas, mas, sim, o segredo, a mentira, a indiscrição, a ofensa, etc.

Tratamos esse conceito de consciência como postulado por Bakhtin (2017a [1920-1924]), que se refere à consciência “encarnada” (não indiferente), ou seja, do autor de atos, do ser existencial, aquele que assina, nos parâmetros do princípio de alteridade da arquitetônica relacional dos valores: eu-outro, eu-para-mim, outro-para-mim. Portanto, o conceitual está circunscrito no princípio geral do dialogismo. A terceira consciência, no parâmetro da

entre aquele que é estudado e aquele que estuda (o cognoscente e o cognoscível). Significa, pois, o acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro (Bakhtin, 2017b [1970-1971]), p. 39).

²⁷ O sentido de penetração no outro é de fusão, termo retomado por Bakhtin em “os elementos concretos dos estudos da literatura e da arte”, em que estão vinculados à “inter-relação do ambiente e do horizonte, do eu e do outro, as questões das zonas, “a expressão teatral.”

²⁸ Conforme o escrito de Bakhtin (2010), “Metodologia das Ciências Humanas” (MCH), esse ato bilateral do encontro de duas consciências, que se cruzam e se combinam ao ponto da ocorrência da fusão, é de complexidade na metodologia das ciências humanas, em contraposição ao limite do conhecimento das ciências exatas, que lida com um objeto coisificado, coincidente em si mesmo. Nas exatas, o critério prático-metodológico não permite erros, pois é o critério da exatidão, havendo apenas um ato unilateral para a revelação do objeto da pesquisa (a coisa mortificada, o elemento abstrato). O objetivo de conhecê-lo está na busca do que é permanente ou imutável.

arquitetônica, é postulada por Bakhtin (2017a [1920-1924]) como uma consciência desencarnada (indiferente). No caso em discussão da relação do pesquisador com o objeto, o objeto é o outro da relação, um objeto discursivo. Ressaltamos que a consideração do terceiro, na presente investigação, amplia a relação bidimensional do pesquisador-objeto discursivo para uma relação tridimensional (eu-outros), que envolve sujeito, discurso e sociedade.

Bakhtin (2016 [1959-61], p. 104-105) considera um terceiro no diálogo como um supradestinatário superior, presente e acima de todos os participantes do diálogo, cuja compreensão responsiva indubitavelmente justa está no fundo de cada diálogo. Como tal, o supradestinatário é o elemento constitutivo do enunciado total.

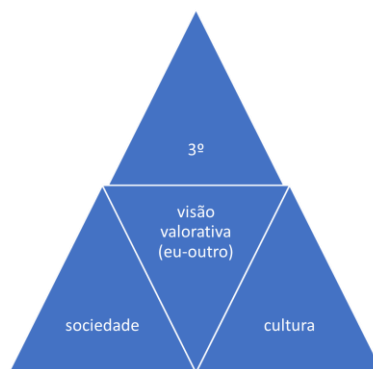
Em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, esse supradestinatário e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, etc.). O autor nunca pode deixar que ele mesmo nem o conjunto de sua obra discursiva fiquem inteiramente à mercê plena e *definitiva* dos destinatários presentes ou próximos (porque até os descendentes mais próximos podem equivocar-se), e sempre pressupõe (com maior ou menos consciência) alguma instância superior de compreensão responsiva que possa se deslocar em diferentes sentidos. [...] Isso decorre da natureza da palavra, que sempre quer ser *ouvida*, sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediate*, mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada). Para a palavra (e conseqüentemente para o homem) não existe nada mais terrível que a *irresponsividade*. Nem a palavra deliberadamente falsa é absolutamente falsa e sempre pressupõe uma instância que a compreende e a justifica, ainda que seja na forma “*no meu lugar qualquer um mentiria*” (Bakhtin, 2016 [1959-61], p. 104-105, grifos do autor).

O pesquisador também pode ser entendido como um terceiro, um participante do diálogo num nível especial, a partir de sua posição de entendedor, em função da interpretação e da pesquisa (Bakhtin, 2016 [1959-61], p. 104).

Na afirmação de Medviédev (2012 [1928]), o objeto do enunciado científico não é finalizado, o que há é um acabamento superficial no enunciado (um ponto final), que não afeta o objeto. “Um trabalho científico nunca finaliza: onde acaba um, continua outro: A ciência [...] nunca pode ser finalizada” (Medviédev, 2012 [1928], p. 194). Para esse autor, não deve ser tirado do objeto o seu sentido único e integral, porque, se for tirado, excluído, não há possibilidade de avançar no estudo, no conhecimento do objeto e não será uma abstração convencional de alguns dos aspectos do objeto estudado, mas será uma negação incondicional da existência desses aspectos do objeto – uma negação dogmática. Ainda segundo o autor, “O cientista vê a vida [...] do ponto de vista dos meios e métodos” (Medviédev, 2012 [1928], p.

199) e alcança aspectos e ligações da vida diferentemente dos meios de visão e de compreensão da realidade de integrantes de outras esferas do conhecimento. Segundo o nosso pensar, a visão da atividade acadêmico-científica é tridimensional, ou seja, está no tripé formado por sujeito, sociedade e cultura. O lugar, ou ecos, desse tripé e seus elementos está na fronteira da multiplicidade de vozes (singulares e sociais) e perspectivas presentes no discurso científico, bem como na dinâmica interativa que ocorre entre elas – nesse lugar o mundo da cultura e a terceira consciência formam o momento e a interrelação da arquitetura do ato responsável e valorativo do sujeito.

Figura 2- Arquitetônica tridimensional da visão do pesquisador/cientista



Fonte: Elaboração nossa.

A noção do ativismo do “sujeito moral” apoia as categorias basilares (eu-outro) desenvolvidas por Bakhtin (2017a [1920-1924]), porque esse sujeito não é indiferente à própria existência e ao reconhecimento da existência do outro, assim como ao compromisso com o outro. O conceitual de outro “se diferencia de outras vertentes do conhecimento que também adotam o outro como parâmetro epistemológico. Trata-se do outro discursivo, ideológico e interacional” (Brait, 2012b, p. 88). Nessa perspectiva, o sujeito é constitutivamente singular e heterogêneo, histórico e social, e só pode ser apreendido em si mesmo no sistema de suas interrelações. O sujeito bakhtiniano “não é assujeitado”, é um agente participante do conjunto das relações sociais. Ele age e é constituído em relação ao outro.

O sujeito bakhtiniano não está completamente assujeitado aos discursos sociais. Se assim fosse, negar-se-ia completamente a concepção de heteroglossia e de dialogismo, centrais na obra do filósofo. [...] No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos

sociais. A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal” ocorre na “interação viva das vozes sociais”. Nesse “simpósio universal”, cada ser humano é social e individual. (Fiorin, 2011, p. 19).

O sujeito bakhtiniano é enfaticamente ativo e situado, constituído pelo caráter relacional e assim também é a constituição do sentido.

O indivíduo isolado está à margem da história e, para incorporar-se à história, não age através de seus próprios recursos, mas somente pelo nascimento social, como sujeito social, para, então, a partir daí começar a ideologia:

Com efeito, por si mesmo, com seus próprios recursos, **o indivíduo** isolado não está absolutamente em condições de incorporar-se à história. Somente como membro de um grupo social, numa classe e por uma classe, ele acede à realidade e à atividade históricas. **Para entrar na história**, não basta nascer fisicamente como o animal, que permanece à margem da história. **É necessário, por assim dizê-lo, um segundo nascimento, um nascimento social** (Volóchinov, 2013, p. 30, grifos nossos).

O sujeito é um ideólogo e cada ideia é posição completa de Sentido, é **voz** materializada na produção discursiva, em enunciados (Bakhtin, 2013). A voz, como posição ideológica do sujeito social, confronta vozes alheias, também determinadas socialmente, e, dialogicamente, a ideia se desenvolve. Dito de outra forma, o posicionamento se constrói no confronto de posicionamentos. Desse modo, entre os interlocutores há relações de ideias (ideologias), relações semântico-axiológicas, relações de pontos de vista com uma interface de relações interpretativas geradoras de sentidos.

O sentido metafórico de voz em Bakhtin trata-se, pois, “da maneira semântico-social depositada na palavra” (Dahlet, 1997 *apud* Bubnova; Baronas; Tonelli, 2011, p. 270). A oralidade e a escrita não são domínios separados no âmbito contrastante de duas culturas. Voz e letra estão unificadas, e essa unidade se dá pela dinamicidade dos sentidos constituídos pelas vozes, que são posicionamentos éticos e ideológicos coexistentes e estão em interação contínua com outras vozes (Bubnova; Baronas; Tonelli, 2011). Desse modo, as vozes estão corporificadas em todo enunciado com expressão de Sentido.

A construção de um texto e a construção de um *eu* seguem em paralelo, isto é, a atividade arquitetônica da autoria opera em paralelo à atividade da existência humana (Clark; Holquist, 2008). Esse centro de valor do eu dialógico (eu-para-mim) só pode existir em relação tensa com tudo o que lhe é diferente, ou seja, com outros valores.

Todos os valores são/estão articulados no ato de escrita de texto. Esse ato de produção de enunciado escrito no processo de criar ou autorar, e aqui introduzimos a criação de um

texto acadêmico-científico, é uma atividade autoral de um ato ético. Há, portanto, a necessidade de cada um ser responsável e responder a outros e ao mundo a partir de seu lugar único na existência e dos meios pelos quais cada um relaciona sua singularidade com o resto do mundo, que é outro para essa singularidade, e constitui uma relação ética. A constituição da ética é, pois, “o padrão dos atos reais que executo no acontecimento que é minha vida” (Clark; Holquist, 2008, p. 91). A criação de textos científicos como atividade autoral ética implica a não existência de álibi na existência.

O domínio da arquitetura é das relações de sentidos, das relações de valores, e sua dimensão é processual, distinta ao domínio da mecânica, que mostra posicionamentos. A arquitetura “persegue os fluxos e seus pontos de vista projetados sob forma de diferentes interações” (Machado, 2010, p. 203-204). Essa dinâmica está ilustrada abaixo.

Figura 3 - Esquematização de domínios

<p>arquitetura (construção) > mecânica (movimento) > arquitetura (interação) = resposta (sentido)</p>
--

Fonte: Machado (2010).

A estrutura da arquitetura se forma mediante “estímulos” ou de centros de valores concretos de cada ser que se interpenetra em outro centro, numa interconexão de vários valores concretos que estão em construção. Cada centro está em interrelação com o outro, constituindo uma grande rede, que não é rígida ou estática. A arquitetura como um conjunto de valores faz com que o autor-criador (ou voz autoral) escolha e use certa forma composicional, o que significa a posição axiológica do autor, movendo sua seleção numa forma composicional.

2.1 AUTOR(IA)

Pensar a concepção de autoria a partir do “sujeito moral” e dialógico é conceber ao autor do ato a sua responsabilidade e a sua responsividade ativa, pois ele é consciente e participativo, um agente de atos éticos. Seu enunciado, ou discurso, é singular, único e irrepetível, ou seja, é autoral, como já discutimos. Uma palavra sem dono está apenas na sua abstração, na sua neutralidade linguística, isto é, em sua forma vazia de não enunciado (concreto); de não ser pronunciada intencionalmente pelos lábios de um agente, nem ouvida ativamente, ou não ser portadora de uma posição de sentido ou de expressão, que confere

autoridade²⁹ e autoria da palavra (pertencente a alguém). Nessa concepção, todo enunciado concreto é heterogêneo e está sempre em relação dialógica com outro enunciado, pois ele é metade do outro e metade do falante (locutor ou enunciadador).

De acordo com Bakhtin (2016), o elemento da autoria está indissolúvelmente ligado ao enunciado concreto, que é passível de ser revelado apenas numa situação e numa cadeia de enunciados, ou seja, na comunicação discursiva de dado campo. Esse elemento está em relações dialógicas com outros textos-enunciados singulares. Apontando para a responsabilidade e diversidades de autoria, Bakhtin registra que:

Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve). Os possíveis tipos, modalidades e formas de autoria. [...] Aqui, manifestam-se em toda parte tipos especiais de autores, inventores de exemplos, experimentadores com sua peculiar responsabilidade autoral (aqui existe também um segundo sujeito: quem poderia dizer dessa maneira). (Bakhtin, 2016, p. 72, 73).

Em **Fragmentos dos anos 1970-1971** (Bakhtin, 2017b), a concepção de autor está interrelacionada em duas categorias: o autor *primário* (não criado)³⁰ e o autor *secundário* (imagem de autor, criada pelo autor primário). O autor no âmbito discursivo é concebido como uma imagem criada pelo autor primário, portanto, ele é sempre um autor secundário, uma imagem criada numa implicação cultural de impessoalidade. Nesses termos, compreendemos autor secundário como uma função sociodiscursiva de atuação em seus diversos deslocamentos discursivos, ideológicos, sociais, assim como percebemos uma heterogeneidade do autor na atividade autoral. Essas imagens autorais secundárias criadas pelo autor primário são constituídas na relação com o outro, condicionadas às posições hierárquicas:

O autor primário não pode ser imagem: ele escapa de qualquer concepção figurada. Quando *tentamos* imaginar em termos figurados o autor primário, nós mesmo criamos a sua imagem, isto é, nós mesmos nos tornamos autor primário dessa imagem. O criador de imagem (isto é, o autor primário) nunca pode entrar em nenhuma imagem por ele criada. O discurso do autor

²⁹ Este termo está relacionado ao discurso persuasivo (dialógico). Portanto, ele difere de autoritarismo (monológico).

³⁰ O autor primário é designado por Bakhtin, através de expressão em latim, como “*natura non creata quae creat*”; já o autor secundário é por ele nomeado como “*natura creata quae creat*.” Segundo as notas da edição russa de Serguei Botcharov, Bakhtin foi influenciado pela obra principal do filósofo da Idade Média John Scotus Eriugena (c. 815-877 d. C), vindo a aplicar termos desse filósofo mediante metáforas, aplicadas, portanto, à *ontologia do ativismo artístico do homem*. Bakhtin também foi influenciado pelo pensamento de Heidegger. (Cf. Bakhtin, 2017b, p. 46,47, nota de roda pé).

primário não pode ser discurso *próprio*: ele precisa ser consagrado por algo superior e impessoal (por argumentos científicos, uma experiência, dados objetivos, uma inspiração, uma iluminação, pelo poder, etc.). Se interfere com discurso direto, o autor primário não pode ser simplesmente um *escritor*: nada se pode dizer em nome do escritor (o escritor se transforma em publicista, moralista, cientista, etc.). Por isso o autor primário se encarna no *mutismo*. Mas esse mutismo pode assumir diferentes formas de expressão, formas variadas de riso reduzido (ironia, de alegoria, etc. (Bakhtin, 2017b, p. 46, grifos do autor).

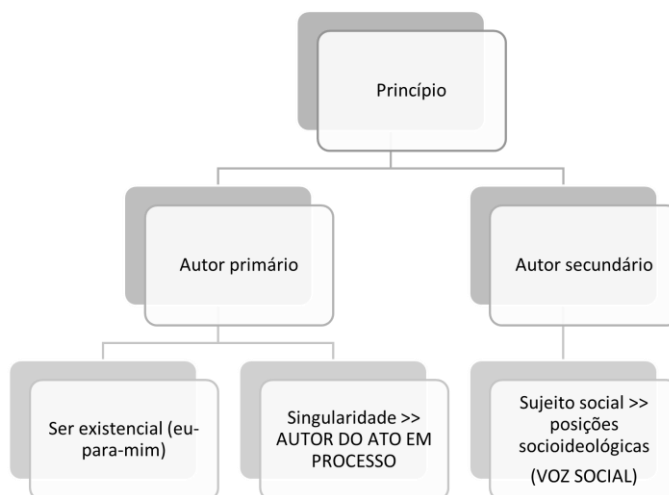
Nessas anotações fragmentadas, Bakhtin afirma a inexistência de algum gênero de pura autoexpressão e sem destinatário e associa as imagens autorais, criadas por um único autor primário, com os gêneros do discurso. Em uma relação indissociável, existem diversas formas de autoria, assim como diversos gêneros discursivos. Essas diversas formas são definidas por máscaras autorais pelas quais o falante (ser expressivo, pessoa) se manifesta discursivamente em relação com outro discursivo numa posição de hierarquia. Assim, conforme Bakhtin (2017b), existem várias maneiras de assumir a autoria do discurso, desde as declarações mais simples da fala cotidiana até os grandes gêneros literários. A forma de autoria dependerá do gênero do enunciado e, por sua vez, o gênero é determinado pelo objeto, pelo propósito e pela situação do enunciado. Segundo o nosso pensar, no gênero acadêmico-científico, o sujeito-autor é parte do processo de investigação, da construção da pesquisa, a partir de diferentes posições ao longo do trabalho de investigação, ou seja, atos éticos e responsáveis com deslocamentos – retomadas, modificações e reacentuações – e desse processo emerge o produto autoral. As formas de autoria, a posição ocupada na hierarquia pelo falante e a posição hierárquica correspondente do destinatário do enunciado, isto é, a relação entre quem fala e para quem se fala, determinam o gênero, o tom e o estilo do enunciado; implicam a percepção de quem é a voz, a autoridade da palavra. Em suma, essa relação determina a forma da autoria, pois a mesma pessoa real pode se manifestar em diferentes formas de autoria (as suas máscaras autorais), com diversas marcas da heterogeneidade.

O falante. Na qualidade de quem (isto é, em que situação) se manifesta o falante? Diversas formas assumidas da autoria do discurso, dos mais simples enunciados da fala cotidiana aos grandes gêneros literários. É praxe falar de máscaras do autor. Contudo, em que enunciados (manifestações verbalizadas) se exprime a *pessoa* e não existe máscara, isto é, não existe autoria? A forma de autoria depende do gênero do enunciado. Por sua vez, o gênero é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado. As formas de autoria e o lugar (posição) ocupado na hierarquia pelo falante (líder, tsar, juiz, guerreiro, sacerdote, mestre, homem privado, pai, filho, marido, esposa, irmão, etc.). A posição hierárquica correlativa do

destinatário do enunciado (súdito, réu, aluno, filho, etc.). Quem fala e a quem se fala. Tudo isso determina o gênero, o tom, e o estilo do enunciado: a palavra do líder, a palavra do juiz, a palavra do mestre, a palavra do pai. Etc. é isso o que determina a forma da autoria. **A mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas autorais.** Em que formas e como se revela a pessoa do falante? (Bakhtin, 2017b, p. 52-53, itálico do autor, grifo nosso).

Transpondo à dinâmica do reflexo e da refração do ser no outro, da palavra como signo ideológico, e da criação do gênero secundário a partir do gênero primário, a questão do autor apresenta similaridade de princípio, pois o autor primário refrata-se na criação do autor secundário como uma voz social no texto-discurso. Ilustraremos esse princípio abaixo:

Figura 4 - Autor



Fonte: Elaboração nossa.

De acordo com Faraco (2016), para apreender as bases dessa conceituação de autor/autoria no pensamento bakhtiniano, é necessário considerar que, em seu pensamento, o universo das práticas culturais é movido por posições socioavaliativas, que são a grande força motriz, postas numa dinâmica de multiplicidade de interrelações-responsivas. Seja qual for o ato cultural, ele é uma posição valorativa assumida frente a outros posicionamentos valorativos. Duas categorias distintas são definidas: autor-pessoa (a pessoa física) e autor-criador ou autor-função (a função social que o autor assume quando enuncia). Tais distinções são introduzidas no ato artístico, no aspecto estético, em que vigora o autor-criador, que é uma apropriação de uma voz social que ordena o todo estético como uma ordenação de um ato valorativo, porque enunciar é dar valoração social, valoração que é heterogênea e que circula socialmente em diferentes quadros de valores.

A posição valorativa dá ao autor-criador o poder de constituição do todo, pois, mediante esse poder, o herói e seu mundo são criados dando-lhes acabamento estético. Nesses termos, o autor-criador pode ser caracterizado, essencialmente, como posição axiológica. Todo texto, qualquer que seja, tem como elemento estruturante e como ponto de partida um posicionamento axiológico, ou seja, uma posição autoral. Portanto, o autor-criador é posicionamento de refração, porque a posição axiológica tem o recorte pelo viés de valoração do autor-pessoa e, portanto, são recortados e reordenados todos os eventos a partir desse posicionamento axiológico: “O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta [*sic*] e se reordena [*sic*] esteticamente os eventos da vida” (Faraco, 2016, p. 39). A noção de autor é tanto singular, porque ocupa um lugar que não pode ser ocupado por mais ninguém, quanto social, porque é constituída por muitas vozes, ou de modo heterodiscursivo.

Em **Problemas da Poética de Dostoievski** (PPD)³¹, a concepção de autor é voz e está situada na concepção de polifonia, isto é, como uma voz que interage com as personagens (o herói ou a heroína), que possuem voz própria na interação com o autor. Há a equipolência de vozes, portanto elas coexistem e interagem. As relações entre a voz autoral e as vozes das personagens estão em dinâmica constante, com variabilidade de graus de ativismo das vozes, classificadas em tipos de discursos. Nessas variações podem ocorrer a fusão de vozes, quando seus acentos são compatíveis, até o choque dialógico, quando os acentos são incompatíveis. A fusão de vozes ocasiona a univocidade, enquanto a luta de vozes ocasiona a bivocalidade. Segundo o nosso pensar, no primeiro caso, a voz autoral poderá ser silenciada, porém refratada na voz de um outro, isto é, pelo enunciado ou discurso de outrem. O silêncio é dissimulado na refração, soando como um só voz. A voz de outrem, que refrata a voz do autor, é uma voz autorizada socioideologicamente em dada época, usada intencionalmente pelo autor para determinada finalidade.

No contexto de pesquisa, a retomada do discurso de outrem pelo autor-pesquisador no gênero acadêmico e/ou científico tem uma função de argumento de autoridade usado por jovens pesquisadores – e a depender da forma como é feita a relação com essa voz de autoridade, poderá haver um efeito de apagamento da voz autoral desses jovens. Geralmente, os argumentos de autoridade (de outrem) são representados como suficientes, como vozes representativas do querer dizer desses pesquisadores, refratando suas vozes como um *discurso*

³¹ Apresentaremos o quadro de interrelações de vozes no capítulo 3.

monovocal (Bakhtin, 2013, p. 216). Desse modo, o discurso de outrem (a citação de autoridade) será representado e objetificado, com a finalidade de refratar a segunda voz (do pesquisador) ainda não autorizada. Isso configura o tipo de discurso monovocal, de uma só voz. No entanto, a voz do pesquisador é legitimada, desde que apoiada nas vozes de teóricos, isto é, autorizada. Como há uma tendência de inserções de *vozes consonantes* com o posicionamento do pesquisador na escrita acadêmica (Ninin, 2019)³², a *fusão de vozes* (Bakhtin, 2013 [1929-1963]) de interrelação de aproximação causará o efeito de silenciamento da voz autoral do pesquisador nessa interação com a voz de autoridade de outrem – do teórico.

Bakhtin enfatiza a interação entre essas vozes e a influência mútua na produção de sentido numa concepção de estilo, que está para “a forma de transmissão do discurso de outrem, considerando, dentre outras coisas, a apreensão ativa do discurso, a dinâmica da inter-relação do contexto narrativo [emoldurador] e do discurso citado [...]” (Brait, 2016, p. 82) com vista à produção de sentido. Dessa ênfase, a autoria, enquanto um fenômeno social e discursivo, é entendida por nós como um processo em que múltiplos sujeitos participam. Como em um corredor de vozes, numa cadeia relacional dialógico-discursiva de já-ditos, as palavras ou enunciados (textos) do sujeito-autor são influenciados por discursos sociais, ideológicos e históricos.

No texto de pesquisa, a voz do pesquisador está situada na fronteira do que foi enunciado e do que está sendo enunciado, isto é: “o autor está no ponto de junção entre a forma e o conteúdo, nas escolhas estilísticas que não são nunca arbitrárias, mas sim impostas pelo objeto e pelo gênero. Podemos ouvi-lo, mas não podemos vê-lo” (Amorim, 2004, p. 250). No pensamento de Bakhtin, a concepção de estilo está relacionada ao gênero do discurso e à dimensão de autoria. No estilo não está apenas a avaliação do autor, mas também a potencialidade de uma comunhão avaliativa com o outro. Isso implica que o estilo está intrinsecamente ligado a um “querer dizer”, e essa expressão toma forma em enunciados concretos, abertos a novos sentidos, em condições sócio-históricas. A forma como esse “querer dizer” se manifesta sofre certas restrições por relaciona-se às atividades humanas em coordenadas genéricas, do estilo do gênero do discurso.

Segundo François (2013), o estilo individual está em relação com os estilos de recepção, com os modos de compreensão dos discursos, como modos de ser e de se relacionar

³² Material de seminário realizado por Ninin, na Unicap, em 2019.

com o mundo. É no evento da interpretação que está a constituição do autor, em estilos de recepção.

[...] quando “compreendemos” o olhar, o ato ou a fala de alguém, nem que seja na nossa forma de responder a isso ou resumir “o sentido”. Assim como, em graus variados e de acordo com vários estilos, cada um é capaz de julgar as palavras do outro como interessantes, bizarras, incompreensíveis, como corrigir suas próprias palavras (François, 2013, p. 139, tradução nossa).³³

Na arquitetura do dialogismo, nossas palavras, enunciados ou discursos são sempre constituídos pelas (das, nas) palavras ou enunciados ou discursos alheios, pelas palavras antecessoras às nossas, e até mesmo pelas possíveis palavras futuras antecipáveis do outro, que enformam o enunciado do sujeito-autor e são ativadas por nossa percepção ativa como sujeitos-autores. A palavra da voz alheia introduzida no nosso discurso é renovada pela interpretação que dela realizamos, pela nossa compreensão ativa, que é mobilizada pela valoração e emoção-volitiva. O enunciado concreto é reposta, uma autoria de sentido axiológico. Portanto, sentido é sentir (Bakhtin, 2017a), em movimento de incorporação-reelaboração.

Os gestos de autoria indicam os movimentos de interpretação do sujeito-autor. Do lugar que o sujeito-autor ocupa, um espaço de interpretação é criado no meio dos demais, produzindo uma nova interpretação, tornando-se autor daquilo que ele produz. Como proposto na Arquitetônica Bakhtiniana, o autor é responsável pelo que diz (ou escreve), é responsivo, e marca sua singularidade como um centro valorativo sempre em relação com outro centro de valor. Jamais isolado, sempre em relação, ele inscreve a expressão de sua voz (posição de sentido) no discurso coletivo a partir de seu o ponto de vista sobre o objeto (sua interpretação de posição racional e valorativa), gerando um acontecimento interpretativo. O gesto de autoria, pois, inscreve novos sentidos nos sentidos já estabilizados, ou modificação de velhos discursos (força centrípeta) pelo novo discurso (força centrífuga).

³³ “[...] Ainsi, lorsque nous ‘comprenons’ l’allure, l’acte ou le discours de quelqu’un, ne serait-ce que dans otre façon d’y répondre ou d’en résumer ‘le sens’. Tout comme, à des degrés et selon des styles divers, chacun est capable de juger les propos de l’autre comme intéressants, bizarres, incompréhensibles, comme de corrigir ses propres propos” (François, 2013, p. 139).

3 O GÊNERO DO DISCURSO NA DINÂMICA DAS INTERRELAÇÕES

A noção de gênero do discurso, elaborada por Bakhtin (2016 [1952-1953]), parte da reflexão revolucionária desse autor sobre os enunciados e seus tipos no contexto de cada campo da atividade humana, definindo os gêneros do discurso como: “tipos de enunciados relativamente estáveis elaborados em cada campo de utilização da língua” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 12). O vínculo intrínseco da língua em uso com as atividades humanas é o ponto de partida desse teórico. Esses tipos de enunciados são vistos a partir do processo de interação, considerando o processo de produção e/ou constituição dos gêneros (Fiorin, 2011).

O conteúdo temático, o estilo de linguagem e a estrutura composicional são os três elementos básicos do gênero do discurso, que estão indissolivelmente interligados. “Assim o enunciado se insere no campo da ideologia, mas as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros, pertencem à linguagem” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 134). Os gêneros do discurso se diferenciam pela natureza ideológica, não pela finalidade, definidos em duas modalidades: os primários (simples) e os secundários (complexos).

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.), surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito – ficcional, científico, sociopolítico, etc.) (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 15).

A constituição dos gêneros complexos, ou secundários, ocorre a partir dos gêneros primários, mediante um processo de incorporação e de reelaboração desses primários, que se dá nas condições comunicativas discursivas imediatas: “[...] ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios [...]” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 15). Situando a dissertação de mestrado na modalidade dos gêneros secundários, pois é um documento científico predominante escrito, consideramos os quadros teóricos da dissertação como molduragens, onde as vozes alheias inseridas são emolduradas pelo (con)texto emoldurador³⁴, no novo contexto autoral.

Segundo Volóchinov (2017 [1929]), o discurso verbal impresso (por exemplo, uma obra impressa) participa da discussão ideológica em grande escala: “responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante”

³⁴ Apresentaremos a noção de (con)texto emoldurador na próxima subseção 3.1.

(Volóchinov, 2017 [1929], p. 219). Situando a dissertação de mestrado como discurso verbal impresso na interação discursiva, esse discurso é “inevitavelmente orientado para discursos anteriores [...] realizados na mesma esfera e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 219). Analogamente, ao mesmo tempo também é orientado para uma compreensão ativa: “[...] uma análise minuciosa e uma réplica interior bem como uma relação organizada, também impressa” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 219). Dessa forma, o discurso verbal impresso participa da discussão ideológica de tal esfera e, como um todo de posição de sentido, ele é enunciado concreto. Então, ele é um momento da comunicação ininterrupta acadêmico-científica, ou seja, aquele elo na cadeia discursiva: “essa comunicação discursiva ininterrupta é apenas um momento da constituição ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade. É unidade real do fluxo da linguagem, como enunciado, e não pode isolá-la do fluxo histórico dos enunciados” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 221).

A situação e o auditório forçam a atualização do “discurso interior” na expressão do discurso verbal escrito da dissertação, que é determinada e diretamente inserida no contexto acadêmico-científico antecipando o não enunciado, que será “completado pela ação, ato ou resposta de outros participantes do enunciado” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 221). O “acabamento” (ou totalidade) da dissertação como enunciado é determinado tanto pelo atrito desse discurso com o extraverbal quanto pelo atrito com o discurso do outro, ou seja, “pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados)” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 221). Essa totalidade é socioideologicamente estruturada, cuja totalidade de sentido – o tema – é situado historicamente na plenitude concreta.

O GEGe (2019) propõe uma reflexão sobre o conceito de gênero do discurso, na arquitetura bakhtiniana, pelos movimentos de totalidade/estabilidade-singularidade/instabilidade. Para tanto, leva-se em consideração a relativa estabilidade do gênero pela consolidação histórica de seu uso em esferas específicas (com estilos, tratamento de temas e composição de formas específicos), constituindo-se também como lugar de emergência de sentido histórico com significações socialmente consolidadas; mas também se observa o movimento de modificação e atualização do gênero possibilitado pela instabilidade-singular do projeto de dizer do sujeito, ou seja, o sujeito desenvolve o trabalho responsivo, numa junção de passado e futuro, na relação com a alteridade (o interlocutor), frente do ativismo da alteridade. Dessa forma, possibilita-se a renovação do gênero sem negar-lhe seu sentido histórico, nem o tipo e a forma já relativamente estabilizados.

Analogamente, Brait e Pistori (2012) afirmam que, na essência do conceito de gênero do discurso, estão implicados o dialogismo e os modos de compreender e confrontar o mundo, não se reduzindo à arquitetura, mas com abrangência da arquitetônica:

[...] conceito de gênero não se reduz a uma caracterização do discurso por meio dos três termos conhecidos e reconhecidos a partir da leitura do texto de Bakhtin [...] – tema, composição e estilo. [o] caráter dialógico interno e externo no enfoque da vida e do pensamento humano é muito importante para a compreensão do gênero do discurso no conjunto das obras do Círculo: o conceito de gênero não se limita a estruturas ou textos, embora os considere como dimensões constituintes. Implica, essencialmente, dialogismo e maneira de entender e enfrentar a vida (Brait; Pistori, 2012, p. 374-375).

A distinção crucial entre a forma composicional e a forma arquitetônica evidencia o plano da alteridade nos discursos, o plano da arquitetônica dos valores nos gêneros do discurso:

Bakhtin sugere que é preciso enfrentar a unidade do texto não como dada exclusivamente por sua forma externa, aparentemente autônoma, mas por seu plano, ou seja, por suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições dialógicas e valorativas. Esse plano ele denomina **forma arquitetônica**, aspecto que tem a ver, em termos do conjunto da proposta do pensamento bakhtiniano, com a relação **eu para o outro – o outro para mim**, presente nos textos, nos discursos, nos gêneros [...] (Brait; Pistori, 2012, p. 378, grifos dos autores).

Com efeito, concordamos que os gêneros do discurso refletem condições e finalidades específicas, mas, além de serem modos particulares de comunicação discursiva, eles também são modos de relação e de compreensão de mundo. “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.)” (Bakhtin, 2013 [1929-1963], p. 209), está impregnada de relações dialógicas, que são relações de sentidos, de contraposições axiológicas, e, nelas, está aquilo que afeta o sujeito e exige o seu agir, numa compreensão ativa, indissociável do emotivo-volitivo (Bakhtin, 2017a [1920-1924]).

3.1 A TRANSMISSÃO DO DISCURSO DE OUTREM E O CONTEXTO EMOLDURADOR

Correlacionadas ao gênero do discurso estão as formas de transmissão da voz da palavra alheia, a questão do discurso do outro, fundamentais para a interpretação dos sentidos

e para os estudos do diálogo. Segundo Cunha (2008; 2011; 2019a), as abordagens de Bakhtin e de Volóchinov são distintas, embora ambos os teóricos compartilhem a mesma proposta do estudo do diálogo e do discurso do outro. A (cor)relação de forças entre o discurso citado e o discurso citante é um fenômeno dialógico, apresentado distintamente entre os autores do Círculo, no entanto, suas abordagens são complementares.

Volóchinov (2017) apresenta a dinâmica das interrelações entre o discurso autoral e alheio em duas tendências principais de reação ao discurso alheio. Essas tendências estão classificadas como estilo linear e estilo pictórico, em esquemas e variantes do discurso direto, do discurso indireto e do discurso indireto livre voltados para a transmissão do discurso alheio, como uma proposta de método sociológico na linguística. O estilo linear de transmissão do discurso alheio tem a tendência principal de: “[...] criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio [...]” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 257). Nesse estilo, a percepção ativa do discurso alheio tende a manter a integridade de sua alteridade e de sua autenticidade. Do ponto de vista gramatical e composicional, um isolamento máximo é alcançado pelo discurso alheio, e o “colorido” da apreciação autoral não o penetra, pois nele (no discurso alheio) há solidez.

Na tendência do estilo linear, considerando o grau de dogmatismo e de confiança ideológica, as fronteiras entre o discurso autoral e alheio atingem um limite máximo de precisão e inviolabilidade. Consideram-se, pois, a finalidade da orientação do contexto autoral e a hierarquia social da palavra alheia transmitida: “Quanto mais intensa a sensação de superioridade hierárquica da palavra alheia, tanto mais nítidas serão suas fronteiras e menos penetrável ela será pelas tendências comentadoras e responsivas” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 262). Como exemplo dessa finalidade da orientação do contexto autoral que delimita o manuseio da palavra alheia transmitida, o autor apresenta o discurso retórico:

O discurso retórico não tem tanta liberdade no manuseio da palavra alheia, em razão da finalidade da sua orientação. A retórica exige uma percepção nítida das fronteiras do discurso alheio. Ela possui um sentido aguçado de propriedade sobre a palavra e é meticulosa quanto à autenticidade (Volóchinov, 2017 [1929], p. 261).

Cunha (2008, p. 135) elucida que o conteúdo temático é retido e os discursos citado e citante são separados pelo uso da variante discurso indireto analisador do conteúdo, nesses contextos epistemológicos ou retóricos (discurso científico, filosófico, político etc.).

A segunda tendência de transmissão da palavra alheia, o estilo pictórico, tende ao apagamento dos contornos claros e exteriores do discurso alheio: “O contexto autoral tende à

decomposição da integridade e do fechamento do discurso alheio, à sua dissolução e ao apagamento das suas fronteiras” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 258). As fronteiras do enunciado são enfraquecidas tanto pelo contexto autoral quanto pelo ativismo do discurso alheio, o que gera variedades de tipos nesse estilo pictórico:

O enfraquecimento ativo das fronteiras do enunciado pode partir do contexto autoral, que penetra no discurso alheio com suas entonações, humor, ironia, amor e ódio, enlevo ou desprezo. [...] desenvolve-se também o “colorido” do enunciado alheio, que frequentemente resulta na diminuição do aspecto semântico da palavra [do seu sentido objetual] [...]. Entretanto, ainda é possível um outro tipo, em que a dominante discursiva é transferida para o discurso alheio, tornando-o mais forte e ativo do que o contexto autoral que o emoldura, dissolvendo-o (Volóchinov, 2017 [1929], p. 258-259).

O aspecto do discurso alheio é tratado em um infindo encadeamento discursivo: “discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 249). Isso significa que o enunciado alheio poderá ser o conteúdo do discurso, ou tema daquilo que falamos, como também poderá estar constitutivo em nossa palavra. “Todo discurso é dialógico, dirigido a outra pessoa, à sua compreensão e à sua efetiva resposta potencial” (Volóchinov, 2013, p. 168).

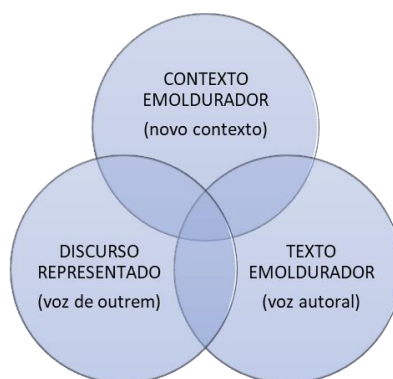
Por sua vez, a abordagem de Bakhtin focaliza a polifonia, o heterodiscurso e os procedimentos da representação da linguagem no romance. O estudo da vida do discurso por esse autor está voltado para os tipos e graus de alteridade e os diferentes modos de relação com a voz da palavra alheia, assim como os meios de sua exclusão (Cunha, 2008), com peculiar interesse nas “formas de introdução da fala de outrem no discurso do autor, sob a forma dissimulada [...] e nas construções híbridas” (Cunha, 2011, p. 122).

A transmissão do discurso de outrem está em todo instante, em cada momento do dia a dia, e não há qualquer neutralidade nessa transmissão. Dizer o que os outros dizem é o que se realiza nos discursos: “transmitem-se, recordam-se, ponderam-se, discutem-se as palavras alheias, opiniões, afirmações, notícias, indigna-se com elas, concorda-se com elas, contestam-nas, referem-se a elas, etc.” (Bakhtin, 2015 [1929-1963], p. 131). A não neutralidade na transmissão da palavra de outrem se dá em virtude das relações dos diversos pontos de vista que desenvolvem as diversas interpretações. Significa que a palavra do outro é assimilada, reelaborada e reacentuada. Esse quesito põe em evidência a experiência discursiva individual como um processo de assimilação das palavras do outro em variados graus, que é formada e desenvolvida em uma constante e contínua interação com os enunciados dos outros.

Nestas perspectiva, a assimilação é mais ou menos criadora. Baseamo-nos nos enunciados dos outros – citamos, imitamos, seguimos; assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (Bakhtin, 2016 [1952-1953]) – que são investidos de autoridade, que dão o tom valorativo e carregam sua expressão como enunciados individuais. Na escrita, ou em condições de fixação da escrita, dependendo da intenção do autor e do grau de assimilação determinado por ele, nem todas as transmissões da palavra de outrem poderiam ter aspas, pois marcam ou dão o “grau de isolamento e pureza da palavra do outro, grau esse que requer aspas no discurso escrito” (Bakhtin, 2013 [1929-1963], p. 131-132). Aquele que fala ou escreve é o autor. Ele assina e toma para si a responsabilidade sobre o que é dito, a responsabilidade de autoria.

No contexto epistemológico, quando o autor “**reproduz** (para esse ou outro fim, inclusive para fins de pesquisa) o texto (do outro) e **cria um texto emoldurador**” (Bakhtin, 2016 [1959-1961], p. 73, grifo nosso) com seus comentários, avaliações, objeções, o seu texto é “**o texto que reage ao texto anterior**, no qual se realiza o pensamento cognoscente e valorativo do cientista” (Bakhtin, 2016 [1959-1961], p. 76, grifos nossos). Portanto, a palavra do autor (pesquisador) reproduz e emoldura a palavra de outrem, inserindo-a em um contexto dialógico, e entra em contato no plano semântico e expressivo: “A palavra do autor, que **representa e emoldura** o discurso do outro, **cria para este uma perspectiva**, insere nele seus acentos [...], cria para ele **um campo dialogante**” (Bakhtin, 2015, p. 155, grifos nossos). Nesses termos, a palavra de outrem é emoldurada pela palavra do autor.

Figura 5- Composição do contexto emoldurador



Fonte: Elaboração nossa.

A molduragem significa “interferir no discurso do outro com o intuito de modificá-lo a partir de um molde e alterar seu sentido” (Bezerra, 2015, p. 248).³⁵ Através dos meios de molduragens, conseguem-se transformações bastante substanciais de um enunciado citado com precisão, podendo apresentar: “[...] formas de sua **molduragem interpretativa**, de sua **reinterpretação** e **reacentuação**, indo da literalidade direta na transmissão a deturpação paródica maldosa e premeditado e a calúnia da palavra do outro” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 133, grifos nossos). Esses meios de molduragem são bem diversificados tanto pela enformação verbo-estilística quanto pelas formas interpretativas do discurso emoldurador, e elas são inseparáveis uma da outra, porque: “traduzem o ato único de relação dialógica com tal discurso, relação essa que determina todo o caráter de sua transmissão e todas as mudanças semânticas e acentuais que nele ocorrem durante essa transmissão” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 134).

Diante da questão sobre o que fazemos com o discurso de outrem e de como esse discurso primário é retomado e modificado, Silva (2021, p. 24) afirma que:

No processo de retomada do discurso do outro, o enunciador acentua de formas diversas o seu ponto de vista, com graus vários de concordância ou discordância e, nesse sentido, revela os diferentes graus de alteridade em relação ao discurso do outro e o modo como, no embate de vozes ideológicas, cada enunciador ecoa índices valorativos numa relação de interação com a palavra alheia.

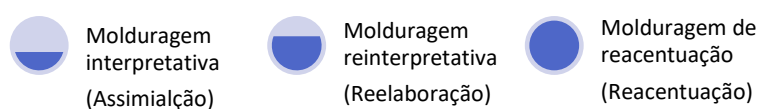
Todo discurso retomado implica modificação, pois nem tudo desse discurso é reproduzido. O discurso de outrem, juntamente com o seu acento, é condensado no discurso do sujeito (autor) que o retomou. Caso contrário, seria apenas uma transcrição técnica mecânica (Bakhtin, 2013 [1929-1963]). Esse movimento é apropriação do discurso de outrem, uma assimilação.

O deslocamento acentual do discurso de outrem se dá exatamente naquilo que afeta esse sujeito. Nesse caso, o sujeito (cada um de nós) acentua um determinado ponto do discurso do outro mediante uma articulação não existente na “parte” do discurso original do outro. Esse movimento de retomada-modificação-reacentuação é constante na linguagem e parte do já dito, dos discursos em circulação, que passam a fazer parte do discurso de todos nós (Cunha, 2008; 2009).

³⁵ Cf. Breve glossário de alguns conceitos-chave.

Compreendendo, pois, o contexto emoldurador como lugar fronteiro de relações dialógicas, de respostas e de reações às palavras ou aos (já) ditos, em nosso pensar, nele estão os processos fundamentais para que um discurso seja constituído a partir de outro de modo original e expressivo. Assim, tais processos de assimilação, reelaboração e reacentuação operam nas formas de molduragens de interpretação, de reinterpretação e de reacentuação, em discursos heterovocais, inovadores e criativos, críticos e reflexivos. Sumariamente, a interpretação é uma “atividade cultural criadora, recriadora e axiológica” (Bakhtin, 2017 [1970-1971], p. 35), portanto, no processo de interpretação, há o peso da cultura; ela é de natureza dialógica, resultando no enriquecimento de uma obra interpretada.

Figura 6- Processos de produção discursiva: do contexto emoldurador no processamento da palavra de outrem em formas de molduragens



Fonte: Elaboração nossa.

Da pressuposição de que no processo de assimilação são incorporados elementos de um discurso anterior em um novo discurso, esse discurso anterior é modificado em função das necessidades e objetivos do novo discurso, que é constituído a partir de uma base de conhecimento preexistente. A reelaboração transforma os elementos assimilados em algo novo e/ou original. É um processo de recriação em que os elementos incorporados são reinterpretados e adaptados para que possam ser rearticulados no novo discurso, no novo contexto. Quando reacentuado, há ênfase acentual e valorização axiológica de determinados elementos do discurso, em detrimento de outros, pois, nesse processo, os elementos assimilados e reelaborados são organizados de forma a expressar e enfatizar as intenções e os objetivos do discurso atual, do juízo de valor ou avaliação na enformação de discurso crítico-reflexivo.

Nesses termos, as molduragens materializam aqueles processos, ou seja, na molduragem interpretativa, o enunciado (voz) é compreendido e interpretado pelo agente, que

assume a perspectiva e o ponto de vista da voz/enunciado (lido e interpretado). Nessa molduragem, diferentes vozes e perspectivas podem ser incorporadas ao discurso do agente como enunciados que baseiam o discurso, que são citados, imitados, seguidos. Uma vez que o enunciado alheio seja recriado e reinterpretado pelo agente, em nosso pensar, ele transforma e modifica tal enunciado/discurso de acordo com suas próprias intenções e perspectiva. Assim, diferentes vozes e perspectivas incorporadas podem ser transformadas no discurso autoral do agente, possibilitando novas formas de compreensão. Por isso, a possibilidade de um discurso inovador e criativo. Já a molduragem de reacentuação opera com o discurso crítico e reflexivo, em ênfase e valoração de determinados elementos. Nessa molduragem o enunciado é reorganizado, recontextualizado e reacentuado em um novo discurso, que poderá levar a uma mudança significativa na interpretação e significado de tal enunciado. Assim, diferentes enunciados podem ser reorganizados e recontextualizados em novos discursos, com a criação de novas formas de sentido e significado, numa enformação verbo-estilística do discurso crítico-reflexivo.

3.2 A ATIVIDADE ACADÊMICO-CIENTÍFICA E(M) SUAS INTERRELAÇÕES DE VOZES

O texto-enunciado, como material primário, a ser analisado, é concreto, histórico e tem autoria. Ele constitui um *corpus* discursivo (produções discursivas de um sujeito concreto, vivo, falante), que é fonte de pensamentos, sentidos e significados dos outros, realizados e “dados” ao pesquisador (o ponto de partida). Mas os textos-enunciado também são pensamentos voltados para pensamentos ou sobre pensamentos; eles são a produção de conhecimento e meio de circulação de discursos entre os cientistas: “são pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos” (Bakhtin, 2016 [1959-1961], p. 71). Desse modo, a índole discursiva do texto enquanto enunciado concreto implica a realidade dos pensamentos e das experiências, que ganha vida na fronteira de duas consciências, no contato dialógico com outro texto-enunciado de sujeitos discursivos.

Um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo. Salientamos que esse contato é dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição.” [...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos [...] (Bakhtin, 2017b [1970-1974], p. 67).

As observações de Latour e Fabbri (1977), mesmo situadas no campo da retórica e de uma análise sociológica e semiológica de um artigo da área das ciências exatas, mantêm um ponto de contato com as palavras de Bakhtin (2016 [1959-1961]) ao fazerem as referências dos folhados textuais das produções de outros pesquisadores no texto em produção – correlação de um texto com outro texto. Através da circulação dos textos científicos, o conhecimento gradualmente se acumula na esfera, e estes textos formam uma rede em que os pesquisadores/cientistas atuam, interagindo entre si. Nessa dinâmica, esses enunciados em circulação geram outros e, vão ganhando reconhecimento, aceitação.

No plano dialógico, compreendemos esses folhados como camadas discursivas de textos-enunciados alheios que envolvem o objeto do discurso:

Todo discurso concreto (enunciado) **encontra o objeto** para o qual se volta sempre, por assim dizer, **difamado, contestado, avaliado**, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece, ou ao contrário pela luz de discursos alheios já externados ao seu respeito (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 48, grifos nossos).

Portanto, entendendo que, esse correlacionamento de um dado texto com outros textos como enunciados concretos é de índole discursiva e dialógica, a interrelação da ideia (intenção) e a sua realização é dinâmica, e segue um movimento em luta nesses textos científicos enquanto enunciados concretos.

A operação com o discurso de outrem é evidenciada no processo do trabalho científico por meio de referências e citações de autoridade, que são modos de manifestação da presença do outro:

No processo de trabalho científico, evidentemente, cabe operar com a palavra do outro – com trabalho dos antecessores, juízos dos críticos, opinião comum, etc. –, ocorre operar também **com diferentes formas de transmissão e interpretação da palavra do outro** – a luta contra o discurso autoritário, a superação das influências, a polêmica, as referências, e as citações, etc. (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 146-147, grifos nossos).

Recorrendo aos discursos autorizados, trabalhamos com o discurso de outrem no nosso próprio discurso para fundamentar aquilo que discursamos como nossa palavra. Assim vemos, em **Fragmentos dos anos 1970-1971**, a abordagem da questão do discurso próprio, no qual o discurso autoral não pode ser tomado “em nome do eu” simplesmente, mas precisa ser fundamentado.

A palavra do poeta, do profeta, do líder, do cientista, e a palavra do “escritor.” Esta precisa ser fundamentada. A necessidade de representar alguém. O cientista dispõe de argumentos, experiência e experimentos. [...] a “palavra própria” não pode ser a última (Bakhtin, 2017b [1970-1974], p. 51).

O discurso de autoridade é uma das duas formas basilares de modalidades discursivas que consolidam a formação ideológica. Esse discurso é interiormente persuasivo, visa à compreensão responsiva de um leitor ativo. Portanto, o discurso de autoridade é dialógico.

[...] o discurso de autoridade ou internamente persuasivo é dialógico, permite que eu faça uso de minha consciência [...] abre-se à nossa interpretação criadora e à interpretação criadora de outros contextos, estimula e sedimenta novos pontos de vista e interações com outros discursos interiormente persuasivos (Bezerra, 2015, p. 245).

Ao contrário do discurso de autoridade, o discurso autoritário é somente do outro. Essa modalidade discursiva mantém um vínculo com uma autoridade externa (uma autoridade científica reconhecida, ou uma corrente de pensamento), que tem a pretensão de ser hegemônica. Esse é o discurso da distância, que pode ser apenas transmitido, exigindo o reconhecimento incondicional e visando sempre a uma assimilação passiva. Nessa direção, Ninin (2020) põe em evidência a produção científica de dada comunidade discursiva acadêmico-científica como uma atividade de empoderamento de sujeitos que compartilham saberes e se reconhecem como autoridades. São estabelecidas relações institucionais, em que cada comunidade dita regras para a produção de conhecimento e sua reprodução. Na esfera acadêmica, o processo de produção de discurso revela-se desigual quanto às relações entre os sujeitos envolvidos. Ele tende a neutralizar as personalidades dos alunos-autores, devido aos papéis de responsabilidade que eles desempenham como estudantes, enquanto seus professores e avaliadores atuam como leitores. Isso cria uma dinâmica assimétrica na qual a voz do aluno é moldada pelo contexto acadêmico.

Na concepção de Ninin (2020), a produção do discurso acadêmico implica em transitar entre dois tipos de discurso científico. Por um lado, há o discurso consolidado da ciência, conhecido como discurso de autoridade, que já conquistou seu espaço na esfera acadêmica em uma área específica do conhecimento. Por outro lado, temos o discurso em constante evolução da ciência, construído a partir das práticas sociais nas quais o estudante-autor se envolveu durante seu processo de aprendizagem. Esse discurso não se restringe apenas ao âmbito acadêmico, mas busca encontrar seu lugar na ciência de maneira mais ampla. Assim, a escrita acadêmica se configura como um evento discursivo no qual o estudante é convocado a expressar sua perspectiva e conectá-la a outras perspectivas, a fim de concretizar suas

experiências dentro do contexto em que está inserido. O estudante autor desempenha um papel dual, atuando tanto como produtor de conhecimento científico quanto sendo avaliado por sua contribuição à ciência. Além disso, ele deve ser capaz de questionar a ciência, promovendo confrontos entre seu ponto de vista e outras visões que contribuem para a construção do conhecimento. O estudante é, em suma, um enunciador que fundamenta sua expressão em outros enunciados.

Na afirmação de Amorim (2004), o conhecimento é uma questão de voz, e a escrita é um lugar específico da construção do saber com a participação de múltiplas vozes, caracterizando o texto científico como um texto heterovocal (Amorim, 2004; Cunha, 2020). As interrelações entre as vozes seguem uma dinamicidade de variabilidade em formas e graus de alteridade, com classificação em três tipos de discurso, cujas tipologias são dinamizadas pela gradação intencional (Bakhtin, 2013 [1929-1963]). A apresentação da classificação dessas tipologias de discursos foi esquematizada por esse autor, conforme a organização reproduzida no quadro abaixo.

Quadro 1- Interrelações de vozes em PPD

I. Discurso direto imediatamente orientado para o seu referente como expressão da última instância semântica do falante.	
II. Discurso objetificado (o discurso da pessoa representada)	<i>Diferentes graus de Concretude.</i>
1. Com predomínio da definição sociotípica; 2. Com predomínio da precisão caracterológica individual.	
III. Discurso orientado para o discurso do outro (discurso bivocal)	
1. Discurso bivocal de orientação única: a) estilização; b) narração do narrador; c) discurso não-objetificado do herói-agente (em parte) das ideias do autor; d) Icherzählung.	<i>Reduzindo-se o grau de Concretude, tendem para a fusão das vozes, isto é, para o discurso do primeiro tipo.</i>
2. Discurso bivocal de orientação vária: a) paródia em todas as suas gradações; b) narração parodística; c) Icherzählung parodístico; d) discurso do herói parodisticamente representado; e) qualquer transmissão da palavra do outro com variação no acento.	<i>Havendo redução do grau de concretude e ativação da ideia do outro, tomam-se internamente dialógicas e tendem para a decomposição em dois discursos (duas vozes) do primeiro tipo.</i>
3. Tipo ativo (discurso refletido do outro): a) polêmica interna velada; b) autobiografia e confissão polemicamente refletidas; c) qualquer discurso que visa ao discurso do outro; d) réplica do diálogo; e) diálogo velado.	<i>O discurso do outro influencia de fora para dentro; são possíveis formas sumamente variadas de inter-relação com a palavra do outro e variados graus de sua influência deformante.</i>

Fonte: Bakhtin (2013 [1929-1963]).

O primeiro tipo de discurso apresentado acima, o direto imediatamente orientado para o seu referente como expressão da última instância semântica do falante (tipo I), conhece

apenas a si e seu objeto. Denominado de discurso referencial direto e imediato, ele visa à interpretação referencial e direta desse objeto, ou seja, nomeia, comunica, enuncia, representa tal objeto. Já o discurso objetificado ou representado (tipo II), o discurso do autor, é dominante, somente ele é a última instância de significação, conseqüentemente também de estilo, ou seja, o discurso do outro é objetificado e subordinado à intenção do autor, pois não tem um ponto de vista de sua própria orientação centrada no referente (do objeto do discurso). A tarefa imediata desse tipo de discurso é denotar, expressar, comunicar e representar alguma coisa. Essa tipologia II apresenta duas categorias com “diferentes graus de concretude³⁶”, sendo a primeira categoria com predomínio da definição sociotípica e a segunda com predomínio da precisão caracterológica individual.

O discurso bivocal refere-se à coexistência de vozes e perspectivas diferentes dentro de um mesmo discurso. Significa que o caráter bivocal do discurso implica intersecção de duas vozes e dois acentos. Quando o locutor introduz em sua fala a palavra do outro, reveste-a de novidade, com uma nova intenção do locutor: “As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais” (Bakhtin, 2013 [1929-1963], p. 223). O discurso orientado³⁷ para o discurso do outro, ou discurso bivocal, apresenta três categorias de bivocalidade discursiva, a saber: o discurso bivocal de orientação única; o discurso bivocal de orientação vária; e o discurso refletivo do outro (tipo ativo). As duas primeiras variantes de bivocalidade são variantes passivas; já a terceira variante de bivocalidade é ativa, em contraste com as duas primeiras. O traço comum nas variantes da bivocalidade passiva “consiste em que o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para as suas próprias intenções” (Bakhtin, 2013 [1929-1963], p. 221), ou seja, a palavra do outro é passiva nas mãos do autor que opera com ela, sem reciprocidade do outro (do interlocutor).

No primeiro tipo do discurso bivocal passivo, as aspirações são unidirecionadas, possibilitando a ocorrência de fusão de vozes. Isso significa que, numa orientação centrada no discurso do outro, os discursos se aproximam e, por fim, fundem-se, convertendo-se em um discurso monovocal. Nesse caso, “[...] a ideia do autor não entra em choque com a ideia do outro, mas a acompanha no sentido que esta assume [...]” (Bakhtin, 2013 [1929-1963], p. 221).

³⁶ Diferentes graus de concretude significam variabilidade de objetificação do discurso do outro.

³⁷ Discurso orientado ao discurso do outro significa o discurso do falante (ou escritor/autor), em relações dialógicas com o discurso do outro, ambos os discursos dotados de posição semântica ideológica/axiológica intencional.

A segunda variação de bivocalidade passiva é distinta da primeira. As aspirações do discurso bivocal de orientação vária estão orientadas para diferentes sentidos. Há a luta entre as vozes, que estão em oposição hostil, impossibilitando uma fusão entre elas. Nesse caso, o que pode ocorrer é uma gradação dessa variedade passiva para a terceira variante ativa, se houver o aumento do ativismo da palavra alheia. Nessa variedade passiva da bivocalidade de orientação vária, a voz do autor, como uma segunda voz, entra em hostilidade com o agente primitivo do discurso (o discurso de outrem), obrigando-o e submetendo-o a servir aos seus fins, que são opostos aos do discurso desse agente primitivo. “O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes” (Bakhtin, 2013 [1929-1963], p. 221). A transmissão da palavra de outrem se dá com variação de acento.

Um exemplo apresentado por esse autor russo é a introdução de um fragmento de uma afirmação do discurso de outrem no discurso do locutor em forma de pergunta. Ocorre um atrito, porque o locutor problematiza a afirmação do outro, não apenas transforma em pergunta: “[...] leva a uma colisão de duas intenções em uma mesma palavra” (Bakhtin, 2022 [1929-1963], p. 173). Portanto, o discurso de outrem é empregado para transmitir intenções que lhe são hostis. Como exemplificado, um novo acento reveste o discurso do outro ao repeti-lo, ocorrendo uma mudança de tom, que deforma a palavra repetida do outro (de seu interlocutor): “um fragmento da enunciação de seu interlocutor [...] acentuando-a a seu modo com expressões de dúvida [...]” (Bakhtin, 2013 [1929-1963], p. 221).

Já a terceira variedade do tipo bivocal, denominada de tipo ativo do discurso refletido do outro, difere das variedades passivas. Nesse caso, a palavra alheia não é uma palavra indefesa, sem reação e submissa à servidão dos novos objetivos da palavra autoral, nem está “colonizada” pelas intenções deformantes do autor, o que implica o ativismo da palavra alheia sobre a palavra autoral. Portanto, de modo ativo, a palavra alheia (do interlocutor, destinatário, leitor ativo) age e influencia de tal modo que ela obriga a uma mudança da palavra autoral, definindo-a de fora para dentro. Nesse caso, o discurso do autor é deformado pela palavra alheia.

Na terceira variante, a palavra alheia permanece fora dos limites do discurso autoral, mas este a leva em consideração e está voltado para ela. Aqui a palavra alheia não é reproduzida com uma nova intenção, mas age, influencia e de alguma maneira define a palavra autoral, permanecendo fora dela. [...] a intenção alheia não entra nela mesma no interior da palavra, mas só é refletida nela, determinando seu tom e sua significação. [...] a palavra [autoral] percebe tensamente a palavra alheia a seu lado que fala sobre o mesmo objeto e essa percepção [ativa] determina toda a sua estrutura

interior. A palavra internamente polêmica – a palavra que olha para uma palavra alheia hostil [...] (Bakhtin, 2022, p. 174-175).

Em nossa leitura, enunciados acadêmico-científicos são um tipo de discurso bivocal específico, pois é um discurso orientado para o discurso do outro retomado (bivocal) de orientação única, voltado para o objeto e para o discurso do outro retomado (em forma de citação, evocação etc.). Tanto o discurso citado quanto o discurso citante são duas enunciações iguais (intencionais) que convergem e estão diretamente orientadas para o objeto, em um único plano ou contexto dialógico. Portanto, eles são duas últimas instâncias significativas (ideológicas) que entram em atrito, entram em relação semântica no texto-enunciado científico.

Bakhtin (2013 [1929-1963]) exemplifica o artigo científico, em que são citadas opiniões (ideias, posicionamentos) de diversos autores sobre um dado problema, sejam algumas para refutar, sejam outras para confirmar e completar. Em nosso pensar, esse é um caso de bivocalidade de interrelação dialógica entre palavras diretamente significativas dentro de um contexto, com relações de acordo-desacordo, afirmação-complemento, pergunta-resposta, etc., que, conforme Bakhtin (2013 [1929-1963]), são relações puramente dialógicas entre enunciações completas. Nessa perspectiva, entendemos que os diversos autores citados nesses enunciados científicos portam suas verdades e ocupam uma posição significativa ou ideológica, são vozes. Assim, situamos a fundamentação teórica de dissertação de mestrado nesse tipo bivocal específico de interrelações de vozes.

4 METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, de cunho interpretativo, por meio da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que tem por unidade mínima de análise o enunciado concreto em relação. Temos por material primário o texto enquanto enunciado concreto e histórico. Ele constitui um *corpus* discursivo (produções discursivas de um sujeito concreto, vivo, falante), que é fonte de pensamentos, sentidos e significados dos outros, realizados e “dados” ao pesquisador (o ponto de partida) (Bakhtin, 2017b [1970-1974]).

Segundo Cunha (2021), o analista da Análise Dialógica do Discurso não executa um método modelo, predeterminado, nem justificável para a abordagem dos enunciados concretos. O próprio *corpus* aponta os caminhos para a análise. Destri e Marchezan (2021) confirmam o ativismo do *corpus* no procedimento da análise dialógica do discurso. A mobilização das categorias de análise advindas dos conceitos bakhtinianos se dá mediante esse ativismo do *corpus*, pois ele sugere as categorias ao passo que ele se revela. No diálogo com o objeto discursivo (um outro), a análise não é mecânica, apesar da sistematização de uma análise rigorosa. Cada análise possui um estilo único de cada pesquisador/analista dialógico. Diferentemente da metodologia cartesiana, a ADD não propõe um modelo analítico fixo e/ou acabado, conseqüentemente, não propõe replicação.

Cada *corpus* é diferente, portanto, cada um terá necessidades de abrangência, aprofundamento e abordagem teórica diferentes e cabe ao pesquisador, em diálogo contínuo com o objeto, decidir sobre esses fatores. Para uma reflexão adequada, a ADD demanda, além de uma boa compreensão teórica, a adoção de procedimentos metodológicos [...] de modo a produzir uma análise rigorosa, mas nunca mecânica. Sem uma metodologia, única e já dada, o diálogo com o objeto que o pesquisador conduz em suas análises compreende os focos e as atividades analíticas sempre com estilo único. (Destri; Marchezan, 2021, p. 19).

Desse modo, a análise é um processo, uma relação dialógica estabelecida pelo pesquisador/analista com o seu outro, o objeto, numa relação de alteridade (Amorim, 2004; Bakhtin, 2017b [1974]).

O *corpus* analisado foi gerado de duas dissertações de mestrado, que são de domínio público e estão disponibilizadas de modo *online* no catálogo de teses e dissertações da Capes. Os critérios de seleção dessas duas dissertações foram: (i) o campo de produção da pesquisa na grande área de conhecimento da Linguística/Linguagem; (ii) a fundamentação teórica vinculada à teoria dialógica; (iii) a data de vida desses documentos – entre 2 e 3 anos; e (iv) a

especificidade do próprio *corpus* (as fundamentações teóricas) dentre as demais dissertações que pré-analisamos. O *corpus* apontou a mobilização das seguintes categorias de análise: vozes e pontos de vista, valoração e relações dialógicas.

Procurando assegurar a preservação da identidade dos autores, codificamos³⁸ as dissertações com as seguintes identificações: DM1, DM2, correspondentes às dissertações: dissertação de mestrado 1 (DM1) e dissertação de mestrado 2 (DM2). Quanto ao sujeito pesquisador, o autor da dissertação, está identificado por A (autor) seguido de numeração de acordo com dissertação (A1, para o autor da DM1).

Para situarmos o processo das análises, primeiramente, recuperamos a contextualização do *corpus*. Descrevemos a caracterização do *corpus* e o contexto da dissertação, entendendo que o contexto é constitutivo do enunciado concreto. Após esse momento, prosseguimos para as ações de análise dos objetivos específicos de identificação das vozes introduzidas e pontos de vistas na fundamentação teórica de dissertação de mestrado; e da análise dos movimentos dialógico-discursivos na fundamentação, que são movimentos de sentido (Cunha, 2019b).

4.1 DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO 1 (DM1)

A dissertação (DM1) está situada no campo das Ciências e Letras (Linguística, Língua Portuguesa), na linha de pesquisa “Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais.” Sob financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculada ao projeto de pesquisa da professora orientadora, a dissertação foi defendida em 22/02/2021, em uma faculdade estadual de São Paulo. Essa dissertação está dividida em três capítulos³⁹, além da introdução e da conclusão. Especificamente, os textos do segundo capítulo, dois subcapítulos teóricos, compuseram o nosso *corpus*, totalizando 28 páginas. Para ilustrar e orientar a análise, segue a imagem da organização retórica coletada do sumário, especificamente do segundo capítulo com os respectivos subcapítulos que compuseram nosso *corpus* de análise.

³⁸ O recurso de codificação foi elaborado a partir de Bessa (2017a; 2017b).

³⁹ O primeiro capítulo, subdividido em seis partes, aborda o contexto sócio-histórico da Rússia do século XIX até os anos 70, as tradições intelectuais e discussões, a questão de autoria das obras do Círculo como também a recepção das obras do Círculo no exterior e no Brasil; o segundo capítulo é de caráter teórico-metodológico, dividido em cinco partes, sendo os dois subcapítulos iniciais (2.1 e 2.2) de teor teórico por nós analisados; e o terceiro capítulo foi voltado para o procedimento analítico.

Figura 7 – Capítulo com os subcapítulos teóricos da DM1

2 SEGUNDO ATO: Prelúdio à filosofia da linguagem bakhtiniana	86
2.1 Cena I: A filosofia da linguagem bakhtiniana	89
2.2 Cena II: O método dialético-dialógico	107

Fonte: Sumário da Dissertação de mestrado 1 (DM1).

Esta dissertação (DM1) investigou a concepção de linguagem pelo viés filosófico do Círculo (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), com o objetivo de discutir reflexivamente a concepção de linguagem e do método dialético-dialógico para propor a perspectiva da tridimensionalidade da linguagem, que foi nomeada pelo autor da pesquisa. O autor pesquisador (A1) analisou três obras: *Estética da Criação Verbal* (2011), de Mikhail Bakhtin; *O Método Formal nos Estudos Literários* (2012), de Pável Medviédev; e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017), de Valentin Volóchinov.

4.1.1 Identificação das vozes e pontos de vista da fundamentação teórica da DM1

Considerando que as orientações para os enunciados alheios podem manifestar a presença de alteridade de forma direta no enunciado, isto é, de forma marcada de transmissão do discurso de outrem (citações, referências, exposições de “opiniões alheias”), ou/e de forma sutil de transmissão, a harmônica dialógica (Bakhtin, 2016 [1952-1997]), organizamos as vozes que identificamos em três quadros: vozes principais, vozes de comentadores, outras vozes de épocas passadas com as quais o Círculo dialogou e suas ressonâncias. As principais vozes de autoridade seguem abaixo.

Quadro 2- Vozes principais na fundamentação da DM1

VOZES PRINCIPAIS	FORMA DE TRANSMISSÃO DO DISCURSO DE OUTREM
Voz de Brait (2006)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida no primeiro parágrafo do capítulo; ✓ A palavra dessa voz está explicitada por meio da designação brasileira referente ao conjunto das Obras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev; ✓ Introduzida na forma de referência autor-data, conferindo a essa voz a responsabilidade da designação, voz esta que assume a função de uma posição ideológica de pesquisadores, aderidos a tal vertente; ✓ A questão da recepção das obras do Círculo pelo viés linguístico soa no discurso da DM1 como: (i) uma abordagem que reduz o teor das obras do Círculo; (ii) um posicionamento que sobreposição

	<p>o viés linguístico ao viés filosófico;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Essa voz marca o posicionamento de distanciamento do ponto de vista do sujeito pesquisador da dissertação; ✓ Apresenta um ponto de tensão, de relação acordo-desacordo; ✓ Voz dissonante introduzida com ressalvas e prolixidade por parte do sujeito pesquisador; ✓ O posicionamento da voz do pesquisador (mestrando) é de distanciamento.
Voz de Grillo (2017)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida no segundo parágrafo, com a função de citação de autoridade, apresentando acentuação (grifos) na citação fragmentada; ✓ Essa voz constitui força em defesa do ponto de vista do pesquisador mestrando, constituindo uma estrutura com peso de validade ideológica da discussão em curso no <i>corpus</i>: o lugar epistemológico do Círculo se linguístico ou filosófico para compreensão da concepção de “linguagem”; ✓ As revisões históricas do contexto cultural da Rússia e as influências e diálogos estabelecidos pelo Círculo de Bakhtin no transcorrer do desenvolvimento das Obras, são evidências por meio dessa voz que afirma o pensamento desses autores no campo filosófico, ao passo que fortalece o posicionamento do pesquisador mestrando; ✓ O discurso sobre/no discurso pela voz de Grillo, o autor introduz as vozes de Stiépin e Semíguin. Citação da citação, com uso de <i>apud</i>; ✓ Relação dialógica de afirmação-complemento; ✓ O posicionamento da voz do pesquisador (mestrando) é de aproximação.
Voz de Brandist (2002)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de transmissão de citação em discurso direto; ✓ Relato histórico com função de voz de autoridade no relato histórico; ✓ Reitera a voz de Grillo.
Vozes dos teóricos de base: Bakhtin (2011), Medviédev (2012), Volóchinov (2017, 2019)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzidas na forma de evocação, citação e alusão às obras, seguem a ordem crescente do ano de publicação, na norma da ABNT (autor-data); ✓ Voz de Volóchinov (2017), na forma de discurso indireto, apresenta movimento de alternância com a Obra MFL e com as vozes em embate com o positivismo e o idealismo; ✓ Há fragmentos de citação de Volóchinov com a sequência de citação direta da voz de Medviédev, em recuo e grifo; ✓ Apresenta comentário acerca do positivismo sem aspas (marcação), finalizando com referência externa ao texto autor-data (Medviédev, 2012); ✓ Apresenta como síntese do discurso em curso uma citação direta, na qual a palavra de outrem está com contornos bem-marcados, funcionando como uma refração.
Vozes de Bakhtin e Duvákin (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inseridas em forma de citação com recuo e com grifos (ênfase valorativa) do autor da pesquisa. Toda seleção é valorativa. O grifo funciona como indicador de ênfase acentual, é uma seleção da palavra de outrem intencional, que favorece a defesa do ponto de vista do mestrando sobre o seu objeto: a concepção de linguagem pela filosofia da linguagem do Círculo; ✓ A autodeclaração de Bakhtin como filósofo toma a função de

	<p>valor de verdade, legitimando e fortalecendo todo o construto do relato histórico da voz de Grillo e da Voz de Brandist;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Comenta a voz autodeclarativa de Bakhtin com o uso da expressão “conforme podemos observar [ver],” direcionando o desenvolvimento de seu ponto de vista não só para a concepção de linguagem, mas para o método como defendido na dissertação: método dialético-dialógico. Um direcionamento interlocutivo, que considera o leitor ativo.
Voz de Paula <i>et al.</i> (2011)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Relação dialógica de afirmação-complemento; ✓ Voz retomada na forma de discurso direto, em bloco com recuo; ✓ Uso de grifos; ✓ Marca pertencimento do posicionamento autoral da DM1, com explícita convergência de posicionamento; ✓ Desencadeante de outras vozes.
Voz de Chauí (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Citação fragmentada; ✓ Uso do termo “segundo”.

Fonte: Elaboração nossa.

As vozes dos comentadores constituíram um quadro de orientação para resgatar as vozes de épocas. Os comentadores seguem abaixo:

Quadro 3- Vozes de comentadores na fundamentação da DM1

VOZES DE COMENTADORES	FORMAS DE TRANSMISSÃO DO DISCURSO DE OUTREM
Voz de Ponzio (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introdução com o termo “segundo”; ✓ Uso de discurso indireto livre com aspas apenas no termo “Revolução Bakhtiniana”; ✓ Citação com recuo.
Voz de Konder (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Citação direta fragmentada; ✓ Narração da dialética de Hegel a partir de Konder.
Voz segunda de Konder	
Voz segunda de Dartigues (2005)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Citação de citação indireta (Bessa, 2017); ✓ Sem uso de apud.
Voz de Ribeiro Júnior (2003)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de relato com alternância na forma de discurso direto, em bloco, com recuo; ✓ Sequência de perspectivas referidas do século XIX na forma de relato histórico.
Voz de Marchezan (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de discurso indireto; ✓ A partir dessa voz, outras vozes são desencadeadas na sequência, sem datação, manifestas por ecos de Escolas, Correntes; ✓ Marco da virada Linguística.

Fonte: Elaboração nossa

As vozes de época recuperadas pelo autor da pesquisa são de Escolas Clássicas pelas quais há ressonâncias para a constituição do argumento do autor. São vozes a respeito das quais o Círculo reagiu, combateu e influenciou; elas são introduzidas pelo autor (mestrando)

na fundamentação para apresentar os seus posicionamentos e filiações de suas correntes e/ou escolas. Essas vozes seguem abaixo.

Quadro 4 – Vozes que influenciaram o Círculo e ressonâncias na fundamentação da DM1

VOZES DE ÉPOCA	FORMA DE TRANSMISSÃO	RESSONÂNCIAS
Voz de Platão (1983)	✓ Citação direta.	
Voz de Descartes (1985)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Citação literal em bloco com recuo; ✓ Citação fragmentada; ✓ Discurso indireto; ✓ Introduz a voz para apresentar o sistema racionalista do método cartesiano, desencadeando a voz de Kant. 	
Voz de Kant	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresenta o pensamento de Kant; ✓ Faz uso de nota de rodapé; ✓ Citação literal em bloco com recuo e grifos; ✓ Citação fragmentada; ✓ Discurso indireto; discurso relatado. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vozes referenciadas do movimento neokantista – Escola de Marbugo (Hermann Cohen, Ernst Cassirer, Paul Natorp). ✓ A teoria dos neokantianos é primeiramente apresentada pela voz de Volóchinov;
Voz de Husserl	✓ Apresentada na forma de discurso relatado.	✓ Mencionada nas vozes de Marchezan e de Brandist
Voz de Marx (1985, 2007)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Seguidos fragmentos da voz de Marx no formato autor-data; ✓ Citação direta com recuo; ✓ Voz marcadora do materialismo histórico, apresentada na forma de relato sem datação e seguida da introdução da filosofia alemã. 	
Voz de Demócrito (1996)	✓ Referência na forma de autor-data.	
Voz de Feuerbach	✓ Apresentação das críticas de Feuerbach na forma narrada.	
Voz de Heráclito (2002, XXII)	✓ Citação fragmentada com intercalação da forma indireta e seguidos fragmentos.	

Fonte: Elaboração nossa.

4.1.2 Movimentos dialógico-discursivos na fundamentação teórica da DM1

Em molduragens interpretativas (assimilação-reacentuação), os **movimentos dialógico-discursivos** revelam de início, no primeiro parágrafo do capítulo, uma instabilidade pelo movimento responsivo, que agrega restrição e ressalva à voz introduzida no contexto emoldurador. O movimento discursivo do sujeito pesquisador é de argumento em defesa ao seu posicionamento correlacionado a essa voz como uma outra posição. O objeto do discurso em questão é a concepção de “língua”, e o lugar da concepção da língua a partir do Círculo (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev) também está em questão. Esse objeto valorado, é, sutilmente, introduzido como o objeto de “disputa” de sentidos, o que nos remete ao postulado por Volóchinov (2017) de que a palavra é signo ideológico, um palco de luta ideológica.

O discurso de outrem está correlacionado com um marco ideológico: “uma proposta”, “a vertente”, recepção linguística das obras no Brasil. A forma de referência para essa voz está na denominação da vertente (*Análise dialógica do discurso*), seguida da indicação de autor-data. A introdução dessa voz, neste capítulo, é uma retomada, pois já foi apresentada em um capítulo anterior acerca da recepção ocidental do pensamento do Círculo. Portanto, é uma voz que poderia não ter sido apresentada na discussão desse capítulo 2. No entanto, ela foi retomada e reintroduzida, no início da discussão, em brevidade, provocando um movimento de instabilidade. Os posicionamentos dessa voz e da voz autoral (do pesquisador mestrando) são divergentes, na medida que a criação do argumento do autor-pesquisador inicia uma contraposição de conflito de interesse, de objetivos distintos. Pela interrelação de acordo-desacordo entre essas vozes (de Brait e do mestrando), esse parágrafo segue para a justificativa, com o direcionamento do argumento instaurado com um movimento de resposta. Vejamos o Excerto 1:

Embora o pensamento do Círculo B.M.V esteja, majoritariamente, situado no Brasil na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, conforme propôs Brait (2006), sem desconsiderarmos as expressivas contribuições dessa vertente, neste trabalho situamo-lo no campo da filosofia da linguagem. Os motivos para esse enfoque são os mais diversos possíveis e convergem para os objetivos da nossa proposta. (DM1).

A ressalva na introdução aponta um distanciamento ideológico e uma aproximação para outras vozes. A voz de Brait, introduzida de imediato no discurso do autor, inicia o movimento de instabilidade, de um ponto crítico, que afeta o discurso e leva para o desencadeamento de três vozes evocadas no diálogo. Essas vozes estão voltadas para o

desenvolvimento de uma estrutura histórico-contextual que recria, no contexto emoldurador, o espírito da época, ou da cultura da Rússia em circulação, que influenciou o Círculo e provocou diálogos entre os estudiosos desse contexto histórico.

As vozes de Grillo (2017) e de Brandist (2002) são duas vozes contemporâneas em relação ao autor-pesquisador. Essas vozes são de autoridade em revisões históricas, cujos relatos apresentam fatos e vivências do lugar epistemológico do Círculo e do estabelecimento dialógico. Esses fatos, vivências e diálogos para/no desenvolvimento das Obras do Círculo funcionam como evidências, (co)afirmando o lugar-tempo do pensamento desses autores russos (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), no espírito da época, no espaço da epistemologia da filosofia da linguagem. Excerto 2:

Conforme explicita Grillo (2017, p. 11), uma das chaves para entender o livro de Volóchinov “é a presença da expressão ‘filosofia da linguagem’ no título”, uma vez que é fundamental para a abordagem das questões teóricas, principalmente a partir do forte diálogo com autores russos e alemães do século XIX e início do século XX. Tal afirmação parece-nos poder ser estendida a todo pensamento do Círculo, ao pensarmos as obras como um conjunto, um projeto teórico. (DM1).

A sustentação do argumento do autor em curso toma início pela validade da voz de Grillo: “Tal afirmação parece-nos poder ser estendida a todo pensamento do Círculo, ao pensarmos as obras como um conjunto, um projeto teórico.” A construção do posicionamento axiológico do autor-pesquisador frente o objeto valorado (linguagem) (Bakhtin, 2017a [1920-1924]) está em um lugar epistemológico/ontológico (filosofia da linguagem) distinto da voz de Brait e ancorado na voz de Grillo. Em paralelo, é introduzido um excerto de uma enciclopédia especializada (a Nova Enciclopédia em quatro tomos), na forma de transmissão de discurso citado com uso de *apud* – citação da citação. Excerto 3:

Na cultura russa, o termo “filosofia da linguagem” é apresentado da seguinte forma na Nova enciclopédia em quatro tomos: campo de pesquisa da filosofia em que não somente é analisada a interrelação entre pensamento e linguagem, mas se evidencia o papel constitutivo da linguagem, da palavra, e da fala às diferentes formas de discurso, à cognição e às estruturas da consciência e do conhecimento. A filosofia clássica tematizou a problemática da linguagem sob dois ângulos de visão: 1) a explicação da *gênesis da linguagem*, em que foram apresentadas duas concepções alternativas - o surgimento da linguagem pela natureza (concepção desenvolvida inicialmente pelos sofistas e pelos estoicos e posteriormente no iluminismo) e por convenção (dos gregos atomistas até T. Hobbes e J.-J. Rousseau); e 2) a *interrelação entre linguagem e pensamento*, que, apesar da grande variedade de concepções dedicadas a esse conjunto de problemas, todas confluíam para a visão de que a língua é uma espécie de

material plástico para a expressão do pensamento, este concebido como uma estrutura impessoal e objetivo-ideal de significados idênticos. (STIÉPIN E SEMÍGUIN, 2010, p. 238 *apud* GRILLO, 2017, p. 12, tradução e grifos da tradutora). (DMI).

Na argumentação científica, a convocação da voz de autoridade de fonte enciclopédica, ou dicionário especializado, para o discurso do autor empírico (o sujeito pesquisador da dissertação), geralmente, convoca ou remete a outras vozes, indo além do movimento interpretativo configurado no trabalho de reformulação (Bessa, 2017a; 2017b).

As vozes de Grillo, Stiépin e Semíguin funcionam como argumentos de autoridade de contemporâneos para contemporâneos, e não como uma função secundária de comentadores do pensamento do Círculo, pois constituem “força” em defesa do ponto de vista do autor-pesquisador da dissertação. Uma estrutura de peso ideológico vai tomando forma em um discurso não convergente à primeira voz introduzida (a voz de Brait). E nessa estrutura, tais vozes, que confluem para a posição da proposta da dissertação, abrem espaço para a criação de uma perspectiva do objeto (a linguagem), no contexto dialógico de contemporâneos para contemporâneos. Essa reconstrução histórica emana ecos de épocas passadas para esse novo contexto.

Lembremos que o objeto de pesquisa é a linguagem, povoada por discussões de épocas distantes, retomada pelo Círculo no espírito da época da Rússia, e retomada em questões contemporâneas pelas vozes de Brait, do mestrando e das demais vozes de sustentação favoráveis à voz do mestrando. O autor-pesquisador seguirá para uma estabilidade da visão de concepção tridimensional de linguagem a partir da filosofia da linguagem e do tratamento do método dialético e dialógico. A discussão sobre o lugar epistemológico, ocasionado pelo posicionamento axiológico/ideológico sobre o objeto, segue em função do ponto de vista do pesquisador.

Portanto, a voz de Brait instaura a argumentação com uma relação intimamente ligada à construção do ponto de vista do autor-pesquisador. Nessa arquitetura com valor científico, a linguagem é o *centro valorativo da visão* (Bakhtin, 2017a). De início, o que está em discussão é o campo epistemológico do pensamento do Círculo e, em função desse campo, a visão do objeto é posicionada numa espessura de lugar-tempo valorativo: contemporaneidade e época passada. A visão sobre esse objeto de pesquisa é contingente. O ponto de vista cria o objeto

pela perspectiva dialógica.⁴⁰ Instaurada a argumentação no ponto de instabilidade de posicionamentos epistemológicos, as molduragens interpretativas seguirão para uma estabilização, com outras vozes evocadas e confluentes em relação à voz do pesquisador ao longo da discussão teórica.

Essa voz de Brait, apresentada na forma de referência à proposta da designação “Análise Dialógica do Discurso”, seguida pela forma de autor-data, está marcada com nota de rodapé. Nela, o autor empírico (mestrando) destaca a análise dialógica do discurso como uma proposta teórico-metodológica, orientada e advinda do pensamento do Círculo. Excerto 4:

Destacamos a Análise Dialógica do Discurso como proposta teórico-metodológica formulada e sistematizada, de forma institucionalizada, na recepção brasileira na abordagem do pensamento bakhtiniano, *todavia, não omitimos os demais trabalhos com a teoria bakhtiniana, por exemplo, Schnaidermann, Geraldi, Faraco, dentre outros, conforme destacamos no primeiro capítulo (cf. item 1.6.6). (nota de rodapé, DM1).*

No desenvolvimento do corpo do texto, o autor-pesquisador destaca a formulação e a sistematização da proposta teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso circunscrita na tradição linguística do contexto brasileiro, pontuando como uma das justificativas para o distanciamento do posicionamento de seu ponto de vista para com ela. Ocorre nesse movimento dialógico-discursivo um direcionamento para o leitor ativo (interlocutor). Excerto 5:

Assim, parece-nos podermos mesmo em falar em uma filosofia da linguagem bakhtiniana (no sentido que compreende o Círculo como um todo) e tal entendimento do pensamento do Círculo B.M.V localizado nesse campo da filosofia parece-nos fundamental sob dois aspectos. [...] E em segundo lugar, por se tratar de uma perspectiva pouco explorada nos estudos bakhtinianos do/no Brasil, uma vez que as obras do Círculo são, frequentemente, lidas por um viés de base e de tradição linguística. Além disso, do mesmo modo que as reflexões no campo filosófico permitem aos autores uma compreensão mais ampla e consolidada dos fundamentos da natureza da linguagem e, por conseguinte, dos objetivos de sua análise, ao retomarmos essas discussões, também procuramos investigar e entender, de forma mais alargada, a delimitação e concepção de linguagem para o Círculo B.M.V, ao ter em vista que “as opções de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, tanto no domínio das teorias da linguagem quanto no da poética, buscam

⁴⁰ Esclarecemos que essa afirmação se dá pela teoria dialógica da linguagem e não pela teoria saussuriana. Portanto, os posicionamentos de Saussure (2006 [1916]) e de Bakhtin diferem quanto à noção de ponto de vista para explicar o funcionamento da linguagem na criação do significado. Entendo que a natureza da linguagem é dialógica e que a criação do objeto da visão do falante não se limita ao sistema linguístico. Trata-se de um processo dialógico, heterogêneo ideológico e valorativo.

uma fundamentação em abordagens filosóficas da linguagem e das artes (GRILLO, 2017, p. 14). (DM1).

A localização de perspectivas, no espaço epistemológico e no tempo da contemporaneidade, de abordagens do pensamento do Círculo, implica a relação de alteridade eu-outro no plano do discurso e da dialogicidade. Essa contraposição possibilita a mudança na estrutura da arquitetura do mundo do conhecimento, do lugar ocupado pelo pesquisador: o pensamento do Círculo situado de um outro lugar, na epistemologia de tradição linguística e, em contrapartida, situado na filosofia. Ocorre uma relação de ruptura ideológica, em lugares epistemológicos distintos. O movimento dialógico-discursivo segue uma dinâmica de fundamentação epistemológica do Círculo para a concepção de linguagem a partir da contraposição da visão do outro em relação com a visão do pesquisador.

A partir da primeira voz e através do desencadeamento das outras vozes, a filosofia da linguagem é legitimada. As evidências asseguradas no relato histórico dão sustentação. A voz de Brandist é agregada a essas vozes. Excerto 6:

Ademais, como vimos a partir de Brandist (2002), o “núcleo”, por assim dizer, do pensamento bakhtiniano consiste em uma filosofia da linguagem e da significação em geral, com particular referência ao material literário, proposta que foi delimitada, sobretudo entre os anos de 1924 e 1930 em Leningrado, com as formulações mais consistentes dos membros e que acompanharam Bakhtin ao longo da vida após a dissolução do Círculo. Devemos acrescentar ainda que, segundo o pesquisador britânico, “o trabalho do Círculo de Bakhtin pode apenas ser entendido adequadamente se houver uma compreensão geral das tradições filosóficas com as quais se cruzou e das quais se desenvolveu”³³ (idem, p. 15, tradução nossa), a qual é vasta (Heráclito, Platão, Aristóteles, Espinosa, Rousseau, Kant, Hegel, Nietzsche, fenomenologia, neokantismo, filosofia idealista alemã, entre outros). (DM1).

As evidências trazidas por essas vozes (Grillo, Stiépin e Semíguin e Brandist) agregam mais duas vozes, no mínimo, de valor do lugar epistêmico, de teor para validação de evidência, que são as vozes de Bakhtin e Duvákin. Como evidências, aquele lugar epistêmico pouco explorado que trata a voz do pesquisador (majoritariamente linguístico no Brasil), legitima cientificamente, a construção do seu objeto, do seu ponto de vista indissociável do seu argumento. Excerto 7:

Filósofo, mais que filólogo. Filósofo. E assim permaneci até hoje. Sou um filólogo. Sou um pensador. Bem, isso, digamos, em Petrogrado, em São Petersburgo, não existia um departamento de filosofia. Ali cochichavam e perguntavam “o que é filosofia?” Não é carne, não é peixe. *Para responder*

era necessária uma especialização. Certo, tinha um departamento no qual se ensinava filosofia, mas não era independente. Quer terminar os estudos se dedicando à filosofia? – Pois não, mas obrigatoriamente deve 76termina-lo em um departamento que pode ser ou o Departamento de estudos do russo, ou o Departamento de estudos do alemão... (BAKHTIN & DUVÁKIN, 2008, p. 44, grifos nossos). (DM1).

A voz de Bakhtin apresenta sua própria perspectiva e lugar que ocupa como filósofo mais do que como um filólogo. O grifo nessa afirmação de Bakhtin “sou um filósofo” acentua o acabamento da autoimagem de Bakhtin (o eu-pra-mim) e do excedente de visão do autor-pesquisador.

Nesse mesmo excerto, a voz de Bakhtin narra a obrigatoriedade de conclusão dos estudos com dedicação à filosofia, em outro departamento dos estudos da literatura. Esse excerto justifica o argumento do autor-pesquisador, que defende o ponto de vista de trabalhar a concepção de linguagem pela filosofia, e da importância desse campo do conhecimento para Bakhtin. Não só Bakhtin adentrou nos estudos da literatura, mas Medviédev também. Ocorre o deslocamento de visão para esse outro lugar – os estudos literários.

O comentário do autor-pesquisador da dissertação (DM1) apresenta os estudos literários como um lugar de grande interesse do Círculo, generalizando para todos os integrantes do Círculo. O autor se posiciona para o lugar ideológico da Estética a partir do ponto de vista da filosofia da linguagem. Excerto 8:

Conforme podemos observar, a filosofia não se constituía como uma profissão independente, de modo que era preciso estar atrelada a outros departamentos para que se pudesse desenvolver os estudos nessa área. Assim, então, Bakhtin opta pelo clássico, dado seu grande interesse pelos estudos literários e também em virtude da tradição que [*sic*] estavam inseridos os intelectuais, segundo vimos anteriormente (vf. seções 1.1 e 1.2). A respeito da predileção do filósofo russo pela literatura, não se limitava aos Clássicos, Bakhtin possuía “uma ardente paixão pela poesia contemporânea: os simbolistas, os assim chamados decadentes, e os russos, os franceses, os alemães” (idem, p. 45, grifos nosso), o que certamente influenciou, como veremos mais adiante, na concepção de linguagem do Círculo (lembramos que Medviédev também era especialista na obra do poeta simbolista Aleksandr Blók [vf. item 1.1 e nota de rodapé 3]), sobretudo em relação à dimensão sonora, muito presente na estética dessas correntes. (DM1, itálico do A1).

A ênfase acentual grifada em itálico, os simbolistas, está associada com a expressão de certeza (“*certamente influenciou*”). O funcionamento desse modalizador epistêmico (certamente) nesse discurso indica que é indubitavelmente verdadeiro o posicionamento em construção, reforçando a certeza da influência simbolista, agregando ênfase com o grifo

acentual. O termo da dimensão sonora é constituído no discurso com o modalizador de intensificação desse enunciado (“*sobretudo em relação à dimensão sonora*”). Desse modo, legitima a voz do pesquisador mestrando, movimentando o discurso em direção ao seu objeto, a concepção de linguagem, que culminará na proposta de linguagem tridimensional. Portanto, o autor-pesquisador cria uma perspectiva num horizonte da visão estética: o estudo literário, da poesia de corrente simbolista e a dimensão sonora da estética dessa corrente. Além disso, as sobreposições de palavras sobre palavras e a palavra na palavra indicam a bivocalidade nas citações nessas citações. Há um movimento nocional, com itálicos, configurando o discurso, que é bivocal.

A constituição do argumento do pesquisador mestrando se dá dialogicamente. Com enunciados bivocais específicos do gênero acadêmico (Cunha, 2019a), a forma de transmissão da palavra de outrem na forma de citação linear apresenta a ênfase acentual dos grifos, que indicam uma posição avaliativa do autor. Essa função de ênfase acentual é dinâmica. Como uma construção híbrida de acentos, há o direcionamento para o objeto de pesquisa e para o leitor. Em função do contexto, há mudança do acento avaliativo duplamente orientado.

Na atividade de pesquisa, a atitude avaliativo-valorativa em relação ao objeto integra a cognição (epistemológica) e a ética (atitude responsável e responsiva). O outro-ouvinte ativo baliza a construção do enunciado do autor (A1), dentro das condições que o gênero oferece, nos limites das coerções institucionalizadas. As citações do discurso de outrem, acompanhadas pelas seleções de grifos, são possibilitadas no gênero dissertação, e como tais funcionam enquanto um julgamento de valor determinante na criação de perspectiva.

As molduragens interpretativas do discurso de outrem mobilizam citações selecionadas pelo autor da pesquisa pelos atos intencionais. Todo ato intencional é ético, é ativo, é responsável e responsivo, e visa à significação (Bakhtin, 2017a [1920-1924]). Esse processo não está desvinculado do valor. Cada conceito científico mobilizado tem o seu peso de valor, constituindo o discurso, criando o objeto pelo ponto de vista no processo de interpretação. Os grifos, os recortes, funcionam como ênfases acentuais para as formas de molduragens de reinterpretação-reacentuação.

Lado a lado com a voz da palavra alheia, estabelece-se uma dinâmica bivocal. Em função do contexto, ocorre a mudança do acento avaliativo (Bakhtin, 2013), pois, sem acento avaliativo, não há palavra. O ato avaliativo é uma orientação para o leitor ativo e para o objeto discursivo (Volóchinov, 2017), ao passo que também interfere no espaço do interdiscurso. A seleção, sendo um ato de avaliação ativo, denota um julgamento de valor que é determinante para as escolhas e decisões do autor-pesquisador, balizadas pelo leitor ativo.

Os marcadores que conferem responsabilidade autoral para a palavra de outrem (“segundo”; “para”; “conforme”) indiciam a relação de alteridade constituída no texto acadêmico-científico numa configuração não apenas cognitiva, mas também ética: atuam, atualizam e transformam o discurso do pesquisador, ao passo que ele também considera o seu leitor ativo. As relações estabelecidas com as vozes estão nos limites do modo autorizado de apresentar a própria voz nesse gênero acadêmico-científico.

Nesse primeiro momento, as sequências de movimentos levam a afirmar e confirmar a localização do objeto do discurso (a linguagem) na perspectiva filosófica, e à justificação do desenvolvimento da discussão teórico-metodológica a partir do campo da filosofia da linguagem. A voz do autor da pesquisa evidencia o posicionamento de seu ponto de vista. Excerto 9:

Partindo do campo da filosofia da linguagem, portanto, desenvolveremos neste capítulo nossa fundamentação teórico-metodológica calcada na filosofia bakhtiniana, a partir dos embates que os autores travam com as correntes ao longo da tradição filosófica (idealista e “cientificista”); o método dialético-dialógico proposto na abordagem de Bakhtin e do Círculo e utilizado por nós; e os conceitos de sujeito, diálogo e enunciado, os quais, embora separados por uma questão didática e organizacional, são compreendidos dialogicamente, conforme propõe o pensamento do Círculo (A1).

A partir desse ponto de afirmação, logo de início, no primeiro parágrafo da primeira subseção desse capítulo, o autor da pesquisa supera a instabilidade do primeiro momento, dirigindo-se à Bakhtin como filósofo, um fato já comprovado e superado. A discussão será conduzida do ponto de vista de Bakhtin filósofo, assim como os demais integrantes do Círculo. Excerto 10:

2.1 Cena I: A filosofia da linguagem bakhtiniana

No texto “Metodologia das Ciências Humanas”, publicado na coletânea da *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin diferencia o objeto de análise das ciências exatas e das humanidades. Para o filósofo, enquanto nas exatas temos um ato monológico, que é apenas contemplado pelo pesquisador, nas Ciências Humanas, o objeto torna-se o outro, isto é, um sujeito-enunciado, um ser *falante* e *expressivo*, o qual não deve ser abordado como coisa. Por esse viés, ao mesmo tempo em que é contemplado e alterado pelo pesquisador, também contempla-o e altera-o (DM1).

Seguem as acentuações do pesquisador da dissertação nas citações literais da voz de Bakhtin. Após as citações literais, a voz de Bakhtin é assimilada, sem marcação e com

modificação. É apresentada a definição de existência acrescida aos mundos “místico e real.”

Excerto 11:

Tal é a especificidade das humanidades, uma vez que o pensamento nas Ciências Humanas surgiu como discurso sobre o discurso dos outros, voltado para a expressão das vontades dos homens, manifestações, exteriorização, signos por meios [sic] dos quais se encarnam e se revelam os deuses e os homens mesmos, suas leis, poder, heranças ancestrais e todo o seu mundo místico, a realidade, enfim, a própria existência (DM1).

O autor-pesquisador prossegue com os grifos acentuais. Intercalada com a voz de Bakhtin, a voz de Ponzio é introduzida, atribuindo-lhe a responsabilidade de dizer o quanto Bakhtin revolucionou as ciências humanas pelo princípio de alteridade que perpassa a linguagem. Com o uso de aspas em “revolução bakhtiniana”, o autor mestrando faz referência à obra de Ponzio. Excerto 12:

Assim, nas Ciências Humanas, “independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (idem, p. 308) e o autor prossegue dizendo que cabe à ciência, e “acima de tudo a [sic] filosofia”, poder e dever estudar essa peculiaridade (ibidem, p. 313, grifos nossos). Segundo Ponzio (2016), comparando às revoluções copernicana e kantiana (na ciência e na filosofia, respectivamente), essa é a “revolução bakhtiniana”: tratar os problemas das Ciências humanas – que passam sempre pela linguagem – pelo crivo da alteridade (DM1).

Na sequência, a voz de Bakhtin é retomada, em citação direta e fragmentada, e emoldurada pelo comentário do autor mestrando (“vai e volta para si em processo exotópico”). Excerto 13:

De acordo com Bakhtin, essa relação de alteridade mostra “a complexidade do ato bilateral de conhecimento-penetração. O ativismo do cognoscente e o ativismo do que se abre (configuração dialógica)” (BAKHTIN, 2011, p. 394). O ato bilateral estabelece uma penetração mútua com reservada distância - vai e volta para si em processo exotópico - de modo a continuar dois sujeitos distintos e que implica em um processo de alteridade, no qual não apenas o cognoscente - o contemplador, ou pesquisador, ao pensar no contexto de pesquisa científica - altera o cognoscível - o corpus, sujeito-enunciado ou o enunciado-texto propriamente dito -, mas este também altera o primeiro. Há, portanto, o encontro de duas consciências, eu e outro, não coincidentes em si, por isso infindável em sua produção de sentido/significação. É nessa orientação que se pode obter o conhecimento. (DM1).

O autor-pesquisador apresenta um movimento de análise conferido a Bakhtin e ao Círculo (diacrônico e sincrônico) no final desse parágrafo, apropriando-se desse movimento no desenvolvimento da fundamentação teórica, como um fio condutor metodológico. Ele

constrói a perspectiva do seu objeto no movimento do histórico para as abstrações teóricas.

Excerto 14:

É nessa orientação que se pode obter o conhecimento. Com esse movimento, Bakhtin e o Círculo reúnem, na análise, as perspectivas diacrônica (histórica) – de Vesselóvski, Potebniá - e sincrônica (teórica), juntamente ao materialismo dialético, de Marx, pois, ao mesmo tempo, consideram os enunciados anteriores e posteriores ao corpus, em um movimento horizontal; e também Bakhtin verticaliza a análise na singularidade e irrepetibilidade que diferem os enunciados situados historicamente na cadeia enunciativa. (DM1).

Aplicando esse movimento, o autor da dissertação reconstrói um cenário histórico e, quadro a quadro, retoma as vozes (vozes de épocas, de tradições, escolas) com as quais o Círculo entrou em embate, rompendo a tradição. As vozes da corrente idealista-transcendental, do cientificismo positivista, reconstituem a perspectiva histórico-teórica que envolveu o Círculo. Excerto 15:

Assim, por um lado, o Círculo entra em embate com a corrente do idealista da filosofia, que parte do pensamento dualista de Platão, que passa por Descartes, de Kant, o neokantismo e a fenomenologia. De outro lado, entra em embate também com o empirismo-cientificista expresso na tradição de Galileu, Hume, Locke, que culmina no Positivismo, conforme veremos a seguir.

Em tal corrente idealista-transcendental, há a tendência em limitar os fenômenos da realidade a um conjunto de princípios e reduzir tudo a um sistema abstrato, de maneira a se centrar no método em detrimento do objeto. (DM1).

Os movimentos discursivos de relatos e de intercalações de citação direta são repetitivos nesses enquadre, decorrendo desse modo por duas páginas. A voz de Konder com função de comentador da filosofia de Sócrates é introduzida, para definir a “arte do diálogo” em Sócrates, por meio do uso de aspas. Uma citação fragmentada da voz de Konder sucede.

O desenvolvimento desse parágrafo causa um efeito de sentido como se o autor mestrando tivesse lido diretamente da fonte de Sócrates, só indicando que Konder é o comentador no final do parágrafo. Excerto 16:

Nesse dualismo, é possível reconhecemos também a presença da relação entre a dialética e o diálogo, que o Círculo utilizará em sua filosofia da linguagem. É por meio do diálogo que Sócrates realiza sua dialética - de modo mais estanque, é claro, uma vez que concebe uma verdade como imutável e eterna. Conforme, observamos no trecho acima, Sócrates estabelece uma ideia, portanto, uma tese, a qual é colocada em confronto – em embate – com outros princípios, por meio do diálogo, os quais podem ou não concordar com a tese. Nesse sentido, a dialética nasce do diálogo.

Assim, podemos entendê-la como “arte do diálogo”, pois, é “a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão” (KONDER, 2008, p. 7). (DM1).

A intenção do autor mestrando é assimilar o método socrático na concepção do pensamento do Círculo. Excerto 17:

Contudo, diferentemente da concepção bakhtiniana, o método utilizado por Sócrates era proposto para se alcançar a Verdade, isto é, era um meio da purificação progressiva do conhecimento, para que se pudesse chegar ao Mundo das Ideias. (DM1).

São duas posições de sentido (duas vezes) postas em relação dialógica no discurso autoral do mestrando com fins de reelaboração, mediante a reinterpretação do método da filosofia do Círculo (dialético-dialógico) consonante e outorgada à voz de Paula *et al.*, para um novo enfoque da concepção de linguagem, seu objeto de pesquisa – nominalizada pelo autor-mestrando de tridimensionalidade da linguagem verbivocovisual. O ato de nomear (Siblot, 2007)⁴¹ é dialógico-argumentativo, cuja nominalização conceitual está repleta de valoração.

Na sequência, a voz de Descartes é introduzida, na forma de autor-data, com a indicação de leitura direta na fonte, na forma de transmissão do discurso direto, em bloco, com recuo e sem grifo. O propósito de retomar essas vozes está voltado para o método utilizado, com fins de alcance da verdade (vozes de Sócrates e de Descartes) e da primazia da razão sobre o objeto. Excerto 18:

Logo no início de suas Regras Para a Direção do Espírito, Descartes (1985) apresenta a razão como princípio do mundo, de modo que tudo que conhecemos e temos [*sic*] acesso só conseguimos graças à razão, ela é a condição causal do mundo.

Com efeito, visto que todas as ciências nada mais são do que a sabedoria humana, a qual permanece sempre una e idêntica, por muito diferentes que são [*sic*] os objetos a que se aplique, e não recebe deles mais distinções do que a luz do sol da variedade das coisas que ilumina, não há necessidade de impor aos espíritos quaisquer limites (p. 12)

⁴¹ Os autores propõem o dialogismo da nominação ou nomeação, no campo de estudo da praxemática. Cf. *Nomination et point de vue: la composante déictique des catégorisations lexicales* (Siblot, 2007b) e *Du dialogisme de la nomination* (Siblot, 2007a [2003]). Adaptamos a proposta dos autores na esfera do conhecimento científico e acadêmico, pelo ato do pesquisador em escolher e (de)nominar um objeto de discurso a partir de seu ponto de vista, isto é, a criação do objeto e sua nomeação conceitual de própria autoria.

Assim, temos a primazia do [sic] razão sobre o objeto e conseqüentemente sobre as ciências, e ambos, por derivarem da atividade do intelecto possuem uma natureza em comum. (DM1).

O método cartesiano é apresentado pelo autor-pesquisador em movimento dialógico com as vozes de Bakhtin, de Descartes e da sua própria voz de pesquisador. Nas relações de pontos de vista de Bakhtin e Descartes para o alcance do objeto, a voz do pesquisador se apresenta entre parênteses com comentário intercalado, com um posicionamento de orientação ao interlocutor como uma resposta antecipada (“é claro”) quando demonstra pontos consonantes entre a teoria dialógica e o método cartesiano. Excerto 19:

Com isso, o método cartesiano propõe que objeto tem que ter algo desconhecido ao mesmo tempo em que tenha algo de conhecido (do ponto de vista bakhtiniana [sic], há, aqui, uma consoância com constituição de enunciado, o qual contém algo dado/repetível e algo de singular, ainda não-descoberto, irrepitível. É claro que o processo para chegar no objeto são diferentes [sic] em Bakhtin e Descartes, como vemos). O primeiro para que seja descoberto e o segundo para que possa determinar o conhecimento do objeto a partir da comparação com outro já conhecido, procedimento fundamental na metodologia. Isso é possível devido à homogeneização de todo e qualquer objeto, que tem como natureza comum a razão (DM1).

Seguem mais dois parágrafos com o mesmo movimento discursivo de relato para introduzir a voz de Kant pela visão do idealismo transcendental. Excerto 20:

Fortemente influenciado pelo sistema racionalista de Descartes³⁴, Immanuel Kant desenvolve seu pensamento. Contudo, ao ter contato com as ideias do empirista David Hume, repensa sua filosofia e, na sua fase crítica³⁵, elabora a teoria do conhecimento, na qual tenta conciliar a ideia racionalista (razão e dedução) e empirista (experiência e indução) ao propor o Idealismo Transcendental (a nosso ver, no entanto, prevalece o predomínio da Razão no pensamento kantiano, pois é por meio dela que o filósofo alemão tenta realizar a conciliação³⁶). (DM1).

No seguimento do corpo do texto, a voz do pesquisador é intercalada e o seu comentário é posto em parênteses como uma atitude avaliativa, interligada à nota de rodapé.

Excerto 21:

³⁶ Essa será, inclusive, uma diferença entre a abordagem do Círculo e de Kant, uma vez que os pensadores vão realizar essa conciliação por meio da linguagem (principalmente a partir do diálogo com o neokantista Cassirer, a diferença para este está na abordagem dialógica dos autores russos) e não pela Razão como o filósofo alemão. (nota de rodapé, DM1).

A voz de Kant segue em discurso (in)direto, com recuo e grifos acentuais do mestrando. Esse movimento discursivo se repete nas sequências seguintes por duas páginas desse capítulo para, então, referenciar as vozes de Cohen, Cassirer e Nartop como uma voz uníssona do movimento neokantiano em contraposição ao idealismo objetivo de Hegel. Desse modo, gerencia a contraposição de vozes de época e introduz a voz de Volóchinov, um dos autores de base da proposta do mestrando; e, em citação direta, a concepção neokantiana do lugar da “palavra” é posta. Excerto 22:

Inclusive, Volóchinov aponta que, no aprofundamento do sistema kantiano, os neokantistas consideram a "palavra" torna-se uma intermediária entre o significado transcendental e a realidade concreta, como se fosse um "terceiro reino"; entre, por um lado, o sujeito psicofísico cognoscente e sua realidade empírica circundante e, por outro, o mundo da existência transcendental, apriorística e formal. Além disso, a forma do signo e do significado (a forma simbólica) é comum a todos os campos da criação cultural, unindo-os. Esse é o lugar sistemático da palavra, segundo a teoria dos neokantianos (VOLOCHINOV, 2017, p. 337-338) (DM1).

Mediante as expressões “a nosso ver”, “no entanto”, “inclusive”, o autor-mestrando intercala a sua voz, levando a outra intercalação em parênteses. Em nota de rodapé, o comentário do mestrando acentua as vozes que influenciaram o pensamento de Bakhtin e Volóchinov. Excerto 23:

37 O Círculo de Bakhtin constitui forte diálogo com esta escola, principalmente Bakhtin e Volóchinov em relação às formulações de Cassirer, como mostra Marchezan (2019). Cabe a nós ressaltarmos a influência de Kagan, que assistiu a palestras de Cassirer e foi aluno de Cohen, segundo vimos no primeiro capítulo (vr. 1.1). (nota de rodapé, DM1).

A voz de Cassirer sem datação, ou referência da obra lida, é introduzida. No movimento discursivo, o pensamento de Cassirer é apresentado como uma reelaboração da filosofia transcendental pelo ponto de vista semiótico das formas simbólicas, articulando, na sequência, a menção da voz de Nartop e a introdução da voz de Husserl sem datação. De início, não consta qualquer referência do texto fonte, aparentando uma leitura direta do pesquisador. No entanto, somente é indicada a voz do comentador de Husserl (voz de Dartigues) após três parágrafos, ou seja, essas vozes são refratadas pela voz do comentador. A voz de Dartigues (comentador de Husserl) é introduzida em citação literal.

Outras vozes de época (clássicas) são referenciadas sem datação, sem indicação da fonte ao longo da escrita e, no final do terceiro parágrafo, a voz do comentador Ribeiro Júnior é introduzida em citação literal para abordar o método positivista. Esse movimento é similar ao movimento discursivo anterior, da voz de Husserl pela voz do comentador Dartigues. Essas vozes de épocas são pontos de vista combatidos pelo Círculo, mobilizando o discurso em direção a uma interpretação valorativa do pesquisador mestrando.

No movimento discursivo de relato histórico, o pesquisador demarca a contestação do Círculo às perspectivas apresentadas com explicação, seguida de referência de Volóchinov (2017), na qual intercala a explicação, com discurso bivocal. Excerto 24:

O Círculo vai contestar ambas as abordagens, pois, o estudo do fenômeno ideológico era realizado em polos extremos: ou era feito no subsolo dos sujeitos biológicos e psicofísicos, no caso do Positivismo, ou, então, na supraexistência do Idealismo-Transcendental (VOLÓCHINOV, 2017). Não é a consciência, nem o fenômeno e nem a palavra isolada que se torna a revelação do ser, do mundo e do sentido. (DM1).

As vozes de Volóchinov e Medviédev são retomadas em contraposição ao positivismo e idealismo, com alternâncias de referência à obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem,” intercalada com a voz do pesquisador. Fragmentos citacionais de Volóchinov e de Medviédev seguem intercalados com a voz do pesquisador, com acentuação em grifos.

O autor apresenta uma síntese dos autores de base, apontando a proposta de sua dissertação com a tridimensionalidade do signo. Excerto 25:

Ao contestar, portanto, ambas as correntes, positivista e idealista, o Círculo vai afirmar - sobretudo por meio das palavras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev - que não se pode estudar o conteúdo ideológico em decorrência de suas origens primitivas, anterior à linguagem, sejam elas pré ou super-humanas, pois, seu acontecimento está apenas na materialidade do signo - verbal, sonoro e/ou visual -, que é, ao mesmo tempo individual e social, logo ideológico, criado pelo e no homem. Em síntese, por isso que

Uma definição objetiva do que é consciência só pode ser sociológica. A consciência não pode ser deduzida diretamente da natureza, como tentava e ainda tenta fazer o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia objetiva atual (biológica, behaviorista e reflexológica). A ideologia não pode ser deduzida a partir da consciência, como fazem o idealismo e o positivismo psicológico. A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo de comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97-98). (DM1).

No movimento dialógico-discursivo, a voz de Marchezan é entrelaçada na forma de relato histórico. Dessa voz, outras vozes são desencadeadas sem datação, um aglomerado de vozes como manifestações de ecos de escolas e correntes. Em seguida, as vozes de Volóchinov e Medviédev são retomadas e introduzidas em citações fragmentadas com grifo e sem grifo. Posteriormente, a voz de Marx é introduzida sem datação, com um relato da voz do pesquisador acerca do materialismo histórico, seguido com a introdução da filosofia alemã. Todos esses movimentos de vozes dialogadas pelo Círculo constituem um cenário para a apresentação do objeto de pesquisa do mestrando a partir de seu ponto de vista.

As vozes de Demócrito (1996) e Feuerbach seguem a voz de Marx e, novamente, a voz de Marx é retomada com marcas referenciais de duas obras “1985 e 2007”, por meio de fragmentos citacionais e por citação direta com recuo. O pesquisador mestrando retoma as vozes de Volóchinov e Medviédev, mediante citações fragmentadas com grifo, intercalando a evocação de Marx, ora pelo método marxista, ora pelo posicionamento do Círculo. Excerto 26:

É desse modo que o método sociológico marxista torna-se capaz de realizar a síntese entre o idealismo e o objetivismo apontado por Medviédev (2012) e apreender uma noção geral de mundo capaz de dominar os fenômenos ideológicos na sua variedade de material e em sua constituição histórica. Mas, ao marxismo, apenas é possível alcançar todas essas nuances das estruturas ideológicas e o problema da relação entre infraestrutura se se tomar como base a linguagem. Se a determinação social, para Marx, está no trabalho, para o Círculo, passa antes pelo material semiótico, dado que o “campo ideológico coincide com o campo dos signos”, de modo que podem ser iguados: “onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui uma significação signica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos do autor). (DM1).

Como sabemos, as posturas de Medviédev e de Volóchinov são mais próximas da proposta do marxismo histórico e da dialética, e o pesquisador-mestrando traz essa relação direcionada para a proposta da DM1, para apresentar o método do Círculo pelas lentes da filosofia e pela introdução da voz de Paula *et al.*, solidificando o cenário para apresentação do seu objeto de pesquisa. O subcapítulo a seguir já aponta essa discussão no título. Excerto 27:

2.2 Cena II: O método dialético-dialógico

O pensamento do Círculo se volta à filosofia da diferença, na medida em que não se tenta apagá-las, mas refletir a partir delas, em seu aspecto material do acontecimento, no qual compõe o mundo, ao mesmo tempo, em suas contradições e relações de (in)completude caras à linguagem. À vista disso, apenas um método aberto e assistemático permite realizar tal reflexão, sem reducionismo teórico. Evidentemente, tal posicionamento, ao olhar cartesiano está submetido a proposições que apontam para uma ausência de

método, coerência ou unicidade na teoria bakhtiniana. A fim de elucidar, então, o método proposto pelo Círculo, consideramo-lo, segundo Paula et ali [sic] (2011), como dialético-dialógico. Essa abordagem para o seu entendimento requer que remontemos ao conceito de dialética postulada por Heráclito, Hegel e Marx e do gênero diálogo socrático para melhor compreendermos sua relação e a delimitação do método bakhtiniano. Do primeiro, podemos apreender a noção de embate, enquanto de Hegel e Marx é possível observarmos o movimento dialético, e do gênero diálogo socrático o caráter dialógico. (DM1).

Intencionalmente, o pesquisador-mestrando cria uma perspectiva a partir de seu ponto de vista sobre o seu objeto de pesquisa (a linguagem), mobilizando vozes em contraposição e em complementação. Os embates e a constituição histórica configuram o método, que, na voz do pesquisador, constitui a metodologia do Círculo: retomada da história e os embates pelas relações dialéticas e dialógicas.

A voz de Paula *et al.*, com o marcador de responsabilidade “segundo”, uníssona com outras vozes com o marcador “*et al.*”, traz a afirmação de que o método do Círculo é dialético-dialógico (“A fim de elucidar, então, o método proposto pelo Círculo, consideramo-lo, segundo Paula et ali [sic] (2011), como dialético-dialógico”). Essa voz constitui o lugar da posição axiológica do pesquisador, que está consonante à dela. Tal voz, legitimada com outras vozes da contemporaneidade, histórico-temporalmente soluciona a questão sobre a (não) existência da metodologia do Círculo. Em citação direta, o autor-pesquisador afirma a convergência entre os pontos de vista de Paula *et al.* e o seu, emoldurando a voz de Paula *et al.* com a sua voz autoral de pesquisador. Excerto 28:

Nesse sentido, convergimos com a afirmação de que

o diálogo é o seu método, muito próximo da dialética hegeliana e marxista, ainda que modificada, pois manifestada pela linguagem e sem qualquer proposta de superação. O liame entre o Círculo e Marx é a relação dialético-dialógica e a questão da ideologia que, para Marx, calca-se nas relações (econômicas, políticas, culturais, sociais) objetivamente vividas entre os sujeitos constituídos e constituintes de determinada realidade social e, para o Círculo, encontra-se entranhada na linguagem (o signo ideológico). A linguagem é o cerne da questão (PAULA et ali, 2011, p. 7).

O núcleo da concepção de diálogo, para o Círculo, não se limite [sic] a [sic] troca de conversação em que ambos concordam sobre um assunto – embora possa ser também - como é meramente entendido no cotidiano; mas se pauta no embate (reverberação de Heráclito), na relação responsiva com o outro por meio da e na linguagem (verbal, vocal-sonora e visual), que constrói o homem e o mundo. É via material sógnico que se encontram nele os sujeitos, sistemas ideológicos, enunciados, esferas sociais, em suma, a super e a infraestrutura, que se relacionam tanto vertical quanto horizontalmente, em constante embate. (DM1).

A voz de Paula *et al.* é de fundamental validade para o autor-pesquisador, pois é uma voz de posição de sentido de um contra-argumento discursivo em relação àqueles que afirmam a não existência de um método pelo Círculo. No movimento dialógico, o pesquisador reinterpreta a relação entre diálogo e dialética na reflexão de Bakhtin. Excerto 29:

É a partir dessa constatação que o Círculo, especificamente Bakhtin, refletirá a relação entre diálogo e dialética. Para o autor, em “Metodologia das ciências humanas” presente na antologia Estética da Criação Verbal, “a dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior” (2011, p. 401) e o filósofo russo complementa, posteriormente em “Apontamentos 1970-1971” também presente na mesma reunião de textos de Bakhtin, que “no diálogo as vozes (a parte das vozes) se soltam, soltam-se entonações (pessoais-emocionais), das palavras e réplicas vivas extirpam-se os conceitos e juízos, mete-se tudo em tudo em uma consciência abstrata - e assim obtém a dialética.” (p. 383). É possível, com isso, afirmar que fora do contexto dialógico a dialética tende a tornar-se abstrata e por isso ela nasce do diálogo para voltar a ele e renovar-se. (DM1).

O autor-pesquisador acentua a concepção relacional entre dialética e diálogo, confirmando-a com a voz de Paula *et al.* Excerto 30:

Dessa maneira, Bakhtin amplia a dialética a partir do dialogismo e da linguagem, relacionando eu-outro, o interior e exterior, super e infraestrutura como formas semióticas ideológicas construídas na e pela linguagem em determinado tempo e espaço sóciohistóricos [*sic*]. Em vista de tal reflexão exposta é que compartilhamos com as proposições feitas por Paula et ali [*sic*] em relação ao método do Círculo

O que importa é o movimento, tanto para o Círculo de Bakhtin quanto para Marx. A diferença é que, para Marx, calcado em Hegel (de maneira invertida), o movimento é dialético, pois concebe as relações tese (afirmação), anti-tese [*sic*] (negação da afirmação) e síntese (negação da negação, logo, uma nova afirmação, distinta da primeira) considerando esta última como uma superação do embate travado nas duas anteriores; enquanto que, para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese [*sic*] e síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente, uma vez que modifica aparentes extremos, ao considerá-los e movimentá-los (a negação da negação é vista como nova afirmação, não totalmente distinta, mas também não homônima à primeira. Ninguém tem razão e nada é superado. Relativiza-se os pontos de vista, que se modificam no jogo dialético-dialógico), logo, a convivência dos opostos tese e anti-tese [*sic*], que digladiam no discurso por meios das vozes sociais, é o centro da cena, ou seja, a relação eu/outro (2011, p. 14-13, grifos nossos).

A continuação do diálogo como uma forma de não encontrar na síntese uma superação acontece, pois a linguagem, em sua natureza dialógica, “quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta e assim *ad infinitum*” (BAKHTIN, 2011, p. 334). (DM1).

No entanto, a voz de Brait, que representa as vozes filiadas à análise dialógica do discurso no Brasil, já responde a esse questionamento da existência de teoria e método nas obras do Círculo, e responde não apenas a isso, mas também à postura do pesquisador na ciência. O surgimento da análise dialógica do discurso no Brasil ocorreu, em decorrência, justamente, do teor teórico-metodológico do conjunto das obras do Círculo, que potencializou frutíferas produções de pesquisadores/as brasileiros/as. Mesmo assim, o autor-pesquisador se afasta da voz de Brait, logo no início da discussão do capítulo da DM1, como observamos, afirmando esse distanciamento ao fazer referência à proposta verbo-visual de Brait na seção de análises da DM1.

Semelhantemente ao proposto pela Análise Dialógica do Discurso, o pesquisador apresenta o método dialético-dialógico pelo ponto de vista da Filosofia, como um método aberto, assistemático, sem fórmula preestabelecida. Excerto 31:

Calçados nessa proposta filosófica é que, então, tomamos o método dialético-dialógico, entendendo-o não como uma fórmula pré-estabelecida [sic] em vista de encaixar e compreender o nosso corpus, mas, ao contrário disso, conforme afirmamos, compreendemos como um procedimento aberto e assistemático, no qual buscamos, a partir da materialidade do objeto e de suas condições históricas, refletir sobre o funcionamento e sentidos possíveis de entendimento. (DM1).

Como verificamos, o autor-pesquisador considera a voz de Brait por ser uma voz de autoridade, mas ela é introduzida num movimento de instabilidade, ou seja, em desacordo com o propósito do pesquisador. Tanto a voz de Brait quanto a voz de Paula *et al.* são introduzidas com brevidade, porém essas duas vozes mobilizam o discurso autoral da DM1 como duas forças ideológico-discursivas em contraposição e veladas. O autor-pesquisador poderia ter apresentado de imediato a afirmação da voz de Paula *et al.* e desenvolvido a perspectiva do enquadre a partir dela sem necessariamente retomar a voz de Brait, ou mesmo não necessariamente ter desenvolvido todo um circuito de vozes de época e contemporâneas para um enquadre histórico, mas todos esses movimentos ocorrem na seção. Desse modo, a criação de perspectiva do autor-pesquisador funcionou para: (i) validar a construção de seu ponto de vista sobre o objeto (a linguagem); (ii) para o fortalecimento da voz de Paula *et al.*; e (iii) para neutralizar a força da voz de Brait.

Essa criação visa ao interlocutor potencial, um terceiro, e interfere no espaço interdiscursivo. Apesar de ser um jovem pesquisador (pesquisador em formação), apresenta uma postura equiparada ao pesquisador maduro (Cunha, 2019a; 2019b), por iniciar uma discussão pela retomada da voz de Brait para distanciar-se dela com um movimento dialógico-discursivo e argumentativo com um núcleo bivocal. Vozes discordantes são introduzidas intencionalmente e “orquestradas” pelo autor com as quais ele entra em relação dialógica.

Os movimentos prosseguem com a retomada da voz de Bakhtin favorável à voz de Sócrates e com a retomada da voz de Ponzio como comentador do Círculo, refratando o discurso de Bakhtin sobre o diálogo socrático, em citação direta, com recuo. Excerto 32:

Para Bakhtin (2011), a superação do monologismo tem seus embriões presentes já no gênero “diálogo socrático”, o qual se refere à expressão da natureza dialógica original da palavra. Segundo Ponzio (2016), esse gênero

nasce justamente em oposição ao monologismo; na sua base está a concepção dialógica da verdade, qual requer a sincrisi, ou seja, o confronto de diferentes pontos de vista, e a anacrisi, a provocação da palavra com a palavra, a transformação de um confuso discurso interior, no qual preconceitos, opiniões falsas, estereótipos podem vegetar tranquilamente, em um discurso exterior, em que aquelas opiniões e aqueles preconceitos devem diretamente medir-se com a palavra do outro e pelo qual a palavra recupera o seu caráter dialógico original, torna-se réplica. (p. 99). (DM1).

Essa voz de Bakhtin está posicionada na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, e através dela o autor-mestrando demarca a influência do método socrático, causando um efeito de sentido de que o diálogo socrático é o embrionário do dialogismo, cuja forma de diálogo se faz efetiva no gênero romanesco. Excerto 33:

Nessa experiência dialógica, os personagens tornam-se ideólogos – como em Dostoiévski – e toda a construção arquitetônica desse gênero volta-se para a manifestação, desenvolvimento e confrontação das posições axiológicas de cada sujeito. A relação entre eles se dá por meio das “ideias”, nesse sentido, a relevância se as possibilidades dos encontros são reais historicamente é mínima, uma vez que se privilegia a cosmovisão sobre mundo seja no pequeno ou no grande tempo da cadeia discursiva. (DM1).

No movimento dialógico-discursivo é gerada uma restrição para o diálogo socrático pela voz de Bakhtin. Excerto 34:

Contudo, para Bakhtin, ao se transformar em um gênero retórico, o “diálogo socrático” perde sua força e fica em função apenas da persuasão da ideia, concebida não na relação com o outro, mas pré-estabelecida [sic] fora do contexto dialógico. Consequentemente, passa a ter um tom teológico e com características dogmáticas. Constitui-se, desse modo, uma expressão de monologismo.

É desencadeada outra voz de época, a voz de Heráclito, como outro fundamento do método do Círculo, delineado em contraposição. Excerto 35:

Um segundo fundamento do método bakhtiniano, podemos encontrar no pensamento de Heráclito. A ressonância do filósofo grego na filosofia do Círculo consiste em sua compreensão da realidade composta fundamentalmente de tensões opostas. Nas suas palavras “Conjunções: completas e não-completas, convergente e divergente, consonante e dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas” (2002, XXII, p. 200). Dessas contradições é que nascem as belas coisas, segundo o filósofo pré-socrático, isso porque tais oposições têm origens no Logos, o qual possui uma harmonia obscura nas forças opostas, semelhante ao arco e a [sic] lira (DM1).

Como um germe na proposta do método do Círculo, o pesquisador apresenta a definição do logos e reforça as contraposições advindas dessas vozes clássicas na base da proposta do Círculo. Excerto 36:

O Logos seria, então, uma unidade nas mudanças e tensões que rege todas as esferas da realidade, a saber, o físico, o biológico, o psicológico, o político, o moral, sendo capaz de aparecer – poderíamos dizer materializar – em diferentes formas no mundo físico: “dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome”; essa forma dependerá de cada relação, pois, assim como o fogo “quando se confunde à fumaça, recebendo um nome conforme o gosto de cada um” (idem, XXIII, p. 200). Percebemos aqui o germe do que, mais tarde, o Círculo caracterizará como o enunciado único e irrepetível no elo da cadeia discursiva (BAKHTIN, 2011). É claro que a natureza do enunciado será distinta para cada uma das propostas filosóficas e, com isso, a forma de compreensão haverá distanciamentos [sic] (DM1).

Prossegue o esforço do pesquisador em apresentar os pontos de contato dessas vozes clássicas com a proposta do Círculo e nela presentes, mesmo já se posicionado em consonância com o posicionamento da voz de Paula *et al.* em defesa do método dialético-dialógico do Círculo. A concepção tridimensional da linguagem proposta pelo autor-pesquisador e o método aderido por ele alcançam estabilidade nesse primeiro momento da discussão teórica. Excerto 37:

Assim, fundamentados nesse movimento, sempre inconcluso e material situado historicamente, que norteia as reflexões de nossa investigação científica, é que avançamos frente à elucidação do método exposto aplicado à pesquisa, que, conforme ressaltamos, visa propor uma concepção verbivocovisual da linguagem que perpassa o pensamento bakhtiniano. (DM1).

Como um movimento de resposta antecipável, nesse movimento é ativada a presença de alteridade, de um outro exterior. Há um seguimento repetitivo, configurando ênfase, na qual considera a reação de seu leitor ativo e o auditório, ou seja, um contradiscurso. Excerto 38:

Tal formulação da simultaneidade dos contrários, que é também cara à teoria bakhtiniana, está sintetizada no conhecido excerto do filósofo grego, em que se refere ao homem, no mesmo rio, entrar e não entrar, e, de nele, ser e não ser dado que “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos. / Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio. / ao que entram nos mesmos rios afluem outras e outras águas; e os vapores exalam do úmido.” (idem, fragmentos XLIX; L; LI, 2002, p. 205). Noção que também podemos encontrar na passagem de Plutarco (De E in Delphos, p. 18, 392 B) que retoma os fragmentos de Heráclito: (DM1).

O autor da pesquisa insere uma citação direta em recuo, e prossegue esse movimento de repetição ideológica para legitimar a consonância do método do Círculo com o método desses autores clássicos retomados, direcionando para o seu interlocutor e/ou auditório. Excerto 39:

A partir desse aforismo é possível entendermos o caráter mutável e de constante transformação da realidade, em constante fluxo universal, bem como compreender que “De todos a guerra é pai, de todos é rei”, pois, dela uns se revelam “deuses, outros homens; de uns faz escravos, de outros, livres” (HERÁCLITO, 2002, XXI, p. 200)⁴². Esta afirmação, por sua vez, não necessariamente implica na “guerra” (do mesmo modo que embate para o Círculo não significa conflito ou diálogo o mesmo que harmonia) como a única opção no plano ético, afinal, a própria ideia de guerra consistiria em um dos polos da tensão dos opostos. Tampouco se refere a uma realidade caótica, desgovernada e/ou em desordem, posto que o Logos é Razão cósmica impõe medida ao fluxo, garantindo a regularidade dos dois polos simultaneamente que compõem o movimento de transformação do mundo, conforme propõe o próprio filósofo grego com a metáfora do fogo “O cosmo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses nem nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se medidas e segundo medidas apagando-se” (idem, XXIX, p. 201). Portanto, nessa reflexão, Heráclito apenas propõe que o embate – em termos bakhtinianos, a relação dialógica – é apenas a forma de constituição da physis (mundo físico) que é inerente à unidade absoluta e harmônica do Logos, o que se assemelha à proposta de Demócrito, que apresentamos

anteriormente, dos choques entre os átomos como condição de surgimento e de transformações da natureza (DM1).

A dialética de Hegel é retomada pelo autor-mestrando pela intermediação da voz de Konder, através de uma refração. No movimento dialógico-discurso, a voz de Marx é retomada em contraponto. Excerto 40:

De acordo com Konder (2008), é nesse sentido que a dialética hegeliana refere-se a uma “superação dialética [que] é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior” (p. 24-25). E é nesse ponto em que o materialismo dialético vai contrapor-se à dialética hegeliana. De fato, Hegel e Marx convergem na questão de ser o trabalho o motor da história. Porém, a compreensão do conceito de trabalho é o que diverge para um e para outro. Segundo Marx (1985), Hegel apenas considera o trabalho “abstratamente espiritual”, ou seja, o trabalho da autoconsciência e pouco via valor no físico, material, de modo que sua dialética está como de cabeça para baixo, pois vem do alto para a realidade concreta. Com isso, Marx propõe a inversão da dialética, porquanto é no movimento material, da sua relação homem com homem, que se realizam as transformações da realidade, enquanto formas de trabalho e organização da vida social. (DM1).

O materialismo dialético de Marx é apresentado na forma de transmissão do discurso direto, sem grifo. O autor da pesquisa emoldura essa definição interligada à seção anterior. Excerto 41:

Nesse caso, retomamos a ideia do materialismo histórico exposto na seção anterior. Não se trata da consciência como determinante da vida, mas a vida real, em suas condições concretas, como determinadora da consciência (DM1).

Retomando o pensamento marxista, o autor-mestrando, mais uma vez, enfatiza essas vozes na constituição do método do Círculo. Excerto 42:

Alicerçado nessas bases marxistas do materialismo dialético e, acrescentamos, na noção de embate, de Heráclito, entendemos que se fundamenta a construção do método da e na filosofia da linguagem do Círculo B.M.V. (DM1).

As demais páginas seguem movimentos previsíveis, repetitivos, que indicam a estabilidade alcançada pela legitimação da inscrição da voz autoral alicerçada pelas vozes favoráveis ao seu posicionamento. O autor da dissertação antecipa questões metodológicas e

descrição do *corpus* no final desse subcapítulo, introduzindo análises nos subcapítulos seguintes.

4.2 DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO 2 (DM2)

A dissertação de mestrado 2 (DM2) está situada nos Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem e Tecnologia, na linha de pesquisa “Multiletramentos, Discursos, Processos de Produção de Sentido.” A dissertação foi defendida em 30/09/2020, em uma universidade tecnológica do Paraná. A dissertação de mestrado 2 é composta por 134 folhas, e, especificamente, o capítulo teórico compõe-se por três subcapítulos, que constituíram nosso *corpus*, totalizando 24 páginas. Para ilustrar e orientar a análise, segue a imagem da organização retórica do capítulo coletada do sumário, parte da dissertação que compôs nosso *corpus* de análise.

Figura 8- Capítulo com subcapítulos teóricos da DM2

2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1 CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM.....	24
2.2 A POLÊMICA EM BAKHTIN: CONCEITUANDO ARENA DISCURSIVA.....	30
2.3 DA RETÓRICA AO DISCURSO POLÊMICO.....	38

Fonte: Sumário da dissertação de mestrado 2.

O objeto de pesquisa da DM2 é a polêmica em mídias digitais. Essa dissertação (DM2) investigou o discurso polêmico em propaganda de mídia digital em redes sociais (YouTube, Twitter, Facebook e Instagram), com o objetivo de “compreender e descrever seus modos de construção, produção e circulação.” A base teórico-metodológica foi a análise dialógica do discurso, com apoio dos estudos de Ruth Amossy sobre o discurso polêmico. Especificamente, o capítulo teórico teve por objetivo discutir aspectos da linguagem pela teoria dialógica para a mobilização de conceitos considerados pertinentes para a compreensão do discurso polêmico. A autora-pesquisadora da DM2 propôs uma aproximação entre os pressupostos bakhtinianos e os estudos mais recentes sobre a polêmica.

4.2.1 Identificação das vozes e pontos de vista da fundamentação teórica – DM2

Identificamos na DM2 vozes de teóricos de base da teoria dialógica, teóricos do estudo de polêmica e vozes de estudiosos sobre o ciberespaço, que compuseram as vozes principais. As vozes de comentadores e as vozes de clássicos de época também foram identificadas. As principais vozes de autoridade seguem no quadro abaixo:

Quadro 5 - Vozes principais na fundamentação da DM2

VOZES PRINCIPAIS	FORMAS DE TRANSMISSÃO
Voz de Bakhtin (1981); (1997 [1979]); (1987); (2002 [1975]); (2003); (2003 [1961]); (2015 [1930]); (2015 [1975])	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduz a voz de Bakhtin (2003) na forma de citação direta com função de epígrafe; ✓ Justifica a seleção dessa citação-epígrafe para iniciar a discussão teórica pela ênfase da concepção da “atitude responsiva ativa” por parte dos interlocutores, interligando ao objeto de pesquisa – o discurso polêmico; ✓ Apesar de conferir a base teórica no Círculo, a presença da voz de Bakhtin é majoritária. A voz de Medviédev não é introduzida e a voz Volóchinov é introduzida em um único momento.
Voz de Volóchinov (1981 [1930]); (2018 [1929/1930])	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduz na forma de citação para definir o conceito de linguagem; ✓ A voz de Volóchinov é retomada em outro movimento, na forma de discurso direto, em bloco com recuo, em brevidade.
Voz de Amossy (2017)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de discurso direto e indireto; citação fragmentada e em bloco com recuo; ✓ Com manifestação de presença majoritária no subcapítulo voltado para a retórica; ✓ É uma voz que refrata uma sequência de seis vozes outras.
Voz de Ginzburg (1991)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduz na forma de discurso indireto, seguida por uma citação; ✓ Desencadeia a introdução de uma voz discordante em relação à sua posição (a voz de Souza), mas a relação dialógica de discordância entre elas não afeta a autora-pesquisadora da DM2 de modo a elaborar um contradiscurso.
Voz de Souza (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de discurso

	<p>indireto e em forma de citação em bloco com recuo;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ É uma voz que se contrapõe à voz de Ginzburg.
Voz de Amorim (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de citação longa em bloco, com recuo, e na forma de citação fragmentada. ✓ Breve presença, apenas em um parágrafo.
Voz de Hall (2006)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inserida na forma de discurso direto para a definição conceitual de cultura digital.
Voz de Francisco Rüdiger (2013)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inserida na forma de discurso direto, em três linhas; ✓ A autora contextualiza a obra de Rüdiger (2013), seguida pela retomada da voz de Rüdiger na forma de citação direta com recuo.
Voz de Aragão (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de discurso indireto, a voz de Aragão promove o deslocamento de sentido da categoria “praça pública” de Bakhtin para o espaço cibernético.
Voz de McCombs (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inserção na forma de discurso indireto; ✓ Soa como uma voz retomada de outra voz, mas sem a marcação do recurso de <i>apud</i>.
Vozes de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958])	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inseridas nas formas de citação fragmentada e citação em três linhas. ✓ A forma de discurso indireto também é identificada.
Vozes de Nery e Temer (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inserção na forma de discurso direto, em bloco e com recuo; ✓ Vozes recomendadas em nota de rodapé.

Fonte: Elaboração nossa.

As vozes dos comentadores constituíram um quadro de orientação para resgatar as vozes de época. Os comentadores seguem abaixo.

Quadro 6 - Vozes de comentadores na fundamentação da DM2

VOZES DE COMENTADORES	FORMAS DE TRANSMISSÃO
Voz de Padilha (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inserida na forma de discurso indireto; ✓ Comentarista da Teoria do Agendamento.
Bezerra (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de discurso direto, em bloco e com recuo;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresenta a definição da noção de heterodiscurso; ✓ Inserida também em nota de rodapé.
Rodrigues (2005)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de discurso direto, em bloco e com recuo, a fim de “sintetizar” a noção de enunciado em Bakhtin; ✓ Introduzida também em nota de rodapé.
Campos (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Na forma de discurso direto; ✓ Com a finalidade de apresentar a definição de enunciado enquanto arena na concepção de Volóchinov.
Todorov (1981)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida sem uso de aspas, com indicação autor-data e paginação; ✓ Em brevidade, complementa a voz de Volóchinov.
Konder (2017 [1981])	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Na forma de citação fragmentada; ✓ Também em discurso indireto sem fronteiras nítidas com a voz de Santos.
Santos (2013)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de discurso indireto; ✓ Entrelaçada com a voz de Konder com difícil identificação das fronteiras entre essas vozes.

Fonte: Elaboração nossa.

As vozes de época recuperadas pela autora-pesquisadora são de Escolas Clássicas com as quais há ressonâncias para a constituição do argumento da autora. As vozes seguem abaixo.

Quadro 7 - Vozes de época na fundamentação da DM2

VOZES DE ÉPOCA	FORMAS DE TRANSMISSÃO
Aristóteles (2015 [1515]); (2010 [1481])	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida na forma de citação fragmentada, que intercala a forma de discurso indireto; ✓ Também é apresentada na forma de citação longa.
Descartes (1596 – 1650)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Introduzida brevemente na forma de menção.
Arthur Schopenhauer (1788 – 1860); (2014)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inserção na forma de discurso direto, em bloco, com recuo; ✓ Inserção em nota de rodapé também.

Fonte: Elaboração nossa.

As vozes de citação da citação com o uso de *apud* estão apresentadas de modo substancial no quadro teórico. Também identificamos vozes apresentadas por outras vozes sem sinalização de *apud*. Essas formas seguem abaixo:

Quadro 8 - Vozes refratadas por uma outra voz da DM2

VOZES COM USO DE <i>APUD</i>	VOZES POR MEIO DE OUTRA VOZ (SEM EXPLICITAR <i>APUD</i>)
Voz Nery e Temer (2009) <i>apud</i> voz Mendonça e Temer (2015)	Voz de Douglas Walton na forma de menção à lógica informal.
Voz Felman (1979) <i>apud</i> voz Amossy (2017); Voz de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) <i>apud</i> voz Amossy (2017); Voz de Habermas <i>apud</i> Amossy; Voz de Marcelo Dascal <i>apud</i> Amossy; Voz Christian Kock (2009) <i>apud</i> voz Amossy (2017); Voz de Dominique Garand (1998) <i>apud</i> Amossy (2017)	Vozes de Van Eemeren e Grassen na forma de menção à pragmadialética.
Vozes de Sócrates e Platão <i>apud</i> Santos	Voz de Grice na forma de menção aos Princípios de Cooperação.

Fonte: Elaboração nossa.

4.2.2 Movimentos dialógico-discursivos na fundamentação teórica da DM2

O movimento inicial da DM2 é a introdução de citação direta da voz de Bakhtin, com a função de epígrafe, emoldurada com a voz da pesquisadora. Com o uso do verbo em terceira pessoa do plural (“[nós] abrimos”), a autora emoldura a citação. A citação selecionada antecipa a proposta da discussão do capítulo em consonância com o posicionamento da autora-pesquisadora, como um enunciado que refrata o todo da discussão. Excerto 1:

2. REFERENCIAL TEÓRICO

“A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor.” (BAKHTIN, 2003, p. 291, grifos originais).

Com essa afirmação, abrimos este capítulo, que tem como objetivo, em um primeiro momento, discutir aspectos da linguagem a partir de um viés dialógico, seguida da mobilização de conceitos pertinentes à compreensão da polêmica. (DM2).

A autora-pesquisadora localiza seu objeto de pesquisa (a polêmica) no conceito de *atitude responsiva*, conceito retomado da citação-epígrafe. Em um movimento de justificação, a autora projeta nesse espaço a criação de seu objeto. Excerto 2:

Promover uma aproximação entre os pressupostos bakhtinianos e os estudos mais recentes envolvendo a polêmica é um dos interesses desta pesquisa. Desse modo, justifica-se iniciar a discussão teórica com essa concepção da atitude responsiva ativa por parte dos interlocutores, uma vez que são assentados nela os embates produzidos no discurso polêmico. (DM2).

O discurso da autora-pesquisadora está explicitamente orientado para o leitor, antecipando a visão da organização do quadro teórico, afirmando seu lugar epistemológico. Excerto 3:

Sendo assim, ancorada em uma perspectiva dialógica da linguagem, esta pesquisa articula: a) conceitos-chave do filósofo russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo, tais como a concepção de linguagem, discurso e enunciado concreto, e seus desdobramentos a partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e b) as discussões promovidas por Ruth Amossy, no que diz respeito ao discurso polêmico. Partindo disso, este capítulo de referencial teórico organiza-se em subseções a fim de contemplar os conceitos mobilizados nesta pesquisa. Assim, inicialmente, tratamos da concepção bakhtiniana acerca: a) da linguagem, do discurso e do enunciado concreto; e, b) da arena discursiva. Em seguida, discorre-se sobre o percurso dos estudos argumentativos até o que se entende hoje por discurso polêmico, culminando nos estudos desenvolvidos por Amossy. (DM2).

Após esses primeiros movimentos para a ilustração do panorama do seu quadro epistemológico, a voz de Bakhtin é novamente introduzida. Em breve assimilação dessa voz, é inserida outra citação. Excerto 4:

2.1 CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM

As reflexões desenvolvidas acerca da linguagem a partir da concepção dialógica distanciam-se de uma visão reducionista da língua enquanto sistema estável, abstrato e desprovido de ideologia.

Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua ideologicamente preenchida, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um maximum de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 40, grifos do autor) (DM2).

Em discurso indireto, a voz de Bakhtin é demarcada no formato autor-data, para a inserção da voz de Bezerra, que está interligada em uma nota de rodapé para explicitar um conceitual teórico, conferindo-lhe autoridade. Excerto 5:

Sob esse prisma, portanto, assume-se *língua* como um objeto vivo e dinâmico, estratificado e impregnado de ideologia, valores e sentidos. Nela, registram-se camadas tanto de dialetos, no sentido linguístico do termo, quanto na variedade de linguagens (socioideológicas, de grupos sociais, profissionais, de gerações, de gêneros, etc.) (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 41); enredando-se em sua materialidade heterodiscursiva¹⁴.

Heterodiscurso, na visão bakhtiniana, segundo palavras de Bezerra, no prefácio de Teoria do Romance I (2015), A heterodiscursividade, portanto, associa-se a uma ideia de mundo enquanto acontecimento, de realidade construída socialmente, em um dado tempo-espço, e de conceber o ser como sendo constituído pelo discurso (BEZERRA, 2015)¹⁵. (DM2).

O conceitual pela voz de Bezerra confere validade, de uma responsabilidade de tradutor da obra de Bakhtin no idioma original, fomentando sustentação ao ponto de vista da pesquisadora na construção de seu objeto (a polêmica). A assimilação do discurso de Bakhtin pela voz de Bezerra perpassa a voz da autora-pesquisadora, que introduz duas categorias relacionadas ao conceito de heterodiscursividade, como base interpretativa da polêmica.

Excerto 6:

É relevante destacar que, sobre o heterodiscurso atuam *forças centrípetas e centrífugas*. As forças centrípetas realizam um movimento de centralização da língua e da cultura. (DM2).

Há a retomada da voz de Bakhtin na forma de citação, em alternância em bloco, com recuo e fragmentada. Excerto 7:

Logo, a força centrípeta regula e impõe limites à língua, “assegura[ndo] certo *maximum* de compreensão mútua” (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 40), além de protegê-la do heterodiscurso. Simultaneamente, a força centrífuga age em um movimento de *descentralização e separação* (BAKHTIN, 2015 [1930], p. 41, grifos do autor).

A estratificação e o heterodiscurso se ampliam e se aprofundam enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das formas centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de *descentralização e separação*. (BAKHTIN, 2015 [1930], p. 41, grifos do autor). (DM2).

A ênfase em grifo da autora-pesquisadora aponta a valoração conceitual para o seu objeto com uma inscrição de singularidade através do pronome possessivo em primeira pessoa do singular. O seu ponto de vista não abriga o recurso de um apoio no recurso em terceira pessoa do plural “nosso”, em contraponto com aquele da abertura do quadro teórico

(“*iniciamos*”). Essa tomada de posicionamento de responsabilidade singular sobrepõe-se à voz de Bakhtin. Excerto 8:

Sendo assim, em cada enunciado concreto ambas as forças, centrípetas e centrífugas, atuam sobre a língua, consistindo em um heterodiscurso dialogizado. “O autêntico meio da enunciação, no qual ela se forma e vive, é justamente o *heterodiscurso dialogizado*, anônimo e social como a língua, mas concreto, rico em conteúdo e acentuado como enunciação individual.” (BAKHTIN, 2015 [1930], p. 42, grifo meu). (DM2).

A voz de Campos, comentador, introduzida em fragmento citacional, explicita o conceito de arena, que está relacionado com a ênfase valorativa direcionada ao seu objeto de discurso. Excerto 9:

O enunciado concreto constitui-se, desse modo, enquanto arena, uma vez que representa “um microcosmo da luta entre as forças de centralização (centrípetas) e as de descentralização da linguagem (centrífugas), em todos os estágios da existência histórica e social.” (CAMPOS, 2009, p. 118). (DM2).

O movimento seguinte, com a voz de Bakhtin (1981) em discurso indireto com alternância de fragmentos citacionais, introduz a voz de Volóchinov (1981 [1930]) articulada com a voz de Todorov na forma de discurso indireto. As definições dos conceitos seguem alternando-se com a voz de Bakhtin, em citação fragmentada e na forma de discurso indireto – movimentos repetitivos.

A voz de Rodrigues é introduzida, com a função de comentador para sintetizar o conceito de enunciado na teoria dialógica, antecedendo, novamente, a voz de Bakhtin (2002) em citação fragmentada. Excerto 10:

Diferentemente das concepções apresentadas na linguística sobre enunciado¹⁷, o Círculo assume tal conceito como fruto das *relações dialógicas*. Rodrigues (2005) sintetiza essa perspectiva afirmando que o enunciado, para Bakhtin, é “a unidade da comunicação discursiva.” (p. 157); (DM2).

A autora-pesquisadora sinaliza sua voz com expressão “em outras palavras.” No entanto, o discurso assimilado é de Volóchinov, não de Bakhtin. Isso aponta para a ressonância de leitura da autora a partir da voz do comentador, uma assimilação por meio dessa voz e não do texto fonte de Bakhtin. Excerto 11:

em outras palavras, o enunciado é constituído a partir da interrelação com outros já-proferidos, sendo a dimensão extraverbal elemento constitutivo enunciado. (DM2).

Segue a retomada da voz de Bakhtin, para um movimento de introdução de vozes discordantes. A mestranda põe essas vozes em posições de confronto, que se posicionam do ponto de vista de historiadores. O efeito de instabilidade é limitado às vozes discordantes, que são de Ginzburg e de Souza, e não uma instabilidade da voz autoral. Excerto 12:

Sob esse prisma, o enunciado pode ser considerado fruto de um intenso diálogo na historicidade. Do ponto de vista da historiografia, Carlo Ginzburg, referência neste trabalho no tocante à metodologia, pontuou em um de seus trabalhos a relação dialógica presente em processos inquisitoriais. Segundo o historiador, é possível verificar, nesses processos, a presença de vozes conflitantes – a do inquisidor e a do réu. Os interrogatórios servem de arquivo linguístico ao registrar as perguntas e as respostas envolvendo questões de feitiçaria e rituais em uma dada época. Entretanto, Ginzburg (1991) pondera que muitos desses materiais representam uma relação monológica, uma vez que ao interrogar, os inquisidores apenas buscavam uma comprovação de suas acusações, “no sentido de que as respostas dos réus eram muito frequentemente apenas um eco das perguntas dos inquisidores.” (p.14).

Cabe nesse ponto, trazer à luz as reflexões de Souza (2015), o qual se opõe a essa visão de Ginzburg em que há relações monológicas na linguagem, no sentido bakhtiniano do termo. Souza (2015) defende que a historiografia é construída por meio das lentes do historiador, isto é, as escolhas e os recortes são feitos sob a ótica do pesquisador e o que se tem é um “quebra-cabeça narrativo” (p. 8): (DM2).

A autora-mestranda procura resgatar o lugar da polêmica na inscrição histórica mediante essas vozes, que estão em relação de posicionamento discordante. Excerto 13:

Da mesma forma pensa-se a polêmica. O discurso polêmico está integrado em uma rede de enunciados e dialoga com outros, compondo uma trama narrativa e tendo seu sentido atribuído dentro da historicidade. (DM2).

Nesse movimento dialógico-discurso, a autora-mestranda inscreve seu lugar de pesquisadora, correlacionando a voz de Amorim, que é introduzida com citação fragmentada, complementando o discurso da mestranda, que assimila a expressão de Souza (“*quebra-cabeça narrativo*”) atualizada no seu contexto de pesquisa, juntamente com a voz de Amorim. Excerto 14:

Somado a isso, enquanto pesquisadora, realizo um “trabalho de fixação e enquadramento” (AMORIM, 2018, p. 100) desses enunciados polêmicos conferindo à História uma nova peça a esse quebra-cabeça narrativo. (DM2).

Segue o movimento de inserção de citação longa, em recuo, da voz de Amorim com grifos da própria Amorim. A voz de Amorim é a assimilação da voz de Bakhtin acerca da relação dialógica entre o cognoscível e o cognoscente no campo de pesquisa das Ciências Humanas. É uma voz refratante da voz de Bakhtin. A autora-mestranda resgata uma voz que refrata outra voz, mas demarcada apenas em Amorim. Excerto 15:

[p]esquisador e sujeito pesquisado são ambos produtores de texto, o que confere às Ciências Humanas um **caráter dialógico**. Uma primeira consequência disto é que o texto do pesquisador não deve emudecer o texto do pesquisado, deve restituir as condições de enunciação e de circulação que lhe conferem as múltiplas possibilidades de sentido. Mas o texto do pesquisado não pode fazer desaparecer o texto do pesquisador, como se este se eximisse de qualquer afirmação que se distinga do que diz o pesquisado. O fundamental é que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o **caráter dialógico**, revelando sempre as diferenças e a **tensão entre elas**. (p. 98, grifos da autora). (DM2).

A autora-mestranda situa e demarca um lugar de interesse para resgatar um conceito de Bakhtin, que está em processo de assimilação no seguimento da interpretação. O advérbio de lugar (“aqui”) e uma avaliação apreciativa (BAKHTIN, 2017 [1970-1971]) com valor de importância (“é interessante”). Há a importância de atualização da significação ideológica na interpretação autoral da mestranda, na discussão não somente sobre a palavra, mas com a palavra (BAKHTIN, 2015 [1934-1935]). O resgate do conceito de “exotopia” e de seus correlatos (“excedente de visão”; “o todo”) é reorientado para o objeto de discussão (a polêmica) nesse novo contexto da pesquisa, emergindo do universo de valores da esfera científica. Combina-se a objetividade do conhecimento com a matiz dialógico-valorativa da autora-mestranda. Excerto 16:

Aqui, é interessante resgatar o conceito de *exotopia*, postulado por Bakhtin. *Exotopia* tem suas raízes na estética literária, e foi primeiramente estabelecida a partir da relação entre autor e herói. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin discorre acerca da construção do herói, tendo como referência o excedente de visão advindo do autor; isto é, o autor, enquanto criador, possui o acesso ao *todo*, ao *todo* da obra e ao *todo* do próprio herói. (DM2).

Mediante a forma de transmissão de citação, em três linhas, com um breve comentário da autora, que intercala mais uma citação longa, em bloco com recuo, a voz de Bakhtin é emoldurada pelo comentário autoral da pesquisadora e, novamente, a voz de Bakhtin é retomada em uma citação longa. Esse constante movimento intercalado fundamenta o

deslocamento e a atualização de sentido na elaboração discursiva da pesquisadora, em tempo-espaço histórico das novas tecnologias e mídias sociais. Novamente, a expressão “todo” é posta entre aspas, referenciando a voz de Bakhtin em relação ao conceito de exotopia, que é reorientado para o objeto de pesquisa. Excerto 17:

Tal reflexão não se restringe apenas à criação estética. É possível trazê-la à vida diária na relação entre o mundo à nossa volta e a todos ao nosso redor. Apenas por meio do olhar e da memória do outro podemos ter acesso ao nosso “todo”, ou seja,

[...] o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem *exterior* pela primeira vez num novo plano da existência. (BAKHTIN, 1997 [1979], p. 55, grifo do autor). (DM2).

A autora-pesquisadora interfere no espaço interdiscursivo e inscreve nele o seu ponto de vista na relação com o seu objeto de pesquisa, objeto já discutido e apreciado por muitas vozes (BAKHTIN, 2015 [1934-1935]). Na forma de molduragem de reinterpretação, a autora elabora discursivamente seu argumento, que rompe com o sentido imanente/permanente dessa esfera ideológica de conhecimento científico, deslocamento-atualização de sentido no novo contexto, na nova perspectiva do objeto: o discurso polêmico no espaço virtual multiacentuado, multimodal e com semioses sígnicas (ideológicas) diversas. Em relação dialógica com as vozes retomadas, a autora constitui seu argumento. O uso de itálico pela autora enfatiza o objeto, a complexidade do contexto virtual e, entre aspas, o conceito de “autor”. Excerto 18:

Aproximando essa perspectiva da *polêmica*, pensa-se que, em um ambiente virtual, o acesso ao outro se dá por meio de uma plataforma digital e o exterior desse outro é dado por meio do material sígnico publicado por ele, englobando o linguístico, o pictográfico (*emoji, gif*) e o perfil do usuário, dado tanto pelas escolhas de foto quanto do recorte de postagens de seu interesse. Esse acabamento do outro pode impulsionar a polêmica, uma vez que seu perfil, bem como seu comentário ou publicação, é atravessado por uma apreciação valorativa desse “autor”. (DM2).

A voz de Bakhtin é novamente citada, em recuo, com ênfase por grifos da autora-pesquisadora e com o marcador de sua singularidade, pelo pronome possessivo em primeira pessoa do singular (“grifo meu”). Na escrita do quadro teórico, ocorrem três momentos pontuais desse modo enfático mediante grifo e o uso da primeira pessoa do singular. Essa passagem é a segunda ocorrência de marcação de singularidade, como uma marca linguística

de um ato responsável (Bakhtin, 2017a [1920-1924]), e configuração de um discurso bivocal específico. Excerto 19:

[...] a palavra viva, a palavra completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado; o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre ele – não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não designa meramente um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa, por sua entonação (...), minha atitude valorativa em direção ao objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele, e, desse modo, coloca-o em direção do que ainda está para ser determinado nele, torna-se um momento constituinte do evento vivo em processo. (BAKHTIN, 2010 [1986], p. 50, grifo meu). (DM2).

A marcação de singularidade da autora prossegue no movimento dialógico-discursivo, na forma de molduragem de assimilação e reelaboração das relações conceituais de exotopia e de atitude valorativa na relação com o outro. Atualizando o sentido ao se posicionar no seu lugar singular (meu posicionamento diante da resposta do outro), o excedente de visão da mestrandia correlaciona o contexto de interação das redes sociais da internet na elaboração discursiva. A produção teórica (abstrata) da autora-pesquisadora, a partir de seu lugar único (“meu posicionamento”, “minha apreciação”, “acabamento dado por mim”, “minha réplica”), correlaciona o mundo da cultura (do conhecimento científico) com o mundo da vida (da vivência da pesquisadora), que transforma o conteúdo do objeto em conhecimento na pesquisa. Excerto 20:

Logo, meu posicionamento diante da resposta do outro, o que consiste o dialogismo, está diretamente associado à minha apreciação valorativa em relação a esse outro, ao acabamento dado por mim, em um movimento exotópico. A minha réplica constrói-se a partir dessa valoração atribuída por mim, não somente direcionada à resposta, mas também ao que esse outro se mostra a mim, por meio de sua apresentação em uma rede social. (DM2).

O movimento de deslocamento procura romper com o sentido de acabamento da totalidade do outro (“essa noção extrapola a concepção bakhtiniana de outro”). A autora reelabora em seu discurso o conceito de exotopia assimilado ao conceito de “outro” no ambiente virtual. Argumenta que a manifestação do outro na rede social é uma seleção de recortes de própria autoria desse outro e, por isso, a impossibilidade de acesso “ao todo” do outro nesse ambiente. O argumento da mestrandia modifica, rompe e desloca o conceito original. Ocorre, portanto, uma nova articulação no ponto que afeta (Bakhtin, 2017a [1920-

1924]) a autora-mestranda na relação dialógico-discursiva com as vozes e na relação com o seu objeto de pesquisa. Excerto 21:

Pode-se dizer que essa noção extrapola a concepção bakhtiniana de outro, porque, diferentemente de uma conversa em que duas pessoas estão face a face, o ambiente virtual, por si só, já representa um acabamento desse outro; em outras palavras, o que se tem é apenas um recorte das escolhas feitas por esse outro como manifestação de si mesmo. Assim, a polêmica é constituída com base em pequenas janelas de realidade; em que o acesso ao todo do outro é apenas parcial. (DM2).

O efeito de sentido é de ampliação da concepção de outro em Bakhtin, pela rearticulação desse conceito. Mediante um adverbio contrastivo (“diferentemente”), os conceituais de diálogo (forma dialogal entre duas pessoas), o ambiente virtual e a parcialidade de acesso ao todo do outro são articulados com a concepção da autora-pesquisadora de constituição da polêmica. Com a expressão “pode-se dizer”, a elaboração do discurso da autora é legitimada a partir da voz de Bakhtin, modificada por ela.

Com a abertura de um subcapítulo, o objeto de discussão é trabalhado com o sentido de luta ou embate pelo viés do dialogismo como dissenso e introduz o conceito de “carnavalização.” O movimento inicial desse subcapítulo da DM2 é o tratamento do objeto de pesquisa (a polêmica) como discurso vivo. Excerto 22:

2.2 A POLÊMICA EM BAKHTIN: CONCEITUANDO ARENA DISCURSIVA

Ao tomar a polêmica a partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD) é preciso considerar que o objeto de pesquisa constitui a própria linguagem e sua unidade básica o enunciado, o discurso polêmico. O discurso vivo, nessa perspectiva, é constituído pela futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. (DM2).

O movimento seguinte retoma a voz de Bakhtin, na forma discurso indireto. No entanto, identificamos que é uma citação, em três linhas, com ausência de aspas e referência de paginação. Excerto 23:

Formando-se num clima do já dito, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. (BAKHTIN, 2015 [1930]). (DM2).

Após essa retomada, a voz de Bakhtin segue em forma de citação. A expressão de retomada discursiva no âmbito da própria seção teórica (“E, como dito antes”) retoma o fio discursivo orientado para o leitor-ouvinte. Excerto 24:

E, como dito antes, discurso, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, é a “língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 1981, p. 157), isto é, constituída por relações dialógicas. (DM2).

O movimento dialógico-discursivo é conduzido pelo ponto de vista da autora na criação de seu objeto, a polêmica como discurso vivo, enunciado de luta de teses antagônicas. A voz de Bakhtin na forma de citação longa, em bloco, com recuo, é introduzida e interpretada em relação de sentido com o discurso polêmico. Excerto 25:

No tocante ao funcionamento de teses antagônicas e, em que medida, elas tornam-se discurso, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin exemplifica:

“A vida é boa”. “A vida não é boa.” Estamos diante de dois juízos revestidos de determinada forma lógica e um conteúdo concreto-semântico (juízos filosóficos acerca do valor da vida) determinado. Entre esses juízos há certa relação lógica: um é a negação do outro. Mas entre eles não há nem pode haver quaisquer relações dialógicas, eles não discutem absolutamente entre si (embora possam propiciar matéria concreta e fundamento lógico para a discussão). Esses dois juízos devem materializar-se para que possa surgir relação dialógica entre eles ou tratamento dialógico deles. Assim, esses dois juízos, como uma tese e uma antítese, podem unir-se num enunciado de um sujeito, que expresse a posição dialética uma deste em relação a um dado problema. Neste caso não surgem relações dialógicas. Mas se esses dois juízos forem divididos entre dois diferentes enunciados de dois sujeitos diferentes, então surgirão entre eles relações dialógicas. (BAKHTIN, 1981, p. 159). (DM2).

Os comentários da autora-mestranda emolduram a citação em assimilação e modificação. Primeiro o discurso de Bakhtin é integrado ao discurso da autora e transformado pela reinterpretação, que está marcada na reelaboração discursiva da autora. Excerto 24:

Quando o autor se refere à “posição dialética uma deste em relação a um dado problema”, nota-se a particularidade da opinião de um sujeito e seu papel em personificar essa relação dialógica. Logo, em uma polêmica, cada um dos participantes ocupa uma função imprescindível ao assumir partidos, e a presença dos dois (ou mais, dependendo o caso) é pré-condição para que haja um debate e, conseqüentemente, para que seja caracterizado como um discurso polêmico. (DM2).

O ponto de vista da historicidade das vozes de Ginzburg, de Souza e de Amorim está entrelaçado com a voz de Bakhtin e assimilado no discurso autoral sobre o discurso polêmico na DM2. Excerto 25:

Além disso, a posição assumida pelo sujeito discursivo está inserida na historicidade, uma vez que a produção do enunciado é um evento único e irrepetível, conforme supramencionado. Dessa maneira, entendendo o ato de enunciar como um ato dinâmico¹⁸, sob o olhar da polêmica, aos sujeitos da enunciação é atribuído [*sic*] tanto responsabilidade quanto responsividade dentro de uma determinada situação de interação discursiva. (DM2).

O dialogismo como sumariamente dissenso e não consenso marca o posicionamento autoral da concepção de relações dialógicas como tensões de lutas, ou embates, sustentado a partir da voz de Volóchinov e retomado com essa finalidade na forma de discurso direto, em bloco com recuo. Desse posicionamento, a forma de molduragem de reinterpretação da concepção de discurso polêmico inerente à natureza dialógica da linguagem é pronunciada pela voz autoral da mestranda. Ressoa como a voz de Amossy assimilada na voz da mestranda. Excerto 26:

Pode-se ainda expandir a concepção de discurso polêmico assumindo-o como parte do próprio dialogismo inerente à linguagem. Vale destacar que, não raras vezes, o dialogismo tem sido entendido de modo simplista reduzindo-o ao caráter de consenso, de entendimento, de diálogo amigável. (DM2).

Não há uma marcação explícita da voz de Amossy. A voz de Amossy é introduzida posteriormente em outro subcapítulo e, por meio dela, outras vozes são retomadas com o uso de *apud*. A ressonância da voz de Amossy,⁴² assimilada nessa ampliação conceitual, configura-se num discurso autoral constitutivo, sem marcação de fronteiras discursivas, indiretamente, antecipada a voz de Amossy nessa subseção.

A autora-pesquisadora apresenta seu ponto de vista, introduzindo a voz de Volóchinov para sustentação. Com acentuação mediante grifo, a autora marca sua singularidade (“grifos meus”). Excerto 27:

A nosso ver, o dialogismo, como elemento inerente ao discurso, não se reduz a consenso, antes se caracteriza como um tensionamento na linguagem, arena de confrontos e embates de toda ordem, como aponta Volochínov;

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva. Como já sabemos,

⁴² Cf. A argumentação no discurso por Ruth Amossy (2018, p. 43): “A argumentatividade aparece, então, como uma consequência do dialogismo inerente ao discurso”. Amossy (2018) propõe a argumentação como uma inevitável consequência da natureza dialógica da linguagem a partir de uma citação do próprio Volóchinov.

toda palavra é um pequeno **palco19** em que as ênfases sociais multidirecionadas se **confrontam e entram em embate**. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais. (VOLOCHÍNOV, 2018 [1929/1930], p. 140, grifos meus). (DM2).

O movimento dialógico-discursivo com as vozes de Bakhtin e de Volóchinov leva a autora a introduzir a voz de Hall, na forma de discurso direto, para a definição do conceito de cultura digital. A internet é apropriada pela DM2 como um espaço público propiciador do discurso polêmico, em analogia com a praça pública advinda de Bakhtin, e imersa na cultura digital. O uso de analogia é mobilizada com as categorias da cosmovisão carnavalesca, recuperadas em Bakhtin e atualizada na contemporaneidade das redes sociais. Pela voz de Hall, a autora-pesquisadora relaciona a cultura e a interpretação nesse meio de redes sociais. Excerto 28:

É possível aventar que, na contemporaneidade, um desses espaços sociodiscursivos profícuos para a produção e circulação de discurso polêmico é a Internet. A Internet, inserida na Cultura Digital, é marcada por ser o lugar do debate ou, ainda, a praça pública contemporânea para as arenas discursivas e tensionamentos na linguagem. Cultura digital, por sua vez, é compreendida, neste estudo, como “um processo, um conjunto de práticas. [...] Assim, a cultura depende da interpretação significativa do que está acontecendo ao redor dos participantes e do ‘fazer sentido’ do mundo de maneira similar.” (HALL, 2006). Dessa maneira, unindo esse conceito e a concepção que se tem de “digital”, depreende-se a definição do que vem a ser a “cultura digital”. (DM2).

A voz de Rüdiger é introduzida para validar a articulação entre cultura e as novas tecnologias como práticas comunicativas e sócio-históricas globalizadas. Excerto 29:

Considera-se cultura digital, portanto, o conjunto de práticas associadas a um novo modo de pensar e agir sobre o mundo, mediado por tecnologias da informação e comunicação, não restrita a um espaço físico ou a um ponto específico no mapa, mas desenvolvida a partir de uma construção coletiva e global. Essa acepção está em sintonia com o que Francisco Rüdiger, em seu livro *As Teorias da Cibercultura: Perspectivas, questões e autores* (2013), propõe: “[a cibercultura] poderia bem ser definida como a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação.” (p. 11). (DM2).

Mediante a voz de Rüdiger, a autora-mestranda apresenta a relevância da propaganda nesse espaço, justificando a historicidade do *corpus* de análise tendo em vista o seu objeto de pesquisa (o discurso polêmico na mídia digital). Excerto 30:

Rüdiger, nessa mesma obra, realiza um levantamento das principais discussões envolvendo tanto o termo quanto as correntes de estudos direcionadas ao tema. É relevante mencionar que Rüdiger destaca a forte presença da publicidade e do mercado nesse espaço cibernético a partir da década de 90.

[A] cibercultura deve ser vista, sem espanto, como uma formação em que, em vez do império da técnica ou da espontaneidade humana, o que predomina, como elemento articulador de suas experiências, é a forma mercadoria. A comunicação on-line, a flânerie digital e a sociabilidade virtual não somente se inscrevem em um sistema mercantil, mas são por ele mediadas desde a raiz, visto que seus sujeitos, antes mesmo de fazerem qualquer contato ou, como se diz, interagirem, via de regra são já os sujeitos que criaram a prática de uma indústria cultural oriunda do início do século XX. (RÜDIGER, 2013, p. 72). (DM2).

É validada a importância da propaganda como “um dos motores” e como facilitadora de posicionamentos axiológicos entre os internautas, de tom polêmico. A autora-pesquisadora situa em espaço-tempo (“em tempos como este”) a intensificação do discurso polêmico, em um enunciado hipotético (“arrisco dizer que”), com efeito de sentido de pessoalidade que alude à experiência de isolamento no ápice da pandemia da covid-19. Consideramos nesse ponto que o desenvolvimento e a defesa da dissertação (DM2) adentram 2020, ano da explosão pandêmica do vírus e do isolamento físico/social ocasionado. Dele decorreu uma maior vivência nos espaços virtuais, o uso do recurso remoto e a intensificação de polêmicas e temas desencadeadores no cenário brasileiro polarizado. Excerto 31:

Nesse sentido, toma-se a propaganda, e as demais ferramentas mercadológicas, como um dos principais motores para o fortalecimento e o alcance das mídias digitais.

Esse contato direto, possível por meio das redes sociais, a propagandas, facilita a exposição de posicionamentos dos usuários, conforme já mencionado. Arrisco dizer que, em tempos como este, em que a ociosidade diante das telas se faz mais frequente, é ainda mais comum internautas sentirem-se dispostos a levarem temas a uma arena discursiva. (DM2).

Segue o movimento discursivo de evidência e de justificação para o estudo da polêmica nesse espaço digital, favorecendo a argumentação da autora-pesquisadora, seu ponto de vista e a criação do seu objeto. O uso de reticências é uma marca do movimento dialógico-discursivo de interlocução, que remete ao dialogismo interlocutivo. Excerto 32:

A cultura digital, ou cibercultura, sob esse prisma, mostra-se um terreno promissor para a produção e circulação de polêmicas, visto seu largo alcance e seu confronto com outras culturas e modos de pensar. Além disso, questões dentro da ciberética afetam o modo que os usuários utilizam o ciberespaço

para expor opiniões, registrar comentários e, inclusive, fazer uso de “bots”²¹, pulverizando e acentuando polêmicas. Assim, o uso indiscriminado do ciberespaço pode viabilizar ainda mais a visibilidade de assuntos polêmicos, uma vez que os próprios comentários, tweets, posts... podem acalorar discussões e inflamar polêmicas. (DM2).

A autora retoma a voz de Bakhtin, na forma de citação fragmentada, como uma antecipação aludida ao conceito de democracia, posteriormente apresentado pela voz de Amossy. Excerto 33:

Nesse ponto, é possível resgatar as reflexões de Bakhtin (1987) acerca da acepção de **praça pública**, uma vez que, hoje, a *Internet* assumiu também esse papel. Essa discussão, nos estudos bakhtinianos, tem raízes em Rabelais, em virtude do interesse deste em dar voz ao povo, sendo classificado por Bakhtin (1987) como “o *mais democrático* dos modernos mestres da literatura.” (p. 02, grifos originais). (DM2).

A voz de Bakhtin prossegue situada na noção de democracia em relação com o conceito de riso. Excerto 34:

Essa democracia, segundo a perspectiva bakhtiniana, refere-se à ousadia de Rabelais em transgredir “[os] cânones e [as] regras da arte literária vigentes desde o século XVI até os nossos dias” (BAKHTIN, 1987, p. 02), ao explorar, por meio de suas obras, a cultura popular, trazendo ao palco da grande literatura as festividades populares, seus dialetos e seu riso. Esse último elemento, o riso, contrapõe-se ao tom sério, característica fundante da cultura medieval oficial. “O tom sério afirmou-se como a única forma que permitia expressar a verdade, o bem, e de maneira geral tudo que era importante, considerável. O medo, a veneração, a docilidade, etc., constituíam por sua vez os tons e matizes dessa seriedade.” (BAKHTIN, 1987, p. 63). É importante destacar que o riso, nesse sentido, não se trata de uma reação individual a um fato cômico; de acordo com Bakhtin (1987), o riso carnavalesco²², é um “riso *festivo*” (p. 10, grifo original); (DM2).

A autora-pesquisadora mobiliza as categorias de Bakhtin com o movimento discursivo de relatos sobre o espaço digital e os seus diversos gêneros digitais humorísticos da contemporaneidade, atualizando os sentidos categóricos do riso carnavalesco e da festividade (entretenimento) no espaço-tempo do mundo tecnológico. Excerto 35:

Cabe aqui mencionar uma das características que vem [sic] ganhando espaço, principalmente, dentro das redes sociais: o humor. Memes, *TikToks*, dublagens, *reels*, *stories*, e outros recursos disponíveis nas redes sociais favorecem a grande adesão por parte dos usuários, quando se trata de entretenimento. Esse modo de observar a realidade e produzir humor a partir das mais variadas situações do cotidiano podem [sic], de certa forma, ser

consideradas [sic] como, no sentido bakhtiniano do termo, uma **carnevalização**. (DM2).

Em movimentos de retomada e de reelaboração, o discurso autoral da DM2 é criativo nesse contexto de produção acadêmico-científica, sustentado pelo discurso de outrem de autoridade, que é reinterpretado na atualização sócio-histórica de circulação do discurso polêmico pelas novas tecnologias. Os argumentos da pesquisadora deslocam os sentidos conceituais originais. Excerto 36:

Para além do contexto do *corpus* literário como no caso de Rabelais, podemos pensar nos discursos contemporâneos em que o conceito de carnaval aponta para o ofuscamento/borrimento das fronteiras hierárquicas, uma vez que a distância entre homens se extingue. O *livre contato familiar entre os homens* é a primeira categoria elencada por Bakhtin (1981), a fim de compreender a cosmovisão carnavalesca. (DM2).

Nesses parágrafos, quatro categorias de Bakhtin são atualizadas discursivamente para a contemporaneidade mediante analogias na DM2. Excerto 37:

É nesse ponto em que se observa o aspecto democrático do carnaval, visto que os homens passam a compartilhar dos mesmos rituais, ações e gestos típicos da festividade. Analogamente, pode-se pensar sobre a Internet. Ali, genericamente, as relações são estabelecidas de modo que os usuários das redes possuem o mesmo acesso aos comentários, aos vídeos, às publicações, e, dessa forma, são camuflados por meio de seus perfis pessoais, atenuando diferenças de classe social e de idade, por exemplo. (DM2).

Em uma sequência de analogias, a autora-pesquisadora demarca a evidência da democratização orientada para seu objeto de pesquisa (a polêmica) como também a coexistência de elementos contraditórios no espaço das redes sociais. Excerto 38:

Outra categoria, dentro dessa noção carnavalesca, pontuada por Bakhtin (1981), está intimamente relacionada com a primeira: trata-se da *excentricidade*. Novamente, percebe-se a democratização propiciada pelo carnaval.

A terceira categoria, proposta por Bakhtin (1981), consiste na *união e combinação de elementos aparentemente díspares*. Sobre isso, ele afirma: “O carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc.” (BAKHTIN, 1981, p. 106). Nada mais ilustrativo dessa visão que uma página de uma rede social: é possível se deparar com uma notícia, com um meme, com uma propaganda, com uma foto, com um vídeo engraçado, enfim, toda sorte de recursos dentro de uma rede social em apenas um rolar de tela. (DM2).

A explícita atualização das categorias através de analogias, em molduragens de reinterpretação, é um processo constante na DM2, com argumentos legitimados e fundamentados nas vozes originais, que são percebidas pela mestranda como interiormente persuasivas, ou seja, dialógicas. Excerto 39:

As *mésalliances carnavalescas* associam-se à última categoria organizada por Bakhtin: a *profanação*. “Esta é formada pelos sacrilégios carnavalescos, por todo um sistema de descidas e aterrissagens carnavalescas, pelas indecências carnavalescas, relacionadas com a força produtora da terra e do corpo, e pelas paródias carnavalescas dos textos sagrados e sentenças bíblicas, etc.” (BAKHTIN, 1981, p. 106). (DM2).

Sobre isso, pode-se atualizar essa passagem para os dias atuais. E aqui, um parênteses [sic], essa revisitação do passado e, conseqüentemente, essa reinterpretação é o que Bakhtin denominou como sendo o *grande tempo*.

Logo, revisitar a obra bakhtiniana e ressignificá-la para os dias atuais, é atuar no *grande tempo*. Assim, no que diz respeito à quarta categoria carnavalesca – a profanação – entende-se que, naquela época²³, a Igreja desempenhava um papel determinante na vida dos indivíduos e possuía um espaço de relevância dentro daquela sociedade, por isso, o profano mostra-se tão marcado, digno de uma categoria. Pensando na *Internet*, o profano pode ser compreendido hoje como as diferentes formas de romper tabus – satirizar o tradicional, questionar padrões, levantar discussões sobre dogmas empedrados no nosso tempo. (DM2).

A voz de Aragão é introduzida no parágrafo seguinte. A forma de transmissão da voz de Aragão confere a autoria de todo o trabalho de analogia, que até então estava sendo desenvolvida pela autora-mestranda, para a voz de Aragão: ele “comenta”, “descreve” e “equipara”. O efeito de sentido é de que todo o trabalho criativo de reelaboração discursiva da autora-pesquisadora é uma assimilação da voz de Aragão. Excerto 40:

Com esse panorama, do que se toma por carnaval, na perspectiva bakhtiniana, podemos pensar a *Internet* como sendo a **nova praça pública**, onde é possível localizar traços de carnavalização, o que aponta um caráter mais democrático²⁴. Aragão (2018) comenta justamente a respeito dessa realocação do conceito de praça pública para o ciberespaço. Ao descrever *tuitaços*, no *Twitter*, como meio de manifestação, Aragão (2018) equipara esse ato ao ocorrido em praça pública; enquanto, na praça física, isso se daria usando cartazes, cantigas e pinturas corporais, por exemplo, na praça digital, tal ato é organizado por meio de postagens de múltiplas semioses, as quais são agrupadas por meio do uso de *hashtags* (#).

Ademais, a rede tem sido o lugar do debate público, da discussão dos temas cotidianos e de relevância social, enfim, das polêmicas. No entanto, também não se pode assumir uma visão ingênua e desconsiderar que as polêmicas e os debates públicos são também pensados a partir de um agendamento, o qual está enredado às relações de poder. (DM2).

A voz de McCombs é usada com brevidade, para a introduzir as vozes de Nery e Temer, que são refratadas pelas vozes de Mendonça e Temer. O uso de *apud* implica “um dizer de” “pela voz de” retomada pela voz da pesquisadora da DM2, funcionando, assim, como vozes refratadas. Não há uma demarcação nítida das vozes. Excerto 41:

O conceito de agendamento pode ser recuperado a partir dos estudos de McCombs (2009), conforme mencionado nas Considerações Iniciais deste trabalho. Apenas a título de ampliação dessa perspectiva, compreende-se que a mídia atua como mediadora dos temas a serem colocados em destaque ao público, isto é, certos temas ganham notoriedade, sendo, desse modo, capaz de intervir na realidade social (NERY; TEMER, 2009:25 *apud* MENDONÇA; TEMER, 2015). (DM2).

Essa alteração da realidade social não se refere ao *quê* [*sic*] as pessoas devem pensar e, sim, sobre **quais temas** elas devem pensar. Assume-se, portanto, que

a mídia é um instrumento que constrói imagens do real para os sujeitos, pois estes não têm acesso a todos os acontecimentos do mundo. Os meios estabelecem um papel em que levam recortes para as pessoas, algo que altera suas percepções, em uma perspectiva mais abrangente, de forma que ao longo do tempo equacionam efeitos consistentes. (NERY; TEMER, 2015). (DM2).

Nesse excerto, a ênfase em negrito sobre “quais temas,” seguida de citação longa em recuo das vozes de Nery e Temer, está em relação com a teoria da agenda. Novamente, não está nítida a demarcação das vozes. Ao final da descrição da teoria, segue a referência autor-data de uma terceira voz, Padilha. A forma de assimilação dos discursos de outrem no movimento discursivo da autora mistura as vozes do comentador com as vozes principais, não deixando em evidência se essas vozes foram diretamente acessadas ou por meio da voz comentadora. Excerto 42:

Os primeiros passos da Teoria da Agenda²⁶ decorreram de Walter Lippmann, o qual defendia que a opinião pública é gerada por meio das notícias. A hipótese ganhou forma a partir dos estudos envolvendo as eleições presidenciais de 1970, nos Estados Unidos, em que se observaram as manobras da *mass media* (comunicação de massa) em promover temas-destaques que direcionavam as campanhas eleitorais da época (PADILHA, 2019).

Indo além da política, observa-se essa mesma postura nos veículos de comunicação em diferentes frentes. As redes sociais, hoje, ocupam o grande palco em que o público atua, regido pelos agendamentos promovidos pela mídia. Assim, as *trends* organizadas pelo *Twitter*, por exemplo, acabam orientando os principais assuntos do dia em um dado país.

Ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público. A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda do público de forma que ele se torna o foco da atenção e do pensamento do público – e, possivelmente, ação – é o estágio inicial da formação da opinião pública (McCOMBS, 2009, p.18). (DM2).

A DM2 apresenta seis vozes de comentadores. Entre elas, a voz de Bezerra é inserida para explicitar a definição conceitual de heterodiscurso; e a inserção da voz de Rodrigo tem a finalidade de “sintetizar” a noção de enunciado de Bakhtin. Ambas as vozes são estendidas do corpo do texto para a nota de rodapé, conferindo um certo tom de autoridade e/ou confiabilidade nelas e detalhamento delas. As vozes de Padilha, que comenta a teoria do agendamento, e de Campos, que comenta a noção de enunciado enquanto arena em Volóchinov, são breves. As demais vozes introduzidas de forma indireta são as de Konder e Santos. As fronteiras entre essas últimas vozes não estão nítidas, sendo, portanto, de difícil identificação.

A voz de Amossy, uma das vozes de base da DM2, é inserida nesta em relação dialógica com a teoria de agendamento nessa subseção e emoldurada pela voz da autora-mestranda. A voz de Amossy é inserida na forma de citação fragmentada e na forma de citação longa, em bloco com recuo. Excerto, 43:

Amossy (2017), apesar de não mencionar o agendamento, reconhece a forte presença do público nas mídias e sua participação na discussão pública, e o recorte, feito pelo jornalista, ao tratar a notícia: é notável a presença das mídias na “explosão do diálogo e [n]a interação direta na discussão pública.” (AMOSSY, 2017, p. 201). Observa-se, segundo ela, que as mídias representam “o suporte e o motor” (AMOSSY, 2017, p. 201), compondo um trânsito de opiniões contraditórias, constituindo, assim, um grande fluxo de discursos.

Do ponto de vista jornalístico, tal qual é analisado por Amossy, o papel do jornalista não tem se restringido a reportar o evento; ele tem construído a polêmica, ou seja, (DM2).

O interesse da autora-mestranda está voltado para a publicidade, mobilizando a abordagem de Amossy do ponto de vista jornalístico para um deslocamento. A autora da DM2 amplia o campo de visão do jornalismo para a publicidade. O movimento dialógico-discursivo conflui da similaridade de ambas as áreas da circulação e da promoção de polêmicas, mas com inversão de papéis: os usuários ou espectadores assumem o protagonismo dos jornalistas. No discurso autoral da DM2, vozes sociais participam do

diálogo constituindo novos sentidos na atividade da pesquisa (O dizer “falem mal, mas falem de mim” está ainda mais atual). Excerto 44:

É possível expandir esse olhar do jornalismo para a publicidade. Nota-se um interesse, por parte das marcas, em “dar o que falar”. O dizer “falem mal, mas falem de mim” está ainda mais atual. Com o grande alcance obtido por meio das redes sociais, percebe-se a adesão por parte dos usuários de eles mesmos promoverem a propaganda a acontecimento. São os espectadores que passam a atuar na rede, selecionando, ordenando e produzindo uma interação virtual, assim como Amossy pontuou acerca dos jornalistas (AMOSSY, 2017). (DM2).

A voz de Bakhtin é retomada novamente em citação fragmentada. O movimento dialógico está entre o ativismo dos internautas e os espectadores da cosmovisão carnavalesca tratada por Bakhtin. Excerto 45:

Essa participação dos internautas remete, mais uma vez, ao carnaval. Bakhtin (1987) apresenta o carnaval como sendo o lugar em que os limites entre ator e espectador são borrados, considerando que “(...) o carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. (...) Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para *todo o povo*.” (BAKHTIN, 1987, p. 06, grifos originais). (DM2).

O discurso autoral da DM2 assimila e reelabora as vozes inseridas, lançando uma nova interpretação sobre o objeto de pesquisa, sem necessariamente contra-argumentar ou polemizar. Excerto 46:

Sendo assim, ao lançar um anúncio publicitário, aquela empresa ou marca, coloca-se na praça pública de modo a abrir-se para as produções que se seguem acerca dela, caracterizando as reações-respostas ativas em forma de memes, vídeos, posts, tweets, stories, reels, etc. –, da ridicularização, do debate, enfim, o enunciado passa a integrar uma grande arena discursiva composta por espectadores, marca/empresa, às vezes, sistema judiciário, e todos aqueles que são convocados para o debate. (DM2).

A DM2 é fortemente marcada por vozes de comentadores e por vozes refratadas com o uso de *apud*, apontando para a interpretação autoral da pesquisa apoiada e orientada pelas interpretações de comentadores – posicionamentos de outras vozes sobre outras vozes. Especificamente, as vozes dos comentadores foram ativas na constituição e reelaborações discursivas, na medida que contribuíram nas reflexões e constantes atualizações conceituais do discurso autoral nesse quadro teórico da DM2. No entanto, alguns movimentos dialógico-discursivos ofuscaram as fronteiras dessas vozes, rompendo com as restrições

institucionalizadas e regradas de demarcações claras entre as vozes discursivas nos gêneros epistemológicos, mas sem prejuízos para a contribuição singular e relevante da pesquisa.

O subcapítulo reservado para a abordagem da retórica e desenvolvimento do pensamento de Amossy é marcado pelo constante apoio ao recurso do uso de *apud* mediante a voz de Amossy. As vozes de época (Aristóteles, Descartes e Schopenhauer) são inseridas com a finalidade de desenvolver um percurso da antiga retórica até a nova retórica, culminando com o estudo de Amossy sobre a polêmica. O primeiro movimento parte da etimologia da palavra polêmica, que é retomada, detalhadamente, após cinco páginas pela orientação de Amossy. A voz de Amossy orienta todo o percurso nesta subseção. Excerto 47:

2.3 DA RETÓRICA AO DISCURSO POLÊMICO

Os primeiros passos, do que hoje tomamos por *polêmica*, remontam à Grécia Antiga. O próprio termo tem origem na palavra grega *polemikós*²⁷, e tem como significado “relativo à guerra”²⁸. Contudo, apesar dessa denotação bélica, os primeiros estudos da polêmica assentam-se na retórica, “a arte de falar bem”. [Após cinco páginas]

Retomando esse percurso, porém, pelos olhos de Amossy (2017), tem-se que, ao recorrer à etimologia da palavra, a pesquisadora francesa aponta que o termo remonta à concepção grega de conflito bélico, *polemikos* (p. 44). A partir dessa noção de polêmica enquanto guerra³⁸, subentende-se que o objetivo de um confronto verbal seria, conseqüentemente, “a morte simbólica do adversário” (FELMAN, 1979, p. 187 apud AMOSSY, 2017, p. 44), o que permite uma visão negativa do que vem a ser a polêmica em si. (DM2).

Nesse excerto está entrelaçada a voz de Felman mediante a voz de Amossy (“a morte simbólica do adversário”). As constantes refrações de vozes marcam a constituição desse percurso pela visão da retórica, totalizando seis vozes resgatadas e refratadas pela voz de Amossy, com o uso de *apud*, o que confere a Amossy o papel de fonte dessas outras vozes⁴³.

A voz de Santos refrata duas vozes em duas ocorrências. As vozes de Sócrates e Platão são refratadas por Santos. A voz da autora-pesquisadora parafraseia a interpretação de Santos acerca das vozes de Sócrates e Platão. É uma forma de molduragem interpretativa de vozes refratadas. Excerto 48:

Um dos gregos que explorou esse recurso foi Sócrates. O filósofo ateniense interessava-se em alcançar a Verdade por intermédio de perguntas feitas ao respondedor; portanto, a relação estabelecida dentro do jogo dialético tinha como denominador comum buscar a Verdade, apesar do dissenso entre os interlocutores. A partir desse diálogo, iniciado mediante a uma afirmação

⁴³ Conferir, no subcapítulo desta tese sobre a identificação de vozes, o quadro 8 (vozes refratadas por outra voz).

irônica, ocorria, o que Sócrates denominava o “parto das ideias”, isto é, a maiêutica. Do mesmo modo Platão, seu discípulo, concebeu a dialética: um sistema em que seria possível purificar a ciência retirando a subjetividade, como a percepção e a opinião, almejando uma apreensão intelectual desprendida de todo o aparato não-racional (SANTOS, 2013). Esse método, sob o prisma platônico, compreende a dialética como sendo o próprio ato de filosofar, no qual é possível gerar conhecimento. (DM2).

A voz de Santos está justaposta em linha tênue à voz de Konder (comentarista). Esse entrelaçamento das vozes constitui um hibridismo de difícil identificação discursiva. Excerto 49:

A dialética, segundo Konder (2017 [1981]), na Grécia Antiga, era “a arte do diálogo”, a qual, ao longo do tempo, passou a ser considerada como uma arte capaz de identificar, por meio do diálogo, os argumentos que fundamentam uma tese. Essa visão permite a concepção da dialética como um método de conversação baseado em perguntas e respostas, principalmente, de natureza filosófica. Dentro dessa prática, o que se busca é o estabelecimento de um *jogo dialético*, em que há um *indagador* e um *respondedor*, a fim de, por meio de indagações, conduzir as respostas do respondedor ao limite de seus argumentos sobre certo tema (SANTOS, 2013). (DM2).

A voz de Aristóteles, no entanto, é inserida em discurso direto, nas formas de citação fragmentada, em três linhas e em bloco com recuo, com inserção de exemplos clássicos de premissas aristotélicas e de analogia. Excerto 50:

O *logos*, por outro lado, age sob o aspecto intelectual da persuasão. O que está em jogo, nesse caso, é o valor de verdade, ou o que parece ser verdadeiro, dentro do discurso. Isso é obtido via raciocínio lógico, o qual é viabilizado pelo silogismo, pelo entimema ou pela analogia. Segundo a retórica de Aristóteles, todas as três categorias compõem o encadeamento de proposições lógicas. A primeira trata-se da conclusão a partir de premissas como, o exemplo clássico,

Todos os homens são mortais.
Sócrates é homem.
Logo, Sócrates é mortal.

A segunda, o entimema, diz respeito a um silogismo de efeito retórico, ou, em outras palavras, uma das premissas é implícita. Exemplificando:

Joaquim é advogado, logo, Joaquim tem formação universitária.

Por fim, a última, a analogia, é quando há uma relação de semelhança entre os fatos, o que torna a conclusão lógica:

Se aquele remédio fez bem para ele, fará bem para mim, também. (DM2).

O movimento dialógico-discursivo prossegue para a marca da singularidade autoral da pesquisadora, com marcador de pessoalidade (“ousar afirmar”) e atualização da voz de época pela voz da mestrandia na contemporaneidade, orientada para o objeto. A argumentação da autora-pesquisadora sempre considera seu interlocutor (leitor), sendo, assim, dialógica. Há uma articulação da voz de outrem no discurso da autora-pesquisadora direcionada ao objeto e ao leitor, uma tríade específica (outrem, objeto, leitor). Excerto 51:

O uso afirmar que a analogia é amplamente utilizada pela propaganda, considerando a construção de uma história, com personagens, cenário, enredo, próprios para aproximar-se da realidade do auditório, a fim de persuadi-lo/convencê-lo da necessidade de determinado produto, prometendo-lhe aquele mesmo status, aquelas mesmas condições conquistadas pelos envolvidos na peça publicitária. Neste ponto, faz-se necessário estabelecer a distinção entre convencer e persuadir, apresentada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]): convencer é mais que persuadir, visto que – tomando emprestados os termos da Semiótica – convencer é /fazer-criar/, enquanto persuadir é /fazer-fazer/. (DM2).

As vozes Perelman e Olbrechts-Tyteca, representantes da nova retórica, são inseridas nas formas de discursos direto e indireto com uma intersecção com a voz de Amossy até a refração de suas vozes. Excerto 52:

Em resposta a esse entendimento e visando um resgate das reflexões aristotélicas, Perelman & Olbrechts-Tyteca voltaram-se à retórica, porém, buscando uma atualização: “É evidente, entretanto, que nosso trabalho de argumentação ultrapassará, em certos aspectos – e amplamente –, os limites da retórica antiga, ao mesmo tempo em que deixará de lado outros aspectos que haviam chamado a atenção dos mestres de retórica.” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005 [1958], p. 6). Sob essa perspectiva, tem-se que o objetivo maior dessa publicação é romper com a concepção de razão e raciocínio advinda de Descartes, articulando a velha tradição marcada pelas premissas gregas acerca da retórica e da dialética e essa nova retórica. Contudo, conforme pontuado, para Perelman & Olbrechts-Tyteca, bem como para os pioneiros da retórica, o debate bem-sucedido era aquele em que as partes visavam o acordo. Amossy (2017) sintetiza bem ao expor esse aspecto dos filósofos belgas:

Devemos notar que o acordo recebe um lugar privilegiado em Perelman, na medida em que se torna a pedra de toque da racionalidade. Na verdade, é o acordo dos espíritos sobre o que parece aceitável que funda na razão um posicionamento ou uma opinião. Nessa perspectiva, a busca pelo consenso compreende questões ao mesmo tempo filosóficas e sociais. Isso significa que o *dissenso* deve ser superado a todo custo, sob pena de falhar aos critérios da razão e de fazer a comunidade afundar na discórdia na divisão e, até mesmo, na luta armada. (AMOSSY, 2017, p. 22, grifo original). (DM2).

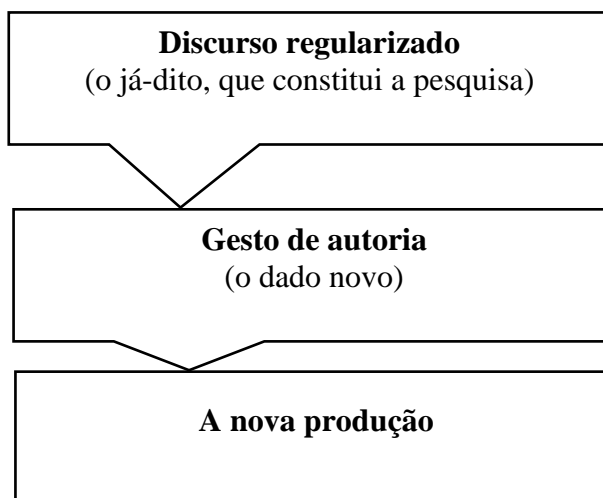
A voz de Amossy apresenta a voz de Perelman em relação dialógica de discordância. São vozes discordantes no interior do enunciado retomado, mas cuja contraposição não provoca um contra-argumento da autora-mestranda. A noção de democracia apresentada, inicialmente, pela cosmovisão carnavalesca, redirecionada para as redes sociais da internet, é apresentada pelo posicionamento de Amossy, que propõe o entendimento da polêmica em tom positivo e de maneira integrada à democracia. O uso de negrito pela autora-mestranda enfatiza uma atitude valorativa na relação com seu objeto – o discurso polêmico nas mídias digitais. Excerto 53:

Essa acepção vai de encontro com o posicionamento de Amossy (2017) de assumir a polêmica como **marca da democracia**. Amossy (2017) ambienta a polêmica como sendo uma **modalidade argumentativa**, uma vez que ela atravessa diversos gêneros discursivos, tais como o panfleto, o artigo de opinião, e, mais atualmente, o *post*, o *tweet*, a *live* e o comentário online, para citar apenas alguns outros exemplos. Do mesmo modo, a polêmica invade diferentes campos, como o jornalístico, o político, o religioso, o publicitário, entre outros. (DM2).

Após uma sequência de constantes retomadas de vozes através da voz de Amossy pelo recurso de *apud*, o movimento discursivo de justificativa evidencia a relevância do estudo do objeto de pesquisa, tomada de posicionamento autoral na constituição do quadro teórico. Os argumentos da autora-mestranda foram sustentados pelas vozes de autoridade, que estão nitidamente marcadas pela autora. Essas vozes legitimam o discurso da autora-pesquisadora, que está em constante movimento de deslocamentos de sentidos e de ampliação conceitual do conteúdo ideológico do conhecimento acadêmico e científico. No desenvolvimento do diálogo, os sentidos são renovados em um novo contexto (Bakhtin, 2017b [1970-1974]), com constante renovação de sentidos, atualizados no novo contexto de interpretação do objeto de estudo da atividade de pesquisa da DM2, que envolve novos meios de interação e de compreensão de mundo, ligados às vivências sociais dos “ciberespaços” na contemporaneidade globalizada.

No tripé do discurso científico regularizado, a discussão teórica se constitui, e do novo dado do gesto de autoria uma nova produção discursivo-científica é proposta e inscrita.

Figura 9 - Tripé arquitetônico



Fonte: Elaboração nossa.

Os dados apontam para uma triangulação da visão autoral (sujeito, sociedade e cultura) nos quadros de fundamentação teórica de ambas as dissertações. O objeto de pesquisa, criado a partir do ponto de vista autoral, é valorado e afirmado pelo/a autor/a da pesquisa na interação com as vozes. Há uma forte relação entre produção do conhecimento e conjuntura atual, evidenciada ao verificarmos os autores com quem os pesquisadores das duas dissertações dialogam nos quadros teóricos (e os modos como são feitos tais diálogos), desvelando as condições ideológico-científicas. No entanto, os gestos autorais se constituem diferentemente. Na DM1, o evento interpretativo constitui gestos de autoria de reacentuação em tom crítico, em um cenário discursivo de arena ideológico-epistemológica, que leva à instauração de um contra-argumento e do ato de nomeação. Na DM2, o evento interpretativo constitui gestos de autoria de criatividade, em processos de modificação, de atualização e de deslocamento de sentidos em tom argumentativo, mas não polêmico.

Sob a função de fundamentar o trabalho de dissertação de mestrado, na DM1 o discurso de outrem (de autoridade) foi orientado pelo autor-pesquisador para validar o seu lugar de pertencimento teórico, marcando um lugar ideológico, ao passo que validou o afastamento de um outro lugar ideológico. A instabilidade inicial, ocasionada pela voz dissonante, instaurou um movimento de contra-argumento do autor-mestrando, elaborando discursivamente a criação de quadros de vozes de época, em relações dialógicas com vozes contemporâneas, favoráveis ao desenvolvimento da construção de sua argumentação. O ponto de vista do autor-pesquisador cria seu objeto de pesquisa localizado no espaço epistêmico da filosofia da linguagem. A posição autoral da DM1 apresentou movimentos com o estabelecimento de relação dialógico-discursiva com vozes dissonantes, que mobilizaram o

pensamento crítico, a criação de conceitos e o favorecimento do método. No entanto, tais movimentos que desencadeiam criticidade e contra-argumentos são recorrentes em posições autorais de pesquisadores maduros, mas incomuns em jovens pesquisadores.

O contra-argumento funciona como mobilizador nesse quadro da DM1, instaurando bivocalidade, o que nos levou a verificar que o autor dessa dissertação de mestrado parte da molduragem de reacentuação do discurso de outrem, com movimento dialógico-argumentativo crítico favorecendo seu ponto de vista. Nesse movimento de se posicionar, o autor também considera o seu interlocutor (leitor ativo). A autoria, nesse sentido, interfere no espaço do interdiscurso e antecede resposta à possível reação de seu leitor ativo. Nessa dissertação, a produção do conhecimento se deu dialogicamente em contraposição a vozes e pontos de vista, em contraponto a sentidos sobre o objeto saturado de valores e de ideologia de princípios científicos, renovados e nomeados pelo autor-pesquisador.

Na DM2, o discurso de outrem (de autoridade) foi orientado pela autora-pesquisadora por uma série de refrações, mas também com atualização e ampliação do discurso de outrem na criação do seu objeto de pesquisa no contexto da contemporaneidade. A assimilação e a reelaboração do discurso de outrem foram mobilizadas nas formas de molduragens (re)interpretativas, com renovação de sentidos no novo contexto da atividade da pesquisa. Não foram evidenciadas formas de molduragens de reacentuação crítica, de um discurso de contra-argumento da autora-pesquisadora, como ocorrido no gesto de autoria da DM1. A interação de vozes discordantes retomadas pela autora da DM2 não levou a instabilidade para a instauração de um contra-argumento da autora. Essa interação ficou limitada ao contexto de discordância original entre essas vozes, não ultrapassando para o contexto autoral da dissertação. Nesse quadro, os movimentos dialógico-discursivos mostraram estabilidade, refração e criatividade científica na reelaboração teórica no espaço-tempo do objeto de pesquisa relacionado com a historicidade e o social do contexto da contemporaneidade do espaço-tempo virtual das mídias sociais.

Compreendendo que as formas das relações dialógicas são diversas, como preconiza a teoria dialógica, considerando o movimento dialógico de desacordo-acordo (DM1) e de acordo-complemento (DM2), vê-se que ambas as fundamentações apresentam avanço na discussão acadêmico-científica, com estilos individuais de inscrição de gestos autorais e formas diferentes de inscrição de suas vozes autorais, de suas assinaturas na arquitetura autoral, indissociáveis de valores, de valoração científica. A triangulação da visão autoral, que engloba o sujeito, a sociedade e a cultura, emerge como um fio condutor nas fundamentações

teóricas das dissertações, onde os sentidos são renovados e atualizados, alinhados com os contextos contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trajeto teórico e metodológico procede das especificidades apontadas pelo *corpus*, assim como das categorias movimentadas na análise em função do objeto de pesquisa – os gestos de autoria de mestrados. Considerando a complexidade do processo autoral na construção de dissertações de mestrado, especialmente no espaço da fundamentação teórica, a identificação das vozes e dos pontos de vista foi indispensável, uma vez que as vozes são posições de sentido no contexto de valores científicos e os pontos de vista são interpretações sobre determinado objeto de discurso. Na identificação das vozes, em suas formas de transmissão do discurso de outrem (as formas como as vozes foram retomadas e inseridas na fundamentação) e de pontos de vista, foi possível avaliar com quais vozes (posições teóricas) o/a mestrando/a sustenta sua pesquisa, aproxima-se ou distancia-se e usa posições valorativas, agregando a categoria valoração. Os movimentos dialógicos e discursivos possibilitaram analisar as relações dialógicas com as vozes, os movimentos discursivos marcados em enformação linguística. Nesses movimentos estão as formas de molduragens interpretativas, que seguem no processo de assimilação, reelaboração e reacentuação do discurso de outrem pelo autor da pesquisa no texto.

A Dissertação de Mestrado 1 (DM1) apresenta uma abordagem em que o autor-pesquisador, ao confrontar-se com a voz dissonante, não apenas reage com um contra-argumento, como também recontextualiza seu objeto de pesquisa e dialogicamente constrói quadros de vozes de época. Esse gesto de autoria, além de validar o posicionamento do ponto de vista do autor-pesquisador, também introduz uma dimensão de pensamento crítico, reconfigurando a argumentação para uma arquitetônica do ato de nomeação conceitual. Modifica, assim, o discurso sedimentado da esfera. Por outro lado, a Dissertação de Mestrado 2 (DM2) apresenta o modo de inscrição da voz autoral diferente, com o processo de assimilação e reelaboração do discurso de outrem pela autora-pesquisadora, sem necessariamente engajar-se em contra-argumento-argumento. Aqui, no eixo dialógico de acordo-complemento, a criatividade científica se manifesta no gesto da autora de refletir e refratar as vozes em molduras interpretativas que enriquecem seu objeto de pesquisa no contexto das mídias sociais contemporâneas.

A partir dos resultados alcançados na análise do *corpus* das duas dissertações, constatou-se que não há o apagamento da voz autoral, mas diferentes gestos de autoria. Há a inscrição das vozes dos mestrados nas fundamentações teóricas, que são inscritas de modos diferentes na dissertação 1 (DM1) e na dissertação 2 (DM2), com avanço na discussão em

movimentos de discordância-concordância (DM1) e concordância-complemento, ou seja, duas formas de relações dialógicas distintas. Respondendo à questão de pesquisa (Como se dão os gestos autorais de jovens pesquisadores nas fundamentações teóricas de dissertações?), os gestos autorais se constituem de modos diferentes no evento interpretativo: gesto de criatividade e gesto de criticidade, marcando modos variáveis da inscrição dessas vozes autorais. Portanto, as duas dissertações em foco revelam estilos individuais de modos de compreensão, de relação com as vozes do meio acadêmico-científico e com as discursividades em constante mudança.

Quanto à limitação metodológica, além da complexidade da extensão do *corpus* (textos densos e longos), a análise dos movimentos dialógico-discursivos voltada para a dimensão do dialogismo interdiscursivo ocasiona restrição. Para uma futura investigação, recomendamos considerar a articulação da dimensão do dialogismo interlocutivo, procedimento que poderá ampliar a compreensão dos gestos de autoria na análise dialógica do discurso acadêmico e científico contemporâneos. É possível que a diversificação do *corpus* em áreas de conhecimento distintas e por gêneros discursivos distintos, com a integração do duplo dialogismo bakhtiniano, promova uma compreensão mais aprofundada do gesto de autoria.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. 1. ed. São Paulo: Musa, 2004.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski [1929-1963]**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Teoria do romance I: A estilística [1934-1935]**. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Os gêneros do discurso [1952-1953]**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, diálogos II [1952-1997]. *In*: BEZERRA, Paulo (org., trad., Posfácio e notas); BOTCHAROV, Serguei (notas da edição russa). **Os gêneros do discurso/Mikhail Bakhtin**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Para uma filosofia do ato responsável [1920-1924]**. 3. ed. Tradução de Valdir Miotello; Calos Alberto Faraco. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE/UFSCar. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017a.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas [1970-1974]**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski [1929-1963]**. 1. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2022.
- BESSA, José Cezinaldo Rocha. Formas de presença da palavra alheia em artigos científicos de jovens pesquisadores. **Revista Trama**, v. 13, n. 28, p. 143-178, 2017. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v13i28.15382>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/15382>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- BESSA, José Cezinaldo Rocha. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. **Raído, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, [S. l.], v. 11, n. 27, p. 23-41, 2017. DOI: 10.30612/raido.v11i27.5647. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5647>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- BEZERRA, Paulo. Breve glossário de alguns conceitos-chave. *In*: BEZERRA, Paulo (trad.); BOTCHAROV, Serguei; KÓJINOV, Vadim (org. da edição russa). **Teoria do romance I: A estilística/Mikhail Bakhtin**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006a.

BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, Niterói, v. 11, n. 20, p. 47-62, 1. sem. 2006b. Disponível em <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em: 6 set. 2022.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012a. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BRAIT, Beth. Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 85-97, dez. 2012b. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2012000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 set. 2022.

BRAIT, Beth. Estilo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BRAIT, Beth. **Na ponta da língua, o texto mostra o discurso**. Aula inaugural 2022 - PPGL-FURG - 25/04/2022 [online]. Transmissão pelo Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z17v91QVxnk&list=PLSIXURkHjuZtb9hySDJSd3uC8woJ0Y41n&index=3&t=318s>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho de Ensino Superior (CNES). **Parecer N° 977, de 3 de dezembro de 1965**. Definição dos cursos de pós-graduação. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/parecer-cesu-977-1965-pdf/view>. Acesso em: 29 ago. 2023.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2021.

BUBNOVA, Tatiana; BARONAS, Roberto Leiser; TONELLI, Fernanda. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], n. 6, p. 268-280, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/7286>. Acesso em: 3 out. 2022.

CLARK Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramática. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 129-p.144, jan./jun. 2008. DOI: 10.12957/matraga.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 23-39, 2º sem. 2009. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3010/194>. Acesso em: 6 nov. 2019.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 116-132, 1º sem. 2011. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/5185>. Acesso em: 5 maio 2020.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O outro no discurso: representação e circulação. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. esp., p. 353-379, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9423/6777>. Acesso em: 4 de abril, 2019.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Discurso outro e discurso próprio em textos acadêmicos. *In*: ZANDWAIS, Ana; VIDON, Luciano (org.). **A pesquisa sob o enfoque dos estudos do Círculo de Bakhtin**. Vitória (ES): EDUFES, 2019a. p. 173-204.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Linguagem, diálogo, ponto de vista, interpretação: uma leitura de artigos de opinião. *In*: BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; FRANCELINO, Pedro Farias (org.). **Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)**. São Paulo: Pontes Editores, 2019b. p. 153-181.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Artigos acadêmicos da área de história: heterovocalidade, diversidade composicional e estilística. **Revista Investigações**, v. 33, n. 2, p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2020.247674>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/247674>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Embate de pontos de vista em tempos de pandemia: negacionistas versus cientistas. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, e600, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.V2.N4.ID600.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1853.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FRANÇOIS, F. Essai: “quelques points de vue” personnels sur des “points de vue” exprimés dans quatre quotidiens au sujet du meeting marseillais de Nicolas Sarkozy (dimanche 19 février 2012). *In*: CARCASSONNE, M. *et al.* **Points de vue sur point de vue: un essai de réflexion collective**. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 257-314.

FRANÇOIS, F. Sur le dialogue et l'interprétation, un point de vue. **La linguistique**, v. 49, n. 1, p. 135-161, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3917/ling.491.0133>. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-linguistique-2013-1-page-135.htm>. Acesso em: 20 out. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GERALDI, João Wanderley. Notas. *In*: VOLÓCHINOV, V. N. (Do Círculo de Bakhtin). **A construção da enunciação e outros ensaios**. João Wanderley Geraldi (org., trad., notas); Valdemir Miotello (edição, supervisão da trad.). São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. p. 138.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Glossário. *In*: BAKHTIN, M. **Problemas da obra de Dostoiévski** [1929]. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo (Tradução, notas e glossário). Ensaio introdutório e posfácio de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2022. p. 353-377.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Glossário. *In*: VOLÓCHINOV, V (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe/UFSCar). **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. Aline Maria P. Manfrim Covre; Eduardo Eide Nagai; Valdemir Miotello (org.). Cadernos de estudos I para iniciantes. 2. ed. São Carlos: Editora Pedro & João, 2019.

LATOURET, Bruno; FABBRI, Paolo. La rhétorique de la Science : pouvoir et devoir dans un article de science exacte. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, [S. l.], v. 13, n. thématique (L'économie des biens symboliques), p. 81-95, février 1977. DOI <https://doi.org/10.3406/arss.1977.3496>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1977_num_13_1_3496. Acesso em: 5 maio 2020.

LIAPUNOV, Vadim. Notas. *In*: BAKHTIN, M. M. **Para a filosofia do ato** [1920-1924]. Tradução de Carlos Alberto Faraco; Cristóvão Tezza. Tradução não revisada para fins didático e acadêmico. s/d.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopo e exotopia. *In*: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 203-234.

MARKOVÁ, Ivana. Challenges to Dialogical Science. *In*: MÄRTSIN, Mariann *et al.* **Dialogicality in focus**: challenges to theory, method and application. (Psychology research progress). New York: Nova Science Publishers, 2011. p. 65-76.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica [1928]. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

NININ, Maria Otília Guimarães. Tecendo o discurso científico: das estratégias retóricas à comunidade discursiva. *In*: SEMINÁRIO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM (PPGCL) UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO (UNICAP), 2019, Recife.

NININ, Maria Otília Guimarães. Letramento Acadêmico: a tensão no processo de escrita no ensino superior. *In*: FAZZI, R. de C.; LIMA, J. A. de (org.). **Campos das Ciências Sociais**:

figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 168-186.

PAVEAU, Marie-Anne. La norme dialogique: propositions critiques en philosophie du discours. **Semen** [Online], n. 29, p. 141-159, 24 janvier 2010. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.8793>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/semen/8793>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PONZIO, Luciano. **Visões do texto**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

PRIVAT, Jean-Marie; SCARPA, Marie. Dialogisme (Bakhtine). **Pratiques** [online], p. 183-184, 30 décembre 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/6752>. Acesso em: 21 nov 2022.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral** (1916). São Paulo: Cultrix, 2006.

SIBLOT, Paul. Nomination et point de vue: la composante déictique des catégorisations lexicales. In: GEORGETA Cislaru (dir.). **L'acte de nommer**: une dynamique entre langue et discours. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2007b. p. 25-38.

SIBLOT, Paul. Du dialogisme de la nomination (2003). In: Cassanas, Armelle *et al.* (coord.). **Dialogisme et nomination**. Montpellier: Parxiling, 2007a. p. 331-340.

SILVA, Denise Gomes da. A construção do ponto de vista em comentários *on-line* no Facebook. **Revista Investigações**, v. 34, n. 2, p. 1-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2021.248451>.

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. **Revista Bioethikos**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 121-126, 2009.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Linguagem**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016. DOI: 10.14393/DL23-v10n3a2016-15.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

VOLOCHÍNOV, Valentín Nikoláievitch. (Do Círculo de Bakhtin). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi; Edição e Supervisão da tradução de Valdemir Miotello. São Carlos, Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.